

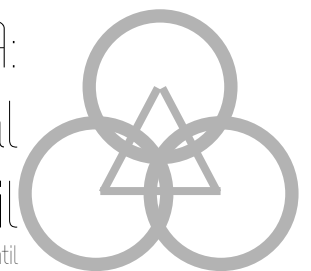


academico | Francis Junior Barbosa da Silva
orientadora | MSc. Rúbia Carminatti Peterson

REQUALIFICAÇÃO DO INSTITUTO
FEDERAL CATARINENSE CAMPUS
SANTA ROSA DO SUL
uma relação de moradia

TEMA:
Requalificação Institucional
e Habitação Estudantil

requalificação - complexo - federal - alojamento estudantil



Dedicatória

A escolha de tal tema, unindo habitação, institucional e urbano se faz acontecer após anos de encantamento com cada matéria de projeto realizada no curso de arquitetura e urbanismo, entra muitas dúvidas e certezas, um dos maiores e mais importantes palcos de minha vida se faz presente. Dedico então este grande e ainda assim tão raso trabalho, com imenso potencial privado pelo tempo e pelo medo:

Ao Instituto Federal Catarinense, famosa agrotécnica, que me fez crescer, amar, lutar e vencer.

Aos agricólinos que estiveram ao meu lado durante os anos de instituto e aos que continuam até hoje ao meu lado, presentes nas batalhas pessoais que lutei.

E à mim mesmo, homem-menino, que não acredita ter chego à tal etapa importante da graduação, futuro arquiteto e urbanista e quem sabe mestre. Pelas batalhas, pelas vitórias e principalmente derrotas que fazem a maturidade acontecer, pois este trabalho foi uma delas, uma batalha da qual sai vitorioso e derrotado, mas feliz por saber que cumpri meu papel dando o máximo de mim.

Agradecimentos

Durante meus anos de vida, minha trajetória até a universidade, meus anos de graduação e mais específico este semestre de TCC, muitas pessoas estiveram na minha vida e passaram por ela, mas algumas foram essenciais para o meu amadurecimento, principalmente neste último semestre e também para este trabalho, sendo assim:

Aos meus pais, Elisete Vieira Barbosa e Francislei Martins da Silva por sempre me darem apoio e base para seguir meus sonhos e correr atrás dos meus objetivos, sem vocês nunca poderia ter alcançado os tantos objetivos que conquistei até o dia de hoje, assim como os do amanhã.

À minha família, por sempre me levantarem e apoiarem em todos os momentos de minha vida, em especial aos amores da minha vida, Diogo Barbosa da Silva e Ana Clara Barbosa Teixeira que me fazem sorrir todos os dias e ter paixão pela vida.

Ao meu “chefe” e “patrão” Carlos Alberto Silva, por aceitar me orientar mesmo não acontecendo, por confiar o seu laboratório à mim e proporcionar a docência à um mero estudante.

À tantos professores do curso de arquitetura e urbanismo, que por mais que pequena que tenha sido a sua ação, fizeram com que eu nunca desistisse ou tivesse outra visão da arquitetura, Aline Eyng Savi, Elaine Guglielmi Pavei, Elizabeth Maria Campanella de Siervi, Jacinta Milanez Gislou, João Silva Rieth, Larissa Carvalho Trindade, Patricia Montagna Allem e outros que se acharem merecedores.

À minha banca de TC I, as professoras já citadas mas que acredito ser necessário frisar pela importância que foram em minha trajetória acadêmica, sua dedicação ao curso e ao lecionar e principalmente pela correção e considerações sobre o trabalho.

Aos meus pequenos alunos que conheci lecionando em sala de aula e “fazendo mais que meu dever na maquetaria” como eles sempre disseram, saibam que não foi obrigação, mas sim um prazer ajudá-los, em especial aos que se tornaram grandes amigos ou filhos. Gianluca de Lorenzi Canever, Joelma de Freitas Peruchi, Karoline da Silva dos Santos, Maria Eduarda Pinto Della Vechia e Nathália Borsatto Dagostin, pequenos que acompanhei desde que entraram na faculdade.

Aos meus queridos, importantes, grandes e espero, eternos amigos, que se tornaram minha base, me seguraram e me fizeram seguir em frente, em especial neste último semestre, Daniela Córdova Gomes, Joanna Salvador Damian, Monike Tezza Pavan e Thierry Ghisleri Minatto.

Por fim, mas não menos importante, pelo contrário, talvez a pessoa que mais tenho à agradecer, entramos juntos, eu como aluno e ela como minha primeira professora, cruzamos nossos caminhos pela graduação algumas vezes, chegando até o presente trabalho com sua orientação. Não tenho palavras para descrever como gostaria de agradecer tudo o que foi nestes cinco anos e principalmente neste semestre, as lições de vida, as chances, as palavras que me levaram para frente ou seguraram minhas lágrimas. Já disse tais palavras e as repito, és a pessoa que mais acreditou em mim e disse quão grande poderia ser meu potencial, mais que eu mesmo. Rúbia Carminatti Perterson.

Obrigado!

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 apresentação do tema.....	10
1.2 estrutura do trabalho.....	12
1.3 problemática.....	13
1.4 justificativa.....	15
1.5 objetivos.....	16
1.5.1 objetivo geral.....	16
1.5.2 objetivos específicos.....	16
1.6 metodologia.....	17
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1 AGROPECUÁRIA.....	20
2.1.1 agricultura familiar.....	21
2.2 ensino técnico.....	22
2.2.1 histórico.....	23
2.2.2 modalidades.....	25
2.2.3 histórico.....	26
2.3 Rede federal de ensino.....	30
2.3.1 a rede.....	31
2.3.2 histórico dos IF.....	32
2.3.3 expansão da RFE.....	34
2.3.4 reforma da Rede Federal de Ensino.....	35
2.3.5 RFEPCT em SC.....	36
2.3.6 arquiteturas.....	37
2.4 HABITAÇÃO ESTUDANTIL.....	38
2.4.1 contextualização.....	39
2.4.2 histórico.....	40
2.4.3 habitações no exterior.....	41
2.4.4 habitações no Brasil.....	42
classificação das habitações no brasil.....	42
A - residência estudantil.....	43
B - república estudantil - B.....	43
C - casa autônoma de estudante.....	44
D - vila estudantil.....	44
E - alojamento estudantil.....	45
2.4.5 habitações in campi.....	45
2.4.6 nos IFC.....	46
2.4.7 relação de moradia.....	46

2.4.8 arquiteturas.....	47
3. APRESENTAÇÃO DO RECORTE.....	52
3.1.1 escala regional.....	54
3.1.2 escala municipal.....	55
3.1.3 escala rural.....	56
3.1.4 escala do recorte.....	57
Recorte 1 - área técnica 1.....	59
Recorte 2 - área técnica 2.....	60
Recorte 3 - ensino médio e apoio institucional.....	61
Recorte 4 - área esportiva.....	62
Recorte 5 - área habitacional.....	63
4. LEVANTAMENTOS.....	64
4.1 entorno.....	66
4.2 manchas.....	67
4.3 micro-manchas.....	69
4.4 análise dos problemas.....	71
5. INTENÇÕES PROJETUAIS.....	72
5.1.1 relação vila X complexo.....	74
5.1.2 reconexão do complexo.....	75
5.1.3 readequação de usos.....	76
5.2 programa de necessidades.....	77
6. REFERENCIAIS PROJETUAIS.....	78
6.1 escala do complexo.....	80
6.2 escala da arquitetura.....	81
7. PARTIDO.....	82
7.1 recorte de intervenção um - praça de integração (vila X complexo).....	84
7.1.1 relação vila X complexo.....	85
7.2 recorte de intervenção dois - praça dos estudantes.....	86
7.2.1 praça dos estudantes - entorno.....	87
7.2.2 praça dos estudantes - partido.....	88
7.2.3 alojamento feminino.....	90
7.2.4 alojamento masculino.....	92
7.2.5 conexão dos alojamentos masculinos.....	94
7.2.6 estudo, saúde e lazer.....	96
7.3 recorte de intervenção três - praça de conexão (moradiaXfaculdade; estudoXesporte).....	98
7.3.1 praça de conexão (moradiaXfaculdade) (estudoXesporte).....	99
7.8 relação vila X complexo.....	100
8. REFERÊNCIAS TEÓRICAS.....	102

Lista de Figuras

FIG. 01 - MATRÍCULAS NO ENSINO EM SANTA ROSA DO SUL; FONTE: IBGE.....	16	FIG.24 REGULARIZAÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO	
FIG. 02 - ANÁLISE DAS PROVAS 2016 - 2018 IFC - SANTA ROSA DO SUL:.....	16	ENG. REITORIA.....	52
FONTE: IFC.EDU.BR ADAPTADO PELO AUTOR.....	16	FIG.25/27/28 INTERIOR ALOJAMENTO ASCULINO - AUTOR.....	53
FIG. 03 IMAGEM AÇUDE E SALAS DE AULAS IFC - SANTA ROSA DO SUL.INFORMATIVO.IFC.EDU.BR.....	31	FIG. 29 INTERIOR.....	53
FIG. 04 LINHA DO TEMPO. HISTÓRICO DA RFE NO BRASIL.....	34	OS BLOCOS MASCULINOS.....	53
FONTE: PORTAL.IFAC.EDU.BR.....	34	- AUTOR.....	53
FIG. 05 GRÁFICO EXPANSÃO RFE. MEC.....	36	FIG.25 PLANTA BAIXA ALOJAMENTO MASCULINO.....	53
FIG.06 MAPA IFC EM SC.....		IFC - SRS.....	53
IFC.EDU.BR.....	38	FIG. 30/31/32 IMAGENS DE LOCALIZAÇÃO.....	56
FIG.07 MAPA IFSC EM SC.....		GOOGLE IMAGENS.....	56
IFSC.EDU.BR.....	38	ADAPTADO AUTOR.....	56
FIG. 08 IFC ARAQUARI.....	39	FIG. 33 MAPA MUNICIPAL. GOOGLE EARTH.....	57
NOTÍCIAS.ARAQUARI.IFC.EDU.BR.....	39	ADAPTADO AUTOR.....	57
FIG.09 IFSC CRICIÚMA.....	39	FIG. 34 MAPA VILA NOVA - GOOGLE EARTH ADAPTADO AUTOR.....	58
40ITO.COM.BR.....	39	FIG. 35 MAPA EQUIPAM. - GOOGLE EARTH ADAPTADO AUTOR.....	58
FIG. 10 IFC CONCÓRDIA.....	39	FIG. 36 IMAGENS IFC - SRS - GOOGLE.....	59
INFORMATIVO.IFC.EDU.BR.....	39	FIG. 37 IMAGENS IFC - SRS - GOOGLE.....	59
FIG. 11. IFC SOMBRIÓ.....	39	FIG.38 MAPA IFC - SRS.....	60
NOTÍCIAS.SOMBRIÓ.IFC.EDU.BR.....	39	GOOGLE EARTH.....	60
FIG.12 WEST CAMPUS - EJA.....		ADAPTADO PELO AUTOR.....	60
ARCHDAILY.COM.....	43	FIG.39 MAPA IFC - SRS.....	60
FIG.13 MORADIA ESTUDANTIL LUCIEN CORNIL - FRANÇA.....		GOOGLE EARTH.....	60
ARCHDAILY.COM.....	43	ADAPTADO PELO AUTOR.....	60
FIG.16 REPÚBLICA BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CRICIÚMA/SC. O AUTOR.....	45	FIG.40 LOCALIZAÇÃO - AUTOR.....	61
FIG. 14 RESIDÊNCIA ESTUDANTIL USP/SP.....	45	FIG. 41 - VISTA NORTE SALA DE AULA TÉCNICO - AUTOR.....	61
BEMBLOGADO.COM.BR.....	45	FIG. 42 - VISTA OESTE LABORATÓRIO PAISAGISMO (ANTIGA POUSADA FAZENDA) - AUTOR.....	61
FIG.15 REPÚBLICAS NA VILA NOVA - SANTA ROSA DO SUL/SC.....	45	FIG. 43 - VISTA OESTE DA VIA ESTRUTURAL NA ÁREA TÉCNICA E SUA DENSIFICAÇÃO - AUTOR.....	61
O AUTOR.....	45	FIG. 44 - VISTA NORDESTE DA ÁREA TÉCNICA (SUINOCULTURA) - AUTOR.....	61
FIG.18 VILA ESTUDANTIL NA DINAMARCA.....	46	FIG.45 SUB-RECORTE 1 GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	61
CICLOVIVO.COM.BR.....	46	FIG. 47 - SUB-RECORTE 2 GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	62
FIG. 19 TCC VILA UNIVERSITÁRIA - CRICIÚMA/SC.....	46	FIG. 48 - VISTA SUL HORTA - AUTOR.....	62
COLOMBO (2018).....	46	FIG. 49 - VISTA OESTE LABORATÓRIOS TÉCNICOS - AUTOR.....	62
FIG.17 EDIFÍCIOS BAIRRO UNIVERISTÁRIO.....	46	FIG. 50 - VISTA SUL MECÂNICA - AUTOR.....	62
CRICIÚMA/SC. AUTOR.....	46	FIG. 51 - VISTA NORDESTE ABATEDOURO - AUTOR.....	62
FIG.20 ALOJAMENTO ESTUDANTIL IFC - SANTA ROSA DO SUL /SC.....	47	FIG.46 LOCALIZAÇÃO - AUTOR.....	62
O AUTOR.....	47	FIG.52 LOCALIZAÇÃO - AUTOR.....	63
FIG.21 REGULARIZAÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO		FIG. 53 - VISTA NORTE AUDITÓRIO E SALAS DE AULA - AUTOR.....	63
ENG. REITORIA.....	49	FIG. 54 - VISTA SUL DA ADMINISTRAÇÃO - AUTOR.....	63
FIG.22 REGULARIZAÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO		FIG. 55 - VISTA OESTE DO MIOLO E SALAS DE AULA - AUTOR.....	63
ENG. REITORIA.....	50	FIG. 56 - VISTA LESTE DO APOIO INSTITUCIONAL - AUTOR.....	63
FIG.23 REGULARIZAÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO		FIG.57 - SUB-RECORTE 3 - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	63
ENG. REITORIA.....	51	FIG.59 - SUB-RECORTE 4 - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	64

FIG. 60 - VISTA SUL (EXTERNA) GINÁSIO - AUTOR.....	64
FIG. 61 - VISTA LESTE FACULDADE DE AGRONOMIA - AUTOR.....	64
FIG. 62 - VISTA LESTE DO SEMI-INTERNO FEMININO - AUTOR.....	64
FIG. 63 - VISTA INTERNA FACULDADE DE AGRONOMIA - AUTOR.....	64
FIG.58 LOCALIZAÇÃO - AUTOR.....	64
FIG.64 LOCALIZAÇÃO - AUTOR.....	65
FIG. 65 - VISTA SUL ALOJAMENTOS MASCULINOS - AUTOR.....	65
FIG. 66 - VISTA SUL CENTRO CULTURAL - AUTOR.....	65
FIG. 67 - VISTA LESTE ALOJAMENTO FEMININO - AUTOR.....	65
FIG. 68 - VISTA SUL CASA FUNCIONAL - AUTOR.....	65
FIG.69 - SUB-RECORTE 5 - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	65
FIG.70 MAPA ENTORNO - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	68
FIG.71 MAPA DE MANCHAS DO IFC - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	69
FIG. 72 IMAGENS IFC - SRS - WILLIAN BENEDET.....	70
FIG. 73 ESQUEMA DE SETORES - AUTOR.....	70
FIG.74 MAPA DE MICRO-MANCHAS DO IFC - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	71
FIG.75 ARQUITETURA TÉCNICO ORIGINAL - AUTOR.....	72
FIG.77 ARQUITETURA MÉDIO ORIGINAL - AUTOR.....	72
FIG.79 ARQUITETURA POSTERIOR - AUTOR.....	72
FIG.76 ARQUITETURA TÉCNICO ORIGINAL - AUTOR.....	72
FIG.78 ARQUITETURA MÉDIO ORIGINAL - AUTOR.....	72
FIG.80 ARQUITETURA POSTERIOR - AUTOR.....	72
FIG.81 ARQUITETURA TÉCNICO ORIGINAL - AUTOR.....	73
FIG.82 ARQUITETURA TÉCNICO ORIGINAL - AUTOR.....	73
FIG.83 MAPA INTENÇÕES DE PROJETO PARA A VILA X COMPLEXO - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	76
FIG.84 - CORTE DA VIA ESTRUTURADORA - AUTOR.....	77
FIG.85 MAPA DE INTENÇÕES DE PROJETO PARA O COMPLEXO - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	77
FIG.86 MAPA INTENÇÕES DE PROJETO ADEQUAÇÃO DOS USOS - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	78
FIG.87 CONCURSO ESCOLA PRIMÁRIA - ARCHDAILY.....	82
FIG.88/89 CAMPUS CORPORATIVO COYOCÁN - ARCHDAILY.....	82
FIG.90/91 HABITAÇÃO ESTUDANTIL - ARCHDAILY.....	83
FIG.92/93 HOSTEL - ARCHDAILY.....	83
FIG.95 MAPA ÁREA DE INTERVENÇÃO UM - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	86
FIG.96 IMAGEM DO LOCAL - AUTOR.....	86
FIG.94 MAPA LOCALIZAÇÃO AUTOR.....	86
FIG.97 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.98 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.99 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.100 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	87
FIG.102 MAPA ÁREA DE INTERVENÇÃO DOIS - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	88
FIG.105 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.106 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.107 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.108 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	89

FIG.109 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.110 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.111 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	90
FIG.112 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.113 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.114 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	90
FIG.115 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.116 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.117 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	92
FIG.118 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	92
FIG.119 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.120 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	92
FIG.121 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.122 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.123 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	94
FIG.124 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	94
FIG.125 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.126 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	94
FIG.127 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.128 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.129 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	96
FIG.130 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	96
FIG.131 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.132 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	96
FIG.133 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.134 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.135 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	98
FIG.136 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	98
FIG.137 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.138 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	98
FIG.140 MAPA ÁREA DE INTERVENÇÃO DOIS - GOOGLE EARTH; ADAPTADO PELO AUTOR.....	100
FIG.139 MAPA LOCALIZAÇÃO - AUTOR.....	100
FIG.141/142 IMAGENS DO LOCAL - AUTOR.....	100
FIG.143 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.144 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.145 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	101
FIG.146 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.147 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.148 ESQUEMA INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	102
FIG.149 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	102
FIG.150 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	
FIG.151 RENDER INTENÇÃO DE PROJETO - AUTOR.....	102

A scenic landscape featuring a vibrant green field in the foreground, a small wooden barn in the middle ground, and a forested hill in the background. A large white number '1' is overlaid on the left side of the image.

1

■ INTRODUÇÃO



APRESENTAÇÃO DO TEMA

ESTRUTURA DO TRABALHO

PROBLEMÁTICA

JUSTIFICATIVA

OBJETIVOS

METODOLOGIA

1. apresentação do tema

No Brasil, a procura por cursos técnicos profissionalizantes aumenta pela falta de mão-de-obra especializada ou mais acessível no mercado de trabalho em diversos segmentos da economia. Lucchesi (2015) diz que pesquisas da Confederação Nacional da Indústria (CNI) aponta que 90% dos brasileiros acreditam que uma certificação técnica abre portas para o mercado de trabalho além de outras questões como a salarial. Ou seja, a sociedade reconhece vantagens numa educação técnica e profissional, isso se reflete na procura das instituições de ensino técnico.

Os institutos federais são parte da Rede Federal de Ensino Profissional, Científico e Tecnológico (RFEPC) e ofertam em todo o país educação profissional e tecnológica, em diferentes níveis e modalidades de ensino, buscando a formação e qualificação de profissionais, nos mais variados setores da economia. Atualmente a Rede Federal de Ensino -RFE é composta por 644 campus em todo o país e 37 no estado de Santa Catarina.

Alguns dados justificam a demanda atual, segundo o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT) até 2008 existiam registrados no Brasil 185 cursos nas diferentes áreas e segmentos da economia, já em 2014 o número de cursos técnicos era 227, enquanto no país somam hoje mais de 600 Institutos Federais - IF que oferecem cursos técnicos, ainda de acordo com um artigo do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES, do ano de 2003 para

o ano de 2010 houve um aumento de 143% no número de unidades dos IF, de sete unidades para dezessete, enquanto o número de matrículas passou de pouco mais de 12 mil para 16.200 mil alunos. Já a relação de candidato-vaga em 2008, que era 6,86 passou para 13,9 no ano de 2012, o que justifica que os institutos, embora com a ampliação ainda não suprem a demanda com a oferta disponível.

Santa Rosa do Sul é um município catarinense localizado entre as capitais dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, integra com outros quatorze confrontantes a Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC, estando a 34 km da sede em Araranguá e 85 km de Criciúma, sede da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC) , a qual é polo regional para ambas as microrregiões. O município de Santa Rosa do Sul tem uma densidade demográfica de 53,33 hab/km² o que corresponde à 8.356 habitantes, onde 54% da população reside no meio rural, somando por volta de 537 famílias agricultoras, o que justifica parte da economia agrícola e pecuária segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

De acordo com a própria instituição, a antiga Escola Agrotécnica Federal de Sombrio (EAFS) foi fundada em 1993 como uma Unidade de Ensino Descentralizada da Escola Técnica Federal de Santa Catarina (Florianópolis), passou a ser chamada IFC - Santa Rosa do Sul depois da Reforma na Rede Federal de Ensino - RFE em 2012, ofertando o curso de graduação em Agronomia a mais de 8 anos e o curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio desde a sua fundação em 1993. Existe também um segundo campus, no município vizinho, Sombrio, o qual funciona como uma unidade

descentralizada da sede (SRS), a unidade avançada ou unidade urbana como é conhecida oferta os cursos de graduação de matemática, gestão em turismo e redes e computadores no período noturno e os cursos técnicos em hotelaria e informática no período diurno.

Ambos os campus atendem uma fatia da demanda dos dois municípios os quais são implantados, mas também de outros da região da AMESC e de outros estados, como o Rio Grande do Sul, mantendo então um raio de abrangência superior às outras instituições de ensino de tamanho ou grau equivalente, sendo que quanto maior o raio, aumenta também a procura por moradia próxima ao campus.

A distância citada facilmente chega aos 50 quilômetros, variando até 150 quilômetros a partir do campus e ainda podendo ultrapassar esta distância sem dificuldade, o que faz com que os estudantes procurem meios para subsidiar a sua formação, onde

a própria instituição auxilia sendo um dos cinco campus do estado com alojamento estudantil, dividido entre masculino e feminino, atendendo apenas os alunos do ensino médio.

Também existem 13 edificações residenciais, voltadas a professores e funcionários, mas que já foram utilizadas como internatos estudantis e locais multiusos, como salas de música, encontro, reuniões e etc. Ainda como parte da infraestrutura do complexo existem laboratórios, edificação própria da faculdade de agronomia, laboratórios, galpões, hortas, abatedouro, agroindústria, biblioteca, ginásio, campos, administração, edificações para apoio institucional, refeitório, áreas específicas para plantio e manejo animal.

Sendo assim, a implantação e manutenção de uma escola técnica, voltada a um segmento do primeiro setor, onde há uma necessidade de mão-de-obra na região que a agricultura e pecuária são importantes para a renda dos municípios, é de extrema importância, ligada também ao resgate das técnicas e valorização do setor econômico que se enquadra. O então trabalho compreende a análise e proposta de intervenção e requalificação do IFC, reestruturação da habitação estudantil existente e qualificação da vila rural onde o equipamento está implantado.

1.2

estrutura do trabalho

O objetivo do presente trabalho é levantar e analisar informações físicas, virtuais, visuais e verbais, com base em levantamentos concluídos, em desenvolvimento ou a serem implementados pelo acadêmico, buscando a viabilidade de uma justificativa e fundamentação para a implantação de uma proposta de projeto, requalificação ou intervenção (vide análise de necessidade) para o complexo do IFC - Instituto Federal Catarinense, ruralidade de entorno ao recorte e conexão ao meio urbano.

O trabalho está organizado a apresentar primeiramente sobre o tema (acima), contextualização do problema, problemática e justificativa, situando a cidade que o complexo está implantado e sobre o próprio, além da metodologia e objetivos a serem utilizados no trabalho de conclusão I e II. Desenvolvendo posteriormente, a fundamentação teórica e referencial arquitetônico, dando atenção aos temas importantes abordados e busca por aliados de projeto para entendimento e justificativa, das escolhas, diretrizes e ações futuras. Finalizando o trabalho com as diretrizes, ações e intenções de projeto em forma de um partido arquitetônico, baseado nas análises básicas de projeto e específicas sobre instituições no recorte.

Mesmo o IFC sendo um equipamento bem consolidado e de suporte à mais de 25 anos para região ainda existem problemas no seu dia-a-dia, no funcionamento da instituição e da própria vila onde a mesma está locada, tais como difícil acesso ao local. O percurso de 15 km da rodovia BR 101 (principal acesso do município) até a instituição ainda possui um terço de terra batida, existe também a falta de saneamento básico, abastecimento de água e a infraestrutura elétrica é precária tanto da vila quanto da própria instituição, habitações irregulares, insalubres e sem qualidade nas margens do complexo federal.

A instituição não é totalmente adequada para algumas necessidades atuais dos usuários, onde o projeto já antigo não é mais o ideal segundo as normas vigentes (NBR 9050, 2015 por exemplo), como ausência de acessibilidade, tanto para uso temporário (visitantes) ou frequente (alunos e funcionários) das habitações estudantis e da

instituição (salas de aula, laboratórios, ginásio e outros), onde toda a extensão linear de 1 quilômetro da instituição não conta com passeios acessíveis ou cobertos, sem rampas ou banheiros acessíveis. Além da própria vila que margeia o complexo educacional que não tem regularização das habitações, fácil acesso transporte público e também como já citado não possui saneamento pelas companhias responsáveis, onde entende-se saneamento por um conjunto de serviços, tais como manejos de resíduos sólidos e pluviais, além infraestrutura necessária para abastecimento de água, tratamento de esgoto e outros serviços segundo EOS Organizações e Sistemas que atua na área de saneamento básico e meio ambiente.

Sendo assim, parte das habitações, principalmente o internato masculino conta com a necessidade de acessibilidade e reestruturação, outros pormenores existem tais como problemas nos sistemas de aquecimento e reaproveitamento de água, uso dos internatos, conformação dos espaços e conforto.

Outro fator é a oferta e demanda, o raio de abrangência da instituição é superior às demais de mesmo caráter, onde estudantes do Rio Grande do Sul (estado vizinho) procuram a instituição, sendo assim, alunos do próprio município não conseguem utilizar o equipamento existente e devem procurar outras instituições como a Escola Jovem de Sombrio. Segundo dados do IBGE o número de matrículas de 2005 à 2010 era superior à 1000

alunos no Ensino Fundamental do município, enquanto em 2015, onde estes estudantes já estariam ingressando no Ensino Médio, o número de matrículas, somando as duas instituições que oferecem esse grau de ensino no município, não somam 600.

Uma outra análise sobre os resultados das provas de seleção do IFC - Santa Rosa do Sul dos anos de 2016, 2017 e 2018 que mostra a demanda superior a oferta de cursos técnicos no campus de Santa Rosa do Sul. Onde:

- Alunos com nota mínima para aprovação, mas não entre os aprovados;
- Alunos com nota mínima e classificados para matrícula e ingresso no campus.

A tabela mostra que nos últimos anos, o IFC ofertar nem 50 das vagas em relação a demanda de interesse classificados, ou seja, o número de interessados ainda é maior pois não foram contabilizados os não classificados.

Ainda pode-se perceber que a demanda continua aumentando, mesmo com o aumento do número de vagas e consequentemente a de aprovados diminui.

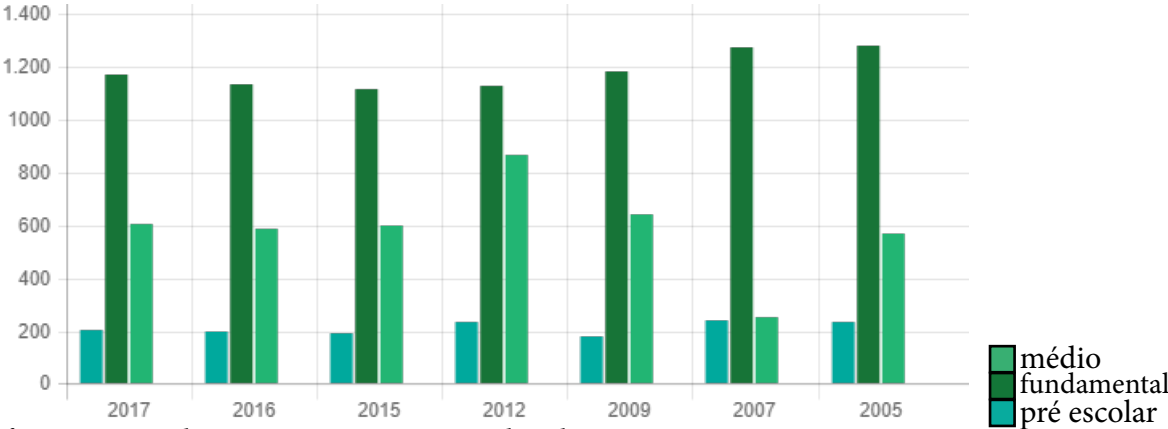


fig. 01 - Matrículas no ensino em Santa Rosa do Sul;
Fonte: IBGE

fig. 02 - Análise das provas 2016 - 2018 IFC - Santa Rosa do Sul;
Fonte: ifc.edu.br adaptado pelo autor

Ano	Classificados ¹	Aprovados ²	Relação CxV	% Aprovação
2016	372	160	2,32	43,01%
2017	530	185	2,86	31,90%
2018	605	185	3,27	30,57%

¹Alunos com nota mínima para aprovação, mas não entre os aprovados;

²Alunos com nota mínima e classificados para matrícula e ingresso no campus.

A educação pública é um direito de todos, sendo importante e necessária e deve ser assegurada pelo poder público educação gratuita e de qualidade. A Lei 9.394/96 estabelece princípios que devem ser seguidos para uma educação de qualidade, tais como: a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, garantia de padrão de qualidade, valorização da experiência extra-escolar e vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. Estes parâmetros devem ser influenciadores da estrutura educacional, infraestrutura e principalmente manutenção, para que continue exercendo o seu devido fim com qualidade e segurança.

O ensino técnico é um importante segmento da educação, onde o poder público vem investindo visando a formação de uma mão-de-obra mais qualificada e que venha a atender de adequadamente o mercado de trabalho e o desenvolvimento das regiões.

O Instituto Federal Catarinense - campus Santa Rosa do Sul é um complexo de ensino técnico integrado ao ensino regular médio e superior, implantado há mais de 25 anos no município, consolidado e com uma conexão forte com os moradores também ligado diretamente à base econômica da própria cidade e da microrregião da AMESC, sendo ela agricultura e pecuária, o instituto gera trabalho, estudo, renda e procura pelo município implantado por usuários externos, ou seja, a demanda

de moradia, lazer e uso do espaço é frequente, além de suprir parte da necessidade do próprio município, seja ela na forma de alunos da cidade e no retorno de técnicos ou engenheiros agrônomos, sendo em alguns casos filhos de produtores locais. Reforçando que essa demanda tanto de procura quanto de retorno qualificado também acontece para outros municípios da região, onde mesmo o complexo estando implantado em Santa Rosa do Sul auxilia a região da AMESC em particular, mas também outras regiões de onde originam os estudantes, principalmente as com base no setor primário, sendo Santa Rosa do Sul um dos pólos de formação de técnicos em agropecuária do estado.

Então, há o objetivo de uma manutenção e busca por condições adequadas para os usuários do campus, por meio da arquitetura permitir qualidade de trabalho para professores e funcionários e principalmente de moradia qualificada e não quantificada para professores e alunos do complexo, idealizando uma conexão com a vila que circunda a instituição e em espaços que privilegiem o convívio e lazer para os estudantes e alojados do complexo, criando laços afetivos, principalmente aos que residem por longos períodos nos alojamentos.

1.5

objetivos

1.5.1 objetivo geral

Realizar uma intervenção de requalificação no campus do Instituto Federal Catarinense de Santa Rosa do Sul - SC, visando a qualificação dos usos e a melhor apropriação dos espaços e da ampliação moradia estudantil.

1.5.2 objetivos específicos

- 1- Buscar embasamento teórico sobre o tema para compreender como funciona um instituto federal com foco na organização e arquitetura dos espaços;
- 2- Analisar o projeto e as modificações do complexo federal ao longo dos anos com foco no uso atual das edificações e suas arquiteturas, para justificar a sua reestruturação e ampliação da moradia estudantil;
- 3- Analisar as influências recíprocas entre entorno e complexo para definir diretrizes de ações futuras para o recorte e borda;
- 4- Buscar referenciais teóricos e arquitetônicos para aplicação no complexo federal, buscando melhores formas de uso de fatores climáticos e técnicas simples e eficazes à arquitetura da instituição, além de conformação e flexibilidade dos espaços moradia X estudo;
- 5- Elaborar um partido arquitetônico de reestruturação e ampliação da moradia estudantil e requalificação do campus em TCI e desenvolver o anteprojeto de moradia estudantil em TCII, considerando as relações com entorno onde está inserida.

Análise macro à micro, levando em consideração o raio de abrangência da instituição, tanto do âmbito de acolher estudantes, quanto da prestação de serviços e mão de obra. Analisar a influência urbana na cidade e na vila implantada, além dos acessos e conexões com outras cidades confrontantes.

Junto aos usuários, buscar informações de deficiências, potencialidades e condicionantes, do recorte, com foco no uso e apropriação dos espaços e a relação de lazer X estudo X moradia do campus.

De acordo com a fundamentação teórica, o referencial arquitetônico, as análises e o produto destes, as intenções de projeto, gerar um partido arquitetônico de intervenção (à ser descoberta sua escala e intenção) em instituição de caráter federal de ensino médio e superior que contém um conjunto de habitações discentes e docentes.



Busca por informações relevantes sobre a funcionalidade dos IF e a RFE, analisando o desenvolvimentos dos IF em todo o Brasil, além de embasamento sobre os alojamentos, principalmente os in campi, também sobre formas de requalificação, sendo prioritariamente na forma de instituições de porte e escala similar ao do trabalho. Levando em consideração que qualquer informação é relevante independente da escala, pois busca-se referência ao modo de usar e aplicar, não copiar, porém por conta da efetiva aplicação, escalas similares serão priorizadas.

Buscar em meio de projetos ou construções, arquiteturas ou urbanismos correlacionados ao tema, buscando referências de uso e aplicação de ideias e concepções projetuais que sirvam ao tema, como já citado na fundamentação.

A partir das análises gerais de projetos, específicas de instituição (buscadas na fundamentação teórica, levando em consideração o ramo da educação e a presença de alojamentos estudantis), gerar diretrizes e principalmente intenções de projeto.



2

FUNDAMENTAÇÃO

■ TEÓRICA



AGROPECUÁRIA

ENSINO TÉCNICO

REDE FEDERAL DE ENSINO

HABITAÇÃO ESTUDANTIL



2.1 AGROPECUÁRIA

Agricultura Familiar

De acordo com o IBGE e seus censos demográficos de 2000 e 2010, a população de Santa Rosa do Sul teve um crescimento de 3%, porém a população rural teve uma redução de 9,6% no mesmo período. Isso seria considerado comum pela migração para o meio urbano, entretanto em um comparativo de outros municípios do estado por Mior e Estevam (2014) revelam dados interessantes. Na análise a mesorregião Sul Catarinense teve uma redução de 19,8% da população rural (como mostra na figura 3 - tabela retirada do livro), sendo a maior do estado, porém nem toda redução da população pode ser totalmente vista como uma migração rural de acordo com as análises dos autores, onde Mior e Estevam (2014) explicam que “a análise detalhada dos dados que originam esse percentual leva a supor que boa parte dele seja decorrente da alteração de perímetros municipais e não de migração da população rural”, já que no Brasil a situação de domicílio é baseada na divisão entre os perímetros urbanos e rural, onde a modificação dos mesmo acarreta na modificação subjetiva dos resultados. Os autores ainda trazem como justificativa dois casos de reduções significativas da população rural, sendo elas Criciúma - com redução de 85%, e Imbituba - com redução de 100%.

A partir de uma análise do Censo Agropecuário de 1995/96 e 2006, percebe na mesma mesorregião um aumento na produção agropecuária, entretanto o percentual da participação da região Sul manteve-se a mesma.

Outro ramo da agricultura familiar são as agroindustriais, onde o Censo Agropecuário de 2006 e o Levantamento da Epagri de 2010 mostram que no estado a mesorregião Sul

tem 356 estabelecimentos desse ramo, Mior e Estevam (2014, p. 37) reforçam que,

“É relevante também o fato de que 44% desses 356 agroindústrias tem mais de cinco anos de existência, o que indica uma trajetória sustentável no contexto de pequenos negócios para a produção de alimentos artesanais/coloniais que são reconhecidos, apreciados e demandados pelos consumidores catarinenses.”

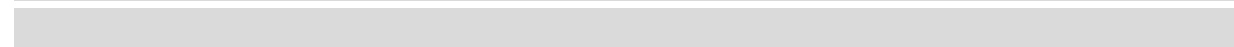
O número de estabelecimentos com menos de dois anos é equivalente à 43%, o que mostra um interesse pela área e “tornam alternativas de trabalho e renda para as famílias rurais e contribuem para a permanência de jovens agricultores no meio rural” (MIOR e ESTEVAM, 2014).

Desta forma percebemos que a agropecuária ainda é importante na economia e vem tendo maior valor com as novas práticas alimentares e de manejo animal e vegetal, tendo o ensino e profissão técnica valor importante para o auxílio e desenvolvimento deste setor, tal como a instituição federal em questão no presente trabalho.

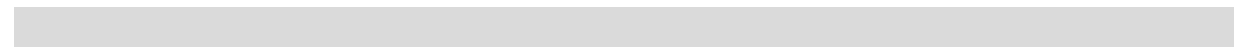


2.2 ENSINO TÉCNICO

Histórico



Modalidades



Ensino Técnico Agropecuária



Pouco se encontra sobre o histórico dos cursos técnicos no mundo, mas segundo Sievert (2015) os mesmos surgiram focados na taquigrafia entre os séculos XVIII e XIX na Europa e nos Estados na modalidade a distância, diferente do Brasil por exemplo, onde estes cursos começam já presenciais.

Sievert (2015) ainda comenta que estes cursos evoluíram junto com a evolução das tecnologias, onde muitos buscavam uma qualificação profissional em áreas como rádio e televisão.

Há um outro histórico mais profundo do ensino técnico, mas que para entender sua origem, deve-se antes saber sobre o panorama da educação na Europa. O ensino técnico como é chamado no Brasil é registrado na Europa durante os séculos XVIII e XIX, onde na historicamente no continente existem três modalidades de ensino, sendo estas, escolar, dual e não-formal.

O modelo escolar nada mais é que um ensino regular obrigatório (como entendemos no Brasil) que também engloba o pós obrigatório, chamado de transitório por Azevedo (2000), onde serve de transição entre ensino obrigatório ou básico e preparação para uma formação contínua no ensino superior ou secundário, porém dentro dele existem outras ramificações, que vem a compreender no Brasil os ensinos técnico e profissional. A característica dele é a formação acadêmica exclusivamente na instituição e ser preparatório, base para a formação continuada. Ou seja, tal qual as IF, que ofertam ensino obrigatório (médio) e o técnico, sejam nas mais variadas modalidades, porém sempre, exclusivamente na instituição.

Diferente do modelo acima o dual é a formação secundária

regular na instituição, integrada a formação profissional que é feita em uma empresa, ou seja, específica à um ramo, sob a tutela de um mestre ou supervisor, já ligada ao trabalho, deixando de ser meramente transitiva e passa a ser ocupacional, onde Azevedo (2000) define como capacitação para o primeiro emprego imediato, onde ainda se difere do modelo escolar que também capacita para o emprego, mas não de forma imediata como o dual.

Modelo não-formal, pouco aplicado na Europa principalmente por ter sido mal sucedido em muitos países, é a formação profissional, nem sempre é certificada, diferente das anteriores, onde vem sanar um alto desemprego juvenil em determinadas épocas da história europeia, sendo uma formação inicial de curta duração para acesso ao emprego, onde Pedró (1992, apud AZEVEDO, 2000), comenta que este modelo é sustentado por três funções sociais, sendo elas, “transição” do ensino formal para mercado de trabalho, sanando o desemprego juvenil; “recuperação”, complementando uma educação apenas de base para jovens da evasão educacional ou fruto de uma desqualificação própria; e “complementar” ao ensino regular formal, na forma de cursos, estágios e outros.

Dentre os três modelos explicados o que servirá de base para o trabalho é primeiro, educacional, que como já citado, engloba uma multiplicidade de escolas, tais como liceus, escolas técnicas e profissionais, variando entre cada país europeu.

Segundo Azevedo (2000), esta modalidade de ensino surge na América do Norte na escolarização de grupos de 16 a 19 anos, se expandindo para a Europa depois da II Guerra Mundial (fim da primeira metade do século XIX), tendo sucesso na

escolarização de mais de dois terços de jovens na faixa etária dos 17 anos.

Em outros países onde o sucesso não ocorreu desta forma, segundo Azevedo (2000), coexiste o sistema dual de ensino e formação.

A definição do modelo escolar se difere entre Brasil e Europa, onde Azevedo (2000) classifica em ensinos geral, técnico e profissional no continente europeu, sendo as duas últimas interessantes ao presente trabalho, mas de forma para entendimento a outra classificação também será definida.

O forma genérica o ensino geral é caracterizado pelo ensino europeu e norte-americano mais conhecidos, onde é subdividido em perspectiva acadêmica, pragmática e politécnica, união de práticas acadêmicas e cotidianas.

Sobre os ensinos técnicos e profissionais, pontos de interesse do trabalho, é necessário entender as suas características para a relação entre as culturas e continentes implantados.

O ensino técnico é voltado a uma formação preparatória de profissões técnicas, oferecida após os ensinos obrigatórios, em casos com duração maior que os demais, com orientação teórica e científica maior que as demais e que qualificam para um ensino superior em determinada área.

O ensino profissional é dividido na Europa em empresarial-laboral e estatal-escolar. Onde respectivamente correspondem à um ensino centrado no local de trabalho e de influência direta dos empregadores, controlado pela cultura profissionalista; e um ensino ditado por uma cultura educacionalista com intervenção do estado no planejamento econômico, ligado a uma cultura enciclopedista que une as matérias ditas gerais

do ensino regular para esta modalidade. Ou seja, o modelo empresarial-laboral, corresponde no Brasil à uma forma ensino técnico subsequente, qualificacional, sem a necessidade de ensino obrigatório, tal como o Projeto Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), enquanto o estatal-escolar corresponde no país ao ensino técnico integrado ao ensino regular médio, tema do trabalho.

Lembrando que esta diferença de nomenclaturas acontece porque no Brasil não existe o ensino regular integrado às práticas técnicas diárias e específicas ou simplesmente chamado de “learn by doing”, onde o ensino técnico da Europa (chamado de ensino profissional) é correspondente à “vocational education”, podendo ser a educação domiciliar, administrativa e outros, enquanto o ensino profissional é “vocational training” voltado a um ensino regular tal como o brasileiro unido à uma formação técnica para o trabalho formal.

Então os IFs são institutos que ofertam cursos técnicos na ideia de “vocational training” que alia o ensino regular médio ao ensino técnico, visando uma qualificação do indivíduo e conseqüentemente da mão-de-obra, além de gerar oportunidade de para o primeiro emprego e embasamento para o ensino superior.

2.2.2

modalidades

Segundo MEC existem três classificações para o ensino técnico no Brasil. São elas:

Integral: Quando é ofertado o ensino médio e o ensino técnico simultaneamente, geralmente em tempo integral pela carga horária, tal como nos Institutos Federais, tema do trabalho;

Concomitante: Oferta apenas do ensino técnico para alunos que estejam cursando o ensino médio, ou seja, ensinos diferentes em instituições distintas, como uma forma de complementação de ensino, tal como a Rede S de Ensino, SENAI, SENAC e outros;

Subsequente: Quando é ofertado apenas o ensino técnico, como no concomitante, porém para pessoas que já concluíram o ensino médio e buscam uma qualificação técnica, em alguns casos oferecidos também nos IF e em instituições técnicas privadas (Sociedade Assistência aos Trabalhadores do Carvão - SATC em Criciúma/SC) e da Rede S de Ensino.

2.2.3

histórico

Para entender sobre as instituições técnicas agropecuárias, há a necessidade de apresentar antes o tema do ensino agropecuário no país enquanto ainda colônia de Portugal, onde por decisão do Rei em 1532 são adotadas as Capitanias Hereditárias para povoar o território que acarretou no primeiro ciclo da agricultura.

Em 1549, os Jesuítas chegam à colônia para educar os índios e escravos de acordo com o cristianismo, onde além de catequizar ensinavam aos mesmo a agricultura, principalmente aos adultos, já as crianças aprendiam também a leitura e escrita. Ribeiro (1993, apud SOBRAL*, 2005, p.11) sobre o Plano Nóbrega, primeira política educacional.

“Começando pelo aprendizado do português, incluía o ensino da doutrina cristã, a escola de ler e escrever. Daí em diante, em caráter opcional, o ensino de canto e de música instrumental, e uma bifurcação tendo em um dos lados o aprendizado profissional e agrícola e, de outro, aula de gramática e viagem de estudos à Europa”.

Com a expulsão dos Jesuítas em 1759, o sistema educacional é defasado com a retirada das primeiras etapas de ensino, citadas acima, como também do ensino profissional e agrícola, privilegiando apenas os cursos de humanidades, filosofia e outros, que posteriormente é elitizada a população branca.

Porém durante muito tempo os ensinamentos dos Jesuítas foram difundidos entre a população de negros, índios e mestiços. Isso acaba por ser importante para o desenvolvimento da agricultura. De Rosa (1979, apud SOBRAL, 2005, p.12) fala:

“Algumas coisas que ainda hoje se procura inculcar em nossos lavradores, nos centros mais adiantados, os jesuítas conseguiram que fossem realizadas pelos aborígenes, desde o século do descobrimento. Vamos encontrá-los praticando o cooperativismo agrícola, até mesmo com certo rigor científico, lá no interior distante de Goiás, entre os índios caiapós. Foram esses padres, os primeiros mestres da agricultura do Brasil, e até hoje grande parte da população agrícola só sabe o que eles ensinaram.”

Apenas no século XIX que a modalidade de ensino agrícola surge com as primeiras instituições do ramo e em 1875 é fundada a Imperial Escola Superior de Agricultura de São Bento das Lages da Bahia, sendo então o primeiro estabelecimento de ensino agrícola no Brasil, após este marco outras instituições começaram a ser criadas no território nacional.

No fim do século XIX, o café começa a ser parte importante da economia, porém necessitava de incentivo mecânico e “tecnológico”, o que acarretou mais tarde num aumento da produção com uma redução da mão-de-obra nos cafezais.

Entretanto, o ensino agrícola não se adaptou à essa nova realidade. Só no século XX visando resolver os problemas das mudanças tardias o governo começa a propor mudanças no ensino e segundo Silva (1995, apud SOBRAL, 2005) “a partir de 1906, a Câmara dos Deputados, através da proposição 195, habilitou o Estado a destinar recursos financeiros para a criação de escolas profissionais federais”. Esse tipo de ensino era voltado para os menos favorecidos do sistema da época, onde de acordo com Ribeiro (1993, apud SOBRAL, 2005, p.17):

“Seria interessante assinalar que, na opinião do prof. Jorge Nagle, a manutenção dos padrões tradicionalistas no ensino secundário e a permanência da idéia de que o ensino profissional (elementar e médio) destinava-se às camadas menos favorecidas, acaba por agravar o problema referente às distintas formações: um conjunto de escolas propiciava a formação das elites e, outro, a do povo”.

*SOBRAL (2005), único autor com teoria relevante e fundamentada encontrado para o assunto.

Em 1910, pela pressão da agricultura como setor importante da economia é gerado o Decreto nº 8.319 que regulamenta o ensino agrícola no país, onde segundo o Sobral (2005) “a ser ministrado em quatro categorias, a saber: Ensino Agrícola Superior, Ensino Agrícola Médio, Aprendizes Agrícolas e Ensino Primário Agrícola.” Com isso foi fundada a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária no Distrito Federal.

Na década de 1930, tentando conter o êxodo rural em atuação pelo crescimento das cidades criam-se meios de manter o homem no campo, uma delas foi a aplicação do “ruralismo pedagógico” que muda a ideia de um ensino agrícola na forma de escola literária (que segundo Sobral (2005) “desenraiza o homem do campo”) que passa a ter mais contato com o meio, onde para Maia (1982, apud SOBRAL, 2005, p.19):

“[...] Propunha-se uma escola integrada às condições locais, regionalista, cujo objetivo escolanovista** reforçava essa posição, da escola colada à realidade, baseada no princípio de adequação e assim colocava-se ao lado das forças conservadoras. Isto porque a “fixação do homem ao campo”, a exaltação da natureza agrária do brasileiro, faziam parte do mesmo quadro discursivo com que a oligarquia rural defendia seus interesses”.(Maia, 1982:05).

Na década de 1940, fim da era Vargas o ensino técnico agrícola de nível médio é regulamentado pelo Decreto-Lei 9.613 / 46, chamado de “Lei Orgânica do Ensino Agrícola” onde em seu artigo primeiro diz:

“Art. 1. Esta lei estabelece as bases de organização e de regime do ensino agrícola, que é o ramo de ensino até o segundo grau, destinado essencialmente a preparação profissional dos trabalhadores da agricultura”.

Em 1961, é criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que o ensino é estruturado como conhecemos: primário, médio e superior.

Ainda em 1966 acontece a revisão da ideologia das escolas técnicas, migrando para a metodologia de escola-fazenda, tal como o “ruralismo pedagógico”, que ainda é vista nas

instituições, onde o princípio era segundo Sobral (2005) “aprender a fazer e fazer para aprender” reforçando ainda que o processo era baseado na “vivência da realidade social e econômica da comunidade rural, fazendo do trabalho um elemento integrante do processo ensino-aprendizagem, visando conciliar educação-trabalho e produção”.

Por volta da década de 1970 os ditos “insumos modernos” (máquinas, fertilizantes e outros) acabaram por impulsionar a chamada agricultura comercial, isto acaba sendo levando o nome de Revolução Verde, que implantando tais insumos na forma de maquinário para o aumento da produção, acabava por diminuir e necessidade de mão de obra, ou seja, redução da oferta de emprego no campo, criando um novo êxodo rural.

O governo então, cria a chamada “Lei do Boi” de 1968, que priorizava na forma de cotas como na atualidade, o ingresso nas instituições de ensino agrícola, onde 50% das vagas era destinada a agricultores ou filhos dos mesmo que residiam na zona rural.

Em 1973 é criada a Coordenadoria Nacional do Ensino Agrícola (COAGRI), com autonomia administrativa e financeira, que perdura até 86. A COAGRI que deveria proporcionar assistência técnica e financeira às instituições acabou permitindo o avanço das mesma, assim como sua manutenção, sendo um marco para essa modalidade de ensino.

*** Movimento educacional renovador brasileiro, cujas bases encontram-se no escolanovismo surgido em fins do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. Este movimento opunha-se às práticas pedagógicas tidas como tradicionais, visando uma educação que pudesse integrar o indivíduo na sociedade e, ao mesmo tempo, ampliar o acesso de todos à escola. (SOBRAL, 2005, p.20)*

“..a COAGRI ampliou e/ou reformou seus prédios e instalações; equipou as escolas com laboratórios, salas-ambiente, unidades educativas de produção, quadras para esporte, bibliotecas e acervos; regularizou as terras, num total de 13.345 hectares; implantou os serviços de orientação educacional e de supervisão educacional; implementou e consolidou o sistema escola-fazenda; consolidou as ; vem oferecendo cursos para habilitar seu corpo docente, e promovendo concursos públicos para a admissão de servidores técnicos e administrativos, bem como aperfeiçoando e reciclando diretores, professores, técnicos e pessoal administrativo. (BRASIL – MEC, 1994 apud SOBRAL, 2005, p.31)”

Onde além da infraestrutura, houve investimento nos Recursos Humanos específicos.

“Os profissionais contratados, tanto professores quanto funcionários, estão mais qualificados, pois foram sendo proporcionados pela Coagri, ao longo desses anos, cursos de Esquema I e II, Aperfeiçoamento e Especialização, além de treinamentos. Isso ocorreu principalmente na década de 80.” (BRASIL MEC/SENETE, 1990 apud SOBRAL, 2005, p.32)

Na década de 1990 as instituições eram ministradas pela Secretaria Nacional de Educação Tecnológica (SENETE), que acaba estabelecendo diretrizes, tais qual segundo Sobral (2005, p.35),

“cabe à escola encontrar meios para conciliar a moderna tecnologia com os métodos tradicionais, incentivando o retorno dos alunos às comunidades de origem”, já que a procedência da grande maioria dos alunos é do meio rural. Onde isto acaba acarretando em uma responsabilidade por parte das instituições que já eram autarquias federais, e passam a adquirir maior liberdade, tal como administrativa onde de acordo com a Lei 8.731/93 que em seu Artigo 1 diz “Além de autonomia que

lhes é própria como entes autárquicos, as Escolas Agrotécnicas Federais terão, ainda, autonomia didática e disciplinar”.

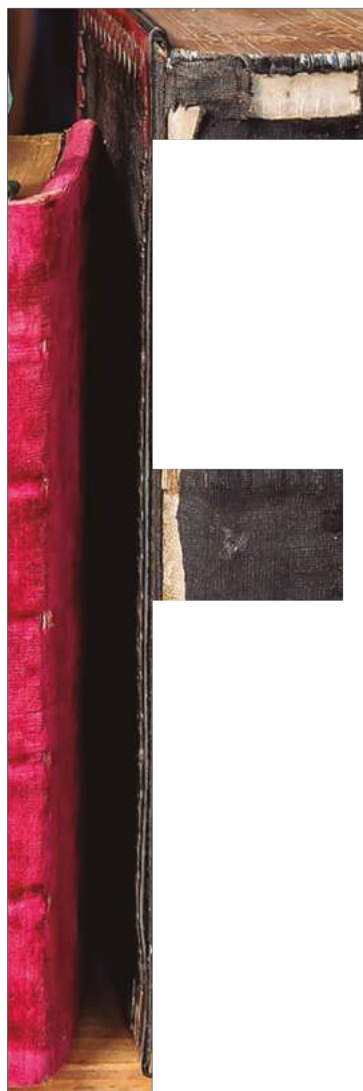
O sistema escola-fazenda implica também em outra particularidade, que é o regime de internato para quase todos os alunos, por fatores como a distância do lar e da instituição, pelo meio em que a mesma se encontra, área rural. O internato, além de ser necessário para o próprio funcionamento do sistema escola-fazenda, que apresenta inúmeras atividades fora do horário convencional de aulas, pode fazer com que o aluno compreenda o sentido de coletividade que dificilmente conseguiria ter numa escola urbana. A produção agrícola realizada na escola-fazenda é fruto do trabalho coletivo, nesse sentido, o aluno percebe a necessidade da cooperação.

Com isso, pode-se entender um pouco sobre a origem e evolução do ensino agrícola no país, entendendo a relação também dos internatos com as instituições técnicas, que anteriormente vinham sanar uma faixa desfavorecida da população, mas que hoje tem relação maior com o desenvolvimento micro ou meso regional e formação técnica para oportunidade de emprego, tal qual o IFC - Santa Rosa do Sul, que atende uma fatia da população do próprio município e outros da mesma microrregião, tanto para ensino médio e técnico, superior, sempre com a habitação estudantil para suporte e oportunidade de ensino na instituição.

Sobre as arquiteturas não se encontra muito e tão pouco estas são citadas nas teorias encontradas, até pelo fato de serem instituições locadas em ambientes predominantemente ou totalmente rurais, em suma sem grande estrutura ou qualidade, o que tende a mudar nas últimas décadas com a expansão da Rede Federal de Ensino no Brasil, que será apresentada em seguida.

fig. 03 Imagem açude e salas de aulas IFC - Santa Rosa do Sul.
informativo.ifc.edu.br





2.3 REDE FEDERAL DE ENSINO

A Rede Federal de Ensino

Histórico dos Institutos Federais

Expansão da RFE

Reforma RFE

Arquiteturas da RFEPCT

RFEPCT em Santa Catarina

De acordo com Oliveira et al (2010), a Rede Federal de Ensino “Relaciona-se ao conjunto de instituições, dentro do Sistema Federal, no âmbito nacional, que realizam atividades de ensino ligadas à educação.”

Toda a rede federal tem um objetivo mútuo e comum, sendo ela a “transmissão de informações, conhecimento e esclarecimentos importantes e indispensáveis”, ou seja, educação; devendo ser então uma rede de instituições integradas entre si (tal como uma padronização do ensino) e não apenas agregadas, ou seja, desconexas, característica das instituições anteriormente à reforma de 2008 (explicada abaixo).

Ainda de acordo com o autor, existem dentro da RFE:

Sistema de Ensino: Ensino regular comum, organizado

pelo serviço público, podendo ser municipal, estadual ou federal;

Sistema de Ensino Federal: Instituições de ensino mantidas pela União, instituições superiores criadas e mantidas pela iniciativa privada e pelos órgãos federais;

Instituições Federais de Ensino Superior: “consideram-se as universidades federais, faculdades, faculdades integradas, escolas superiores e centros federais de educação tecnológica, vinculados ao Ministério da Educação.” Incluindo os antigos CEFETs, EAF e ETF, atualmente IF que “constituem-se em autarquias federais com autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar.” sendo esta a Rede Federal de Ensino Profissional, Científico e Tecnológico - RFEPT.

Desta maneira, o IFC - Santa Rosa do Sul se enquadra como uma Instituição Federal de Ensino Superior, parte da RFEPT.

fig. 04 Linha do tempo, histórico da RFE no Brasil.

Fonte: portal.ifac.edu.br



A origem dos institutos federais no Brasil, é marcada pela chegada da família real à então colônia de Portugal. D. João VI privilegiava os cursos de formação superior, acabou então em 1809 criando os Colégios das Fábricas, que tinha por objetivo ensinar ofícios aos órfãos que chegaram à colônia com a comitiva Real, não eram cursos superiores, mas eram “adequados” à sociedade. Diferente do ensino atual, na época o mesmo acontecia no próprio local de trabalho, sendo alguns destes segundo Abel (2012) “cais, hospitais, arsenais militares e da marinha.”

Desde a chegada da família real, o foco da modalidade de ensino profissional era atribuída a solucionar problemas, sendo estes os de jovens na “criminalidade, “vagabundagem” e alcoolismo”. Abel (2012) ainda, reforça que o ensino regular era destinado às pessoas com classe média ou alta, enquanto o ensino técnico para a camada pobre da sociedade, servindo para formação de força de trabalho, o que vem a mudar com a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Brasileira (LDB) de 1971.

A história da Rede Federal de Ensino (RFE) tem seu início no decreto 7.566 de 1909, onde o então presidente Nilo Peçanha criou 19 Escolas de Aprendizes Artífices (EAA), que tinha intenção de ofertar ensino profissional e gratuito, sendo

voltada para inclusão de jovens carentes na sociedade e economia.

Por mais vinte anos a economia ainda era baseada na atividade rural, sendo então as EAA voltadas ao ensino da mesma, mas com o crescimento da atividade industrial e nas décadas de 1930 e 1940 quando o setor industrial tem significativa participação na economia, as EAA passam a ser Liceus e terem maior conexão com esse novo ramo de ensino, nesta mesma reforma da educação pelo Decreto Federal 20.158/1931 é estruturado o ensino profissionalizante no país.

Ainda em 1940 a Rede S de Ensino aparece no país, sendo um sistema de instituições ligadas aos setores produtivos tais como indústria, comércio, transportes e outros, oferecendo cursos gratuitos para treinamento, assistência técnica e qualificação de mão-de-obra. Algumas instituições são Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC) e outros.

O setor educacional brasileiro sofre modificações posteriormente nas décadas de 1940 e 1960, como a autonomia pedagógica e administrativa dos Liceus que então passar a ser chamados Escolas Industriais e Técnicas e após Escolas Técnicas Federais (ETF). Já em 1970, há outra expansão do ensino técnico e profissional, aparecendo os primeiros Centros Federais de Educação e Tecnologias,

conhecidos como CEFETS.

Nas décadas de 80 e 90 com a revolução tecnológica mais algumas instituições são implantadas e os CEFETS se tornam unidades padrão da Rede Federal de Ensino Profissional, Científico e Tecnológico (RFEPCT). A partir deste momento começa uma diversificação de programas e cursos por conta de uma demanda qualificada.

Ainda em 1971, acontece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), situando a educação profissional como direito do cidadão, mas não substituindo a educação regular. Outro ponto importante é que neste momento a educação técnica deixa de ser meramente assistencialista.

Ela ainda difere a educação profissionalizante da formação profissionalizante, onde o nível de exigência as separa, sendo pelo, grau de escolaridade, carga horária, qualificação do egresso, densidade do currículo de formação, ou seja, a primeira seria o ensino técnico vinculado ou não ao ensino médio e a segunda o ensino superior/tecnológico.

Em 2008, houve a reorganização da Rede Federal de Ensino com a mudança pedagógica e união de ramos de institutos. Neste momento 31 CEFETS, 75 Unidades Descentralizadas de Ensino - UNEDS, 39 Escolas Agrotécnicas Federais - EAF (incluindo o complexo em questão) 7 Escolas Técnicas Federais - ETF e 8 escolas vinculadas a universidades se tornam Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Esta modificação acontece junto com a criação dos Catálogos Nacionais de Cursos, sendo estes superiores ou técnicos, que tem como objetivo organizar, catalogar e classificar os cursos ofertados no país. A modificação

das nomenclaturas é consequência destes catálogos, onde o objetivo é unir diferentes denominações relacionadas a cursos similares ou iguais, além de classificar todos os cursos ofertados no país de forma concisa, sendo de acordo com o seu nível e perfil - por isso existem o Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia e Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Sendo assim a classificação serve para equilibrar as modalidades de cursos e as exigências dos mesmos, onde cursos muito qualificados passam a ser superiores.

As informações citadas balizam os institutos sem retirar as suas autonomias, gerando possibilidade de oferta de cursos que venham a atender as necessidades regionais, onde desde o princípio dos institutos federais era o objetivo, oferta de mão de obra qualificada para os setores e necessidades regionais, capacitando o mercado de trabalho e movimentando a produção e economia.

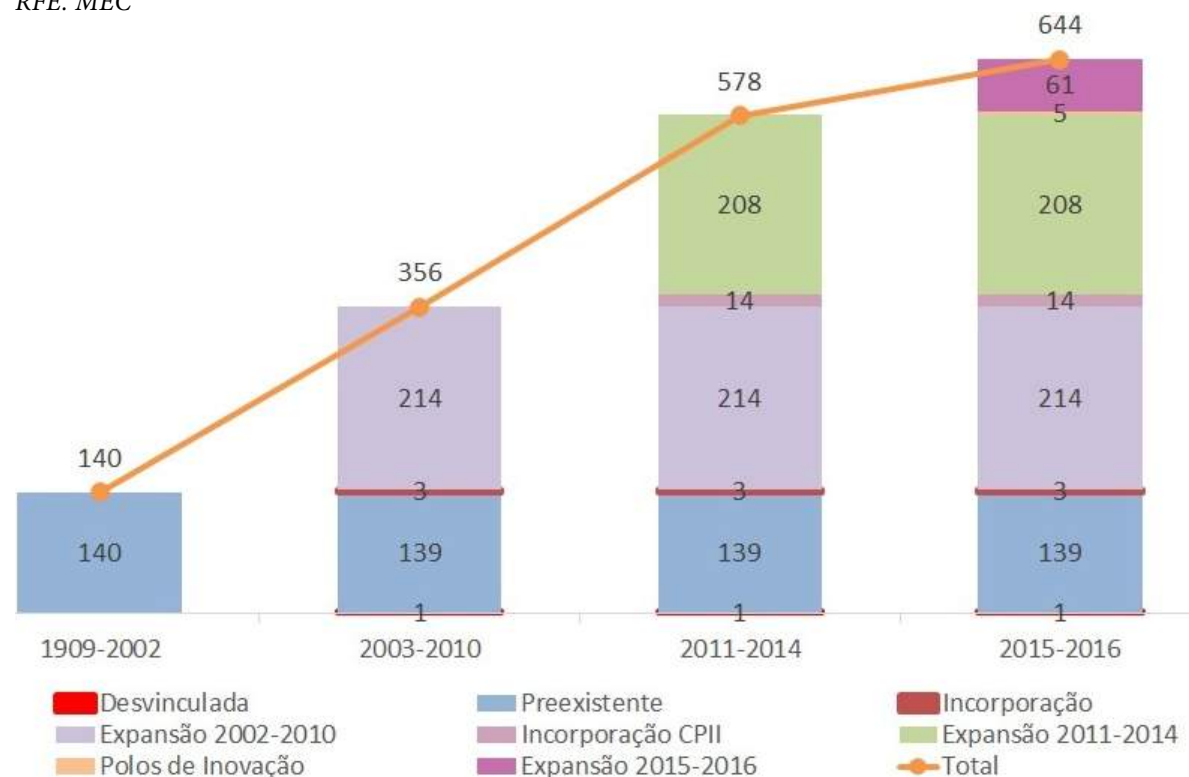
Em resumo, de acordo com o MEC (2016) atualmente: Os Institutos Federais são instituições que atuam na oferta da educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional.

Atualmente, segundo o Ministério da Educação - MEC existem 644 campus em funcionamento em todas as regiões do país. Destes apenas 140 foram implantados do ano 1909 até 2002 e entre os anos de 2003 à 2016 entraram em funcionamento mais 500 novas unidades dado o plano de expansão educacional.

Com a reorganização da RFE em 2008 - citada no histórico - nem todos os antigos campus se tornaram Institutos Federais, mas ainda continuam oferecendo educação técnica e profissional, sendo eles dois CEFETS, 25 escolas vinculadas à Universidades Federais, o Colégio Pedro II e uma Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

O gráfico ao lado explica a expansão da RFEPCCT desde o seu início até o ano de 2016, levando em consideração todas as formas de instituição provenientes da rede.

fig. 05 gráfico expansão
RFE. MEC



23.4

reforma da Rede
Federal de Ensino

Antes da reforma da RFE em 2008, as instituições federais eram separadas por siglas, tais como Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica - CEFET, com um caráter mais amplo sobre a modalidade de ensino e Tecnologia e Escolas Agrotécnicas Federais - EAF, o qual a modalidade era voltada a agricultura e pecuária.

Com a reforma da RFE alguns campus foram padronizados e as diferentes instituições de ensino federal passaram a fazer parte da mesma rede de maneira mais conexa, trabalhando como irmãos, diferindo apenas pelo nome, onde quase todos os CEFETS passaram a ser “Instituto Federal de Ciência e Tecnologia + a unidade da federação” e sua sigla “IF + UF” e as EAF/ETF passaram a ser “Institutos Federais de Ciência e Tecnologia + adjetivo referente ao estado” e a sigla “IF + adjetivo referente ao estado”. Tais como, respectivamente,

Santa Catarina, IFSC - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina e IFC - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Catarinense; Rio Grande do Sul, IFRGS - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul e IFRG - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Rio Grandense; Rio de Janeiro, IFRJ - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro e IFF - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Fluminense.

Em alguns estados, as siglas CEFET e EAF ainda são reconhecidas e em alguns casos válidas, principalmente pela questão cultural e popular de uma região ou cidade, além do fato da reforma onde os nomes foram modificados ser recente, apenas 10 anos. Os campus novos não “sofrem” com esse problema pois já são conhecidos pelas novas siglas implementadas.

No estado de Santa Catarina existem campus de IFSC e IFC, ambos fazem parte da mesma rede de ensino, mas ainda tem viés diferentes dentro da mesma, onde os antigos CEFETs, hoje IFSC tem sua base administrativa - reitoria na capital Florianópolis enquanto as antigas EAF (Concórdia, Rio do Sul e Sombrio) em junção com os Colégios Agrícolas (Araquari e Camboriú) que formaram os IFC são dirigidos a partir da cidade de Blumenau.

Atualmente no estado são 15 unidades IFC, e outras 22 unidades IFSC na região sul são respectivamente, um IFC implantados nas cidades de Santa Rosa do Sul e Sombrio (campus diferentes mas mesma unidade) e 3 IFSC, sendo estes em Araranguá, Criciúma e Tubarão.

Nenhuma cidade pode ter mais de um mesmo tipo de instituição IF em seu território, ou seja, onde há IFC não há IFSC e o contrario também não ocorre.

As figuras abaixo mostram os IF implantados no estado de Santa Catarina, com seus respectivos municípios segundo os sites oficiais de cada segmento de instituição.

- 01- Reitoria (Blumenau);
- 02- Abelardo Luz;
- 03- Araquari;
- 04- Blumenau;
- 05- Brusque;
- 06- Camboriú;
- 07- Concórdia;
- 08- Fraiburgo;
- 09- Ibirama;
- 10- Luzerna;
- 11- Rio do Sul;
- 12- Santa Rosa do Sul;
- 13- São Bento do Sul;
- 14- São Francisco do Sul;
- 15- Sombrio;
- 16- Videira.



fig.06 mapa IFC em SC
ifc.edu.br

- | | | |
|----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 01- Florianópolis; | Oeste; | 16- Caçador; |
| 02- São José; | 09- Canoinhas; | 17- Urupema; |
| 03- Jaraguá do Sul; | 10- Criciúma; | 18- Jaraguá do Sul 2; |
| 04- Florianópolis 2; | 11- Gaspar; | 19- Garopaba; |
| 05- Araranguá; | 12- Lages; | 20- Tubarão; |
| 06- Joinville; | 13- Itajaí; | 21- São Carlos; |
| 07- Chapecó; | 14- Palhoça Bilíngue; | 22- Avançado São |
| 08- São Miguel do | 15- Xanxerê; | Laurenço do Oeste. |



fig.07 mapa IFSC em SC
ifsc.edu.br

Após a reforma da RFEPCCT em 2008 e a unificação e criação dos IF, alguns aspectos de padronização não só das arquiteturas, mas de frota automotiva, documentos, apresentações e outros começaram a aparecer. No estado de Santa Catarina, por exemplo, existe um manual de padronização de comunicação conciliar seus manuais para uma coerência já que são membros da mesma rede de ensino.

Em outros estados, como o de Minas Gerais, existem manuais mais detalhados que chegam a citar materiais de fachada, aplicações de marca, cores, totens e outros.

Entretanto nenhum dos manuais específicos, comenta ou proíbe a utilização de cores (da logomarca ou não) nas fachadas, assim como padronização arquitetônica ou

estrutural. Apenas esboça e padroniza placas e indicações internas e externas.

Embora é nítida a padronização dos IF no país a partir das cores que são utilizadas na logomarca, isto para as edificações posteriores a reforma de 2008, mas não sendo regra, onde no próprio IFC - Santa Rosa do Sul campus Sede as arquiteturas seguem a estética e técnicas construtivas (em casos específicos) já existente, com cobertura em forma de telhado aparente, arquitetura horizontal e conectada ao ambiente que está implantada, enquanto no campus Unidade Avançada Sombrio, tem a sua arquitetura muito diferente do campus Sede, onde trabalha com um estilo contemporâneo, vertical, tons mais escuros, inclusive da cor verde presente na logomarca.

Nas quatro figuras ao lado estão três IFC e um IFSC, todos do estado de Santa Catarina.

Percebe-se que não à uma arquitetura ou elemento comum à todos, mas características, como o uso da cor (branco e verde), que está presente na maioria, explicado no texto, utilizado com posicionamento em relação ao logotipo dos IF, mas não via de regra, como na última figura que não contem esta característica.

fig. 08 IFC Araquari
noticias.araquari.ifc.
edu.br



fig.09 IFSC Criciúma
4oito.com.br

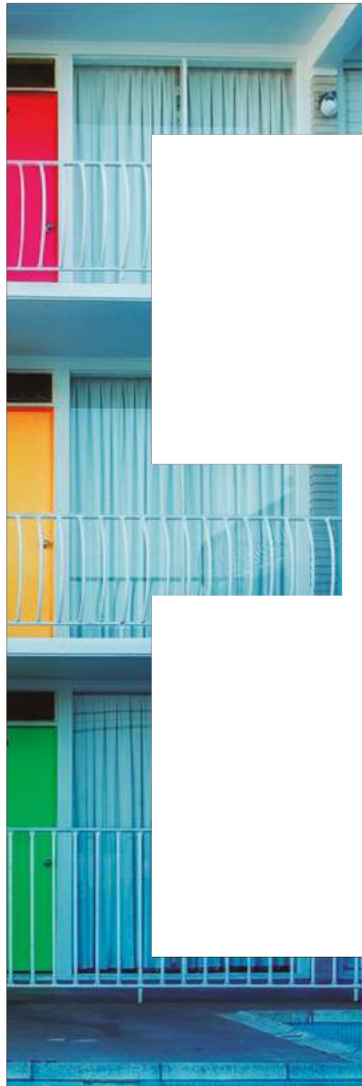
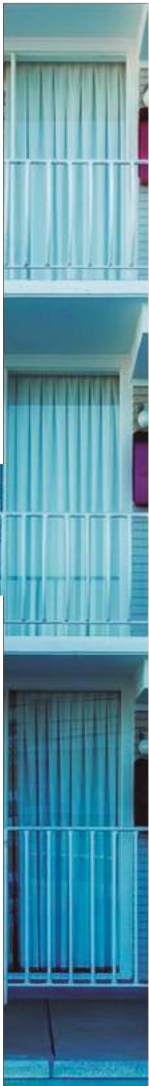


fig. 10 IFC Concórdia
informativo.ifc.edu.br



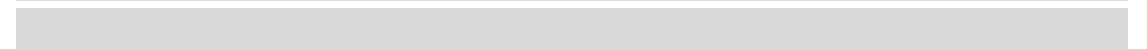
fig. 11. IFC Sombrio
noticias.sombrio.ifc.edu.br





2.4 HABITAÇÃO ESTUDANTIL

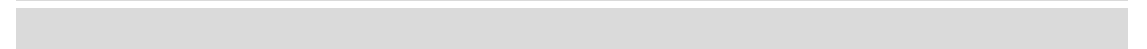
Contextualização



Histórico



Conceito de Habitação para Estudantes



O tema habitação ou moradia estudantil ou simplesmente alojamento se tornou genérico, visto que há um número considerável de modalidades de alojamentos atualmente, podendo ser eles in campi ou off campi (dentro e fora do campus, respectivamente) e nos off campi podem ser classificados em alojamentos, residências, repúblicas e outros.

Instituições federais, ou seja, gratuitas e de qualidade, assim como as universidades (públicas ou privadas) recebem todos os anos grandes números de alunos, de diferentes regiões do país (principalmente institutos técnicos e universidades federais), com diferentes culturas, vivências e experiências para um único objetivo, a formação profissional.

Quando se fala em cursos técnicos subsequentes (após o ensino médio) faculdade, universidades as características dos usuários são muito mais amplas do que apenas institutos que oferecem cursos técnicos integrados ao ensino regular médio, pois a faixa etária desta última por conta da modalidade de ensino acaba setorizando o tipo de usuário, geralmente estudantes de 14 à 18 anos.

De qualquer modo a procura pelas instituições é grande e problemática, principalmente por conta do raio de abrangência que estas instituições acabam exercendo, muito maior que as de mesma modalidade mas de caráter privado, por fatores como a gratuidade de ensino e a qualidade do mesmo. Ônibus, micro-ônibus, vans e outros meios de locomoção públicos ou privados tentam sanar a necessidades de alunos que não residem na área a qual o campus está implantado, porém quando a distância ultrapassa 50 quilômetros (de acordo com análises de origem dos usuários que usufruem os alojamentos) os alunos começam a procurar moradia na instituição (in campi - quando oferece) ou nas proximidades (off campi), mesmo sem possuir a sua maioridade, lembrando que quanto maior o raio, mais tempo o aluno tende a ficar na “nova moradia”, pelo valor e tempo e valor gastos para locomoção.

Em decorrência dos fatores citados anteriormente uma habitação estudantil acaba sendo além de um simples alojamento uma espécie de residência, para alguns apenas semanal (dias letivos), porém para outros usuários pode chegar a ser mensal até semestral ou anual, isso em decorrência da distância entre lar e instituição, não só de alunos, mas de professores e funcionários também.

Ou seja, a partir da procura por educação e consequentemente formação, os alunos procuram moradias para subsidiar este objetivo anterior e acabam tendo um novo fator resultante, o convívio de diferentes usuários. Em alguns casos, mesmo os alunos que não moram no campus (quando também há alojamento, mas que não utilizam por fatores como renda, maioridade ou escolha), estes acabam também utilizando a infraestrutura da instituição fora do horário letivo, seja para convívio, encontro, estudo, esportes e outros; pois em suma, os campus acabam sendo utilizados em todo o horário diurno e alguns casos também noturno, sendo assim a sua infraestrutura acaba sendo mais ampla e diversificada (restaurantes e lanchonetes, livrarias ou bazares, centros ou diretórios acadêmicos, ginásio ou quadras de esportes, laboratórios e bibliotecas, além de outros), o que atrai os usuários por um tempo maior.

2.4.2

histórico

Para entender mais sobre as habitações estudantis, há a necessidade de falar antes sobre as universidades, pois uma acaba sendo decorrência da outra.

Historicamente, os primeiros relatos de universidades acontecem na Europa entre os séculos XI e XII, junto com elas aparecem as primeiras moradias coletivas voltadas à estudantes.

Nas Américas, as universidades só aparecem nos séculos XV na República Dominicana - América Central e XVIII com a Universidade do Chile - América do Sul. No século XVI com a Revolução Francesa as moradias universitárias estão ligadas à uma questão educacional, afastando os filhos das famílias (não só para estudo) procurando desenvolver as potencialidades das crianças além de resolver problemas de rebeldia. Outros pontos são presentes na origem dos internatos, como a justiça social e abrigo para crianças provenientes de famílias carentes ou necessitadas de auxílio para criação e manutenção dos filhos.

Ainda no século XVIII, acontece o ciclo da mineração que acarreta na fundação da Escola de Minas de Ouro Preto, aparecendo então no Brasil relatos de universidades.

Junto a estes relatos também, ocorrem as primeiras moradias universitárias no estado de Minas Gerais, uma das mais antigas do país, se não a mais, é a República Castelo dos Nobres, também localizada na cidade de Ouro Preto/MG, estas moradias surgem com estudantes com ideologias republicanas que formam grupos e passam a ocupar casarões e sobrados pelas cidades, a partir disso surge o nome república.

A partir do século XIX surgem outras universidades no

território nacional e consequentemente moradias universitárias, onde a constituição acaba decretando o compromisso das instituições em oferecer assistência ao estudante, sendo moradia ou auxílio à mesma.

Entretanto mesmo estas habitações sendo coletivas e temporárias (período de formação) não podem ser menos qualificadas, de acordo com Colombo (2016) algumas características importantes devem existir para manter a qualidade de uso e vida dos usuários, tais como :

- Acomodações bem projetadas, proporcionando aos estudantes a segurança de estar sozinho;
- Ambientes apropriados para estudo e moradia
- A confirmação dos espaços, materiais e acessórios [...] devem ser adequados [...] e de fácil manutenção.

Ou seja, estas habitações devem ser projetadas adequadamente, não deixando de lado a qualidade para priorizar a quantidade, deve-se subsidiar uma moradia com os níveis mínimos de salubridade, área e qualidade de vida, como se o estudante estivesse na sua moradia, também proporcionando espaços para estudo para suporte à vida acadêmica e lazer pra as interações interpessoais.

Finalizando, além da qualidade de vida do usuário e de subsídio para educação,

“A moradia estudantil deve prover suporte psicofísico para os estudantes que nela habitam, tendo como objetivos proporcionar aos moradores um local de habitação; de apoio à constituição do indivíduo como adulto, cidadão e profissional; de socialização; e ainda de desenvolvimento de atividades extracurriculares. (GOETTEMS, 2012, p. 11)”

2.4.3

habitações no exterior

A Europa foi o berço das universidades, consequentemente das moradias estudantis, posteriormente se expande para América Central, se consolida na América do Norte e só por próximo ao século XX, chega ao Brasil. Por isso, identifica-se uma cultura da oferta e utilização de modalidades de moradia estudantil tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos, percebe-se principalmente em filmes e séries uma cultura verídica norte americana da ida de adolescentes para a faculdade, onde passam a residir em alojamentos estudantis e/ou repúblicas durante a formação acadêmica.

De modo geral, no exterior há um cuidado maior com as moradias estudantis, onde rapidamente encontram-se projetos de grande qualidade, tanto de usos, espaços e arquitetura na internet ou revistas, em suma estes projetos são voltados para um pátio interno, criando visuais, uma praça de relação público *versus* privado, conformação da quadra pela arquitetura e segurança.



fig.12 West Campus - EUA
archdaily.com

fig.13 Moradia
Estudantil Lucien
Cornil - França
archdaily.com



2.4.4

habitações no Brasil

No país, as moradias estudantis surgem em Ouro Preto e começam a ser nomeadas Repúblicas, se expandindo pelo país junto com as universidades, chegam ao número atual de 55 Universidades Federais no país, onde todas oferecem moradia aos estudantes. Entretanto nestas moradias existem problemas de oferta de vagas, infraestrutura e qualidade de implantação e dos espaços.

Existem outras modalidades de habitações no país como já citadas anteriormente e que são classificadas abaixo.

Existem algumas classificações para o termo habitação estudantil, onde os cinco principais segundo a Secretaria Nacional de Casas de Estudantes - SENCE, que são elas: Residência Estudantil, República Estudantil, Alojamento Estudantil, Vila Universitária e Casa Autônoma de Estudantes.

classificação das habitações no Brasil



fig. 14 residência estudantil USP/SP
bemblogado.com.br

residência estudantil - A

São caracterizadas por serem custeadas e mantidas pela instituição de ensino, onde os alunos da mesma podem usufruir da edificação durante o tempo de formação, geram grandes grupos, principalmente pela busca de maior oferta de habitação (criando superlotação algumas vezes o que diminui a qualidade de vida dos usuários), em suma, sem custeio próprio, geralmente fora do campus.

Ao lado a residência estudantil da Universidade de São Paulo - USP.



fig.15 repúblicas na Vila
Nova - Santa Rosa do Sul/SC
o autor

república estudantil - B

Geralmente são conjuntos de casas e/ou apartamentos, a vivência também acontece em grupos pois o custeio é por parte dos usuários, buscando diluir o valor superlotando as habitações, ou seja, são privadas, onde o usuário pode permanecer na mesma durante o período de formação, mas também posteriormente, são mantidas fora dos campus e suas tipologias são adaptadas a partir de residência já existentes no local.

Na figura ao lado, duas repúblicas existentes as margens do complexo estudantil IFC - Santa Rosa do Sul.



fig.16 república bairro Universitário -
Criciúma/SC, o autor

C - casa autônoma de estudante

Geralmente, apartamentos em edificações verticais, onde dependendo a proximidade da universidade são caracterizadas por uso “exclusivo” de estudantes, administradas por um senhorio (dono do empreendimento) e bancadas totalmente pelo usuários (aluguel, manutenção etc) que usufruem do espaço durante e pós formação acadêmica, sem vínculos com as instituições, consequentemente fora da mesma. Tipologias simples de apartamentos (um ou dois dormitórios) geram grupos de alunos de acordo com o número de dormitórios, podendo a sua capacidade ser de dois alunos por quarto, sendo assim, geralmente de dois até quatro usuários por habitação individual.

*fig.17 edifícios bairro Univeristário
Criciúma/SC. autor*



D - vila estudantil

São aglomerados de casas e/ou apartamentos com a função de abrigar estudantes, oferecendo aos mesmo necessidades básicas e qualidade de espaços para moradia, estudo, convívio, troca de informações, lazer e outros. Custeadas pela instituição em parcialmente ou totalmente, também podendo ser privadas e em casos recorrer a custeio dos alunos, objetivando o usos por alunos em formação acadêmica, geralmente com maior qualificação, espaços de lazer, encontro e estudos.



*fig.18 vila
estudantil na
dinamarca
ciclovivo.
com.br*

*fig .19 TCC vila
universitária -
Criciúma/SC
Colombo (2018)*





*fig.20 alojamento estudantil
IFC - Santa Rosa do Sul / SC
o autor*

alojamento estudantil - E

Edificações de diferentes portes, localizadas dentro das instituições, prioritariamente para alunos com maior carência financeira. Geralmente espaços que servem exclusivamente para dormitório, ou seja, nem sempre oferecem uma qualidade de espaços ou valorizando estudo, lazer e encontro, diferente das vilas.

Tal modalidade acontece nos IFC de Santa Catarina, alojamentos dentro do campus, com superlotação tentando sanar a demanda, em alguns casos com pouca infraestrutura, salubridade e espaços adequados, gerando então dormitórios temporários sem qualidade.

2.4.5

habitações in campi

Uma universidade ou um instituto federal, pelo caráter educacional já é beneficiado pela infraestrutura e equipamentos necessários para o acadêmico, onde a implantação de um alojamento estudantil (último exemplo da classificação) que viria a abrigar estudantes e os mesmo utilizarem por um período superior e de maneira mais adequada os mesmos equipamentos de acordo com Serrano (2017). Ou seja, não seria prejudicial à instituição, apenas utilizaria da sua infraestrutura por um período maior ou até mesmo sem interferir do período de funcionamento como em universidades que possuem cursos noturnos.

Quando se insere um alojamento em um campus ele não é privado exclusivamente aos estudantes, funcionários podem usufruir das instalações,

já que em muitos casos como os alunos, professores também não são moradores do município (casos em que a instituição tenta procurar docência qualifica que nem sempre é encontrada na sua região), tendo que se deslocar para instituição. Ou seja, o alojamento não é apenas subsidiado para os alunos, mas para professores, funcionários, convidados e até de apoio da instituição.

Outros quesitos ainda, podem justificar uma habitação in campi, como o custo diluído da infraestrutura, segurança e sistemas de apoio, além de uma melhor adaptação dos alunos num ambiente novo e longe de casa, acontecendo também, por grupos em mesma experiência pelo convívio, uso e apropriação dos espaços disponíveis.

2.4.6 nos IFC

Tanto na rede federal e privada de ensino técnico principalmente, existem alojamentos ou internatos estudantis dentro da própria instituição, principalmente pelo fato dos alunos em sua maioria serem menores de idade e residirem longe da instituição.

Os câmpus IFC Araquari, Camboriú, Concórdia, Rio do Sul e Santa Rosa do Sul são os únicos campus da rede federal

presentes no estado de Santa Catarina que possuem e oferecem moradia estudantil para os alunos. Outros campus principalmente da rede IFSC procuram sanar a necessidade com auxílio moradia.

No próximo tópico serão apresentadas análises em alojamentos dos campus citados anteriormente.

2.4.7 relação de moradia

É importante ressaltar o que é uma moradia estudantil além de apenas um dormitório, como já dito, muito estudantes se deslocam de suas cidades de origem para uma formação acadêmica, seja ela técnica, tecnológica, superior ou de pós graduação. Muitos destes além de apenas estudar, também tem que trabalhar para se manter financeiramente, ou seja, acabam criando um vínculo com a instituição e/ou cidade, criando uma “segunda morada”, mesmo no caso dos institutos

federais onde os alunos estudam em tempo integral isso também acontece, há relatos de alunos que permanecem nas dependências da instituição por até seis meses.

Logo a moradia estudantil deixa de ser apenas um local para dormir, mas sim um local para morar, além das necessidades básicas, também deve oferecer condições de estudo, de qualidade de uso e vida, além de lazer e relações interpessoais e interculturais.

Tanto na rede federal e privada de ensino técnico principalmente, existem alojamentos ou internatos estudantis dentro da própria instituição, principalmente pelo fato dos alunos em sua maioria serem menores de idade e residirem longe da instituição.

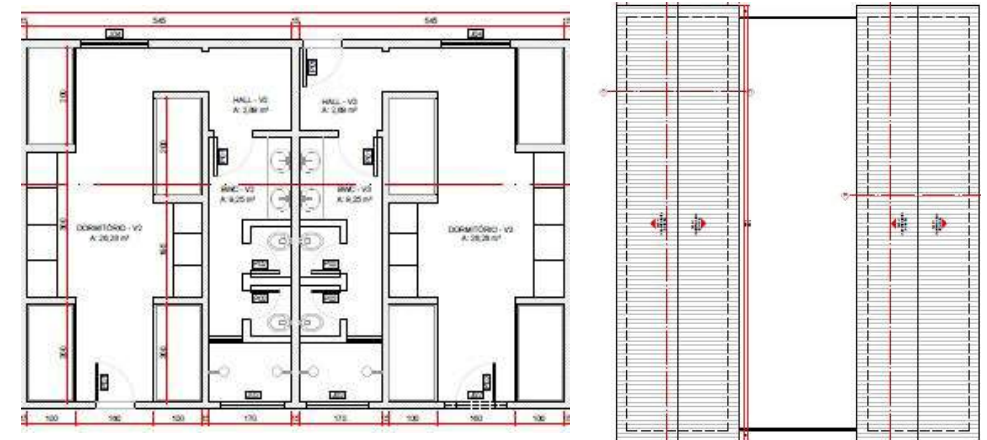
Os câmpus IFC Araquari, Camboriú, Concórdia, Rio do Sul e Santa Rosa do Sul são os únicos campus da rede federal presentes no estado de Santa Catarina que possuem e oferecem moradia estudantil para os alunos. Outros campus principalmente da rede IFSC procuram sanar a necessidade com auxílio moradia.

No próximo tópico serão apresentadas análises em alojamentos dos campus citados anteriormente.

araquari - A

O alojamento acaba sendo grande, com mais de 25 m² de área útil para 8 alunos por alojamento, os armários ficam na área central.

Porém com apenas dois sanitários e um chuveiro conjugado, sem área de estudos, pouca insolação (independente do norte, pois são janelas pequenas e apenas dois eitos porém receber insolação adequada) Também não há área de transição, onde os leitos estão em contato direto com o ambiente externo.



A implantação mostra que são dois blocos lineares, com um pátio “interno”, cada bloco conta com seis alojamentos, sendo estes na área central, em uma das pontas um vestiário e na outra a coordenação dos alojamentos ou uma área de convivência.

*nenhuma orientação solar estava demarcada no projeto

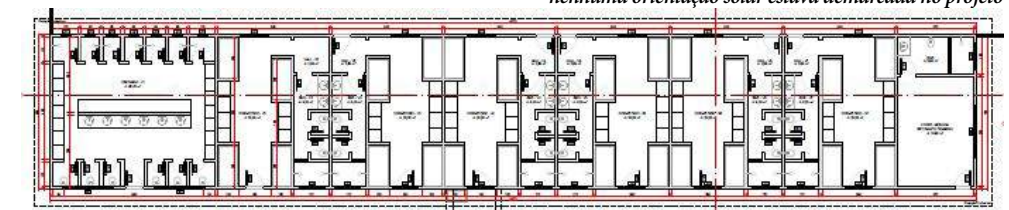
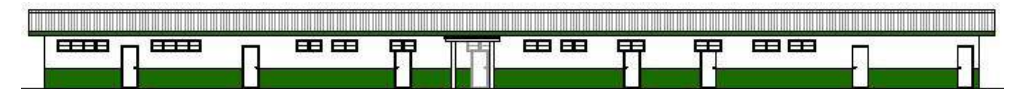
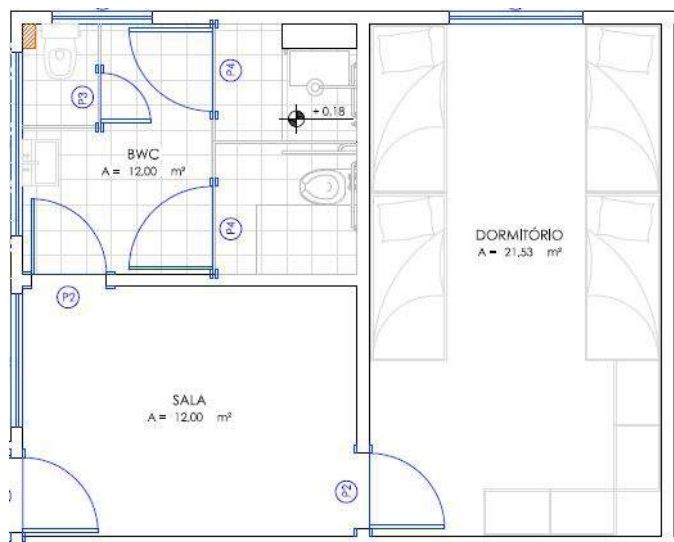


fig.21 regularização do projeto arquitetônico
Eng. Reitoria

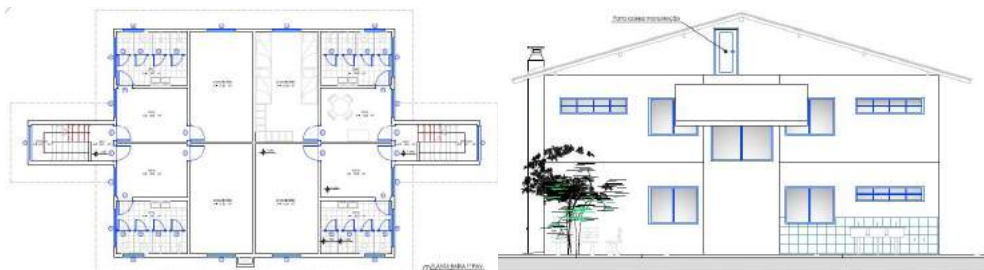


B - camboriu



Dormitório separado dos demais ambientes com mais de 20 m², área social ou para estudos com 12 m² e sanitários também com 12 m². Com uma qualificação maior, porém existem problemas de fluxo, principalmente no banheiro. Aparentemente há acessibilidade no interior do alojamento, mas compromete o restante do banheiro além de dificuldade de acesso ao alojamento (térreo) e impossibilidade (segundo pavimento), pelo uso exclusivo de escadas. Percebe-se que não há funcionalidade ou projeto adequado no dormitório pela disposição dos leitos e dos armários, não sendo individualizado e sem áreas de estudos definidas. O número de alojados não foi informado, sendo no mínimo quatro, possivelmente chegando à oito, sendo os leitos beliches.

**nenhuma orientação solar estava demarcada no projeto*



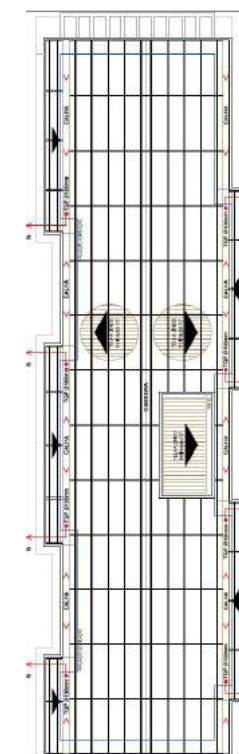
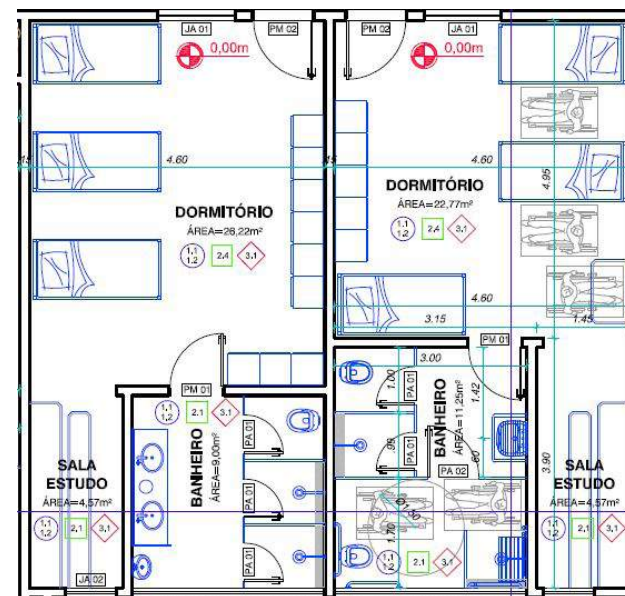
A implantação é definida por um único bloco, com duas escadas laterais que dão acesso aos alojamentos, quatro no térreo e outros quatro no segundo pavimento.

fig.22 regularização do projeto arquitetônico
Eng. Reitoria

Alojamento com 25 m² com área adequada para os leitos e para os armários, que são suficientes para três ou seis dormitórios, caso sejam utilizados beliches. Ainda há uma área de estudos, porém pequena e sem ventilação ou iluminação natural adequadas e não consta área social ou de convívio.

Janelas pequenas e mal locadas principalmente pelo layout adotado.

Única modalidade com acessibilidade adequada, tanto na área dos leitos como no sanitário, porém com área para estudos individual.



A implantação em forma de bloco único linear, com oito alojamentos, sendo numa das laterais a lavanderia e na outra o alojamento acessível.

Há uma tentativa de quebra da linearidade com o desencontro das fachadas.

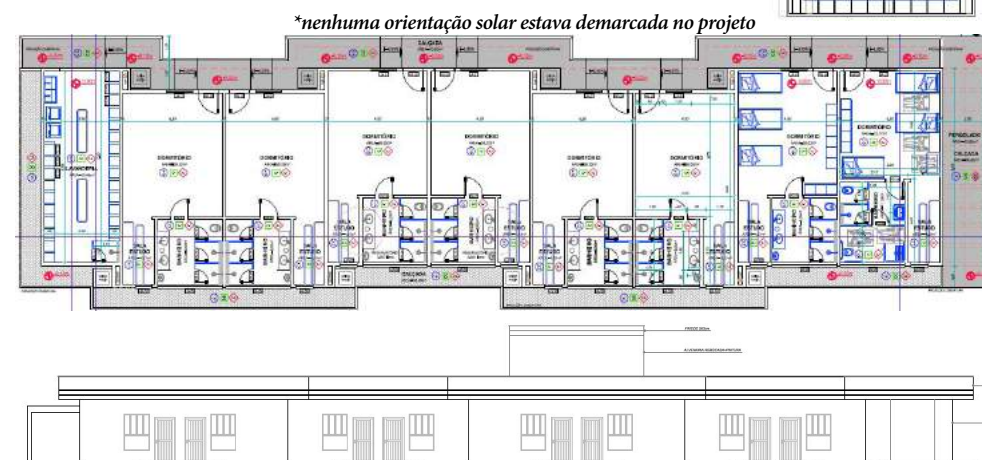
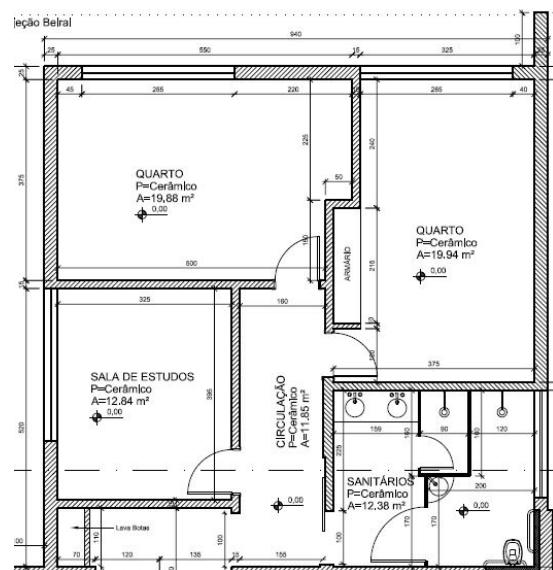
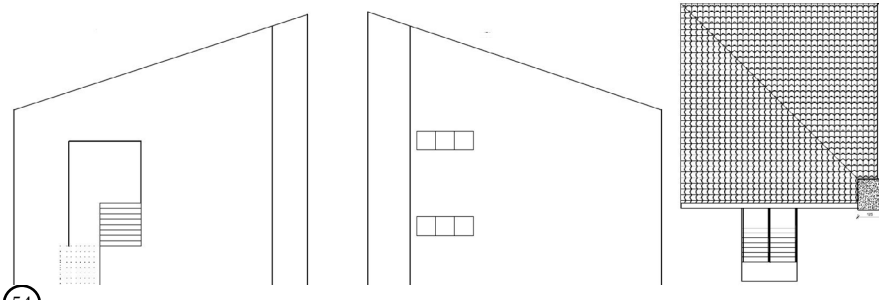


fig.23 regularização do projeto arquitetônico
Eng. Reitoria

D - rio do sul



*nenhuma orientação solar estava demarcada no projeto



O alojamento se divide em 2 quartos e uma sala de estudos, ambos com dimensionamento adequado e janelas amplas (porém o número de alojados não foi informado) não há área social o que pode influenciar no uso da sala. Sanitários com quantidade adequada, mas com problemas de dimensionamento em alguns casos, os alojamentos do térreo foram adaptados para acessibilidade, mas ainda existem problemas.

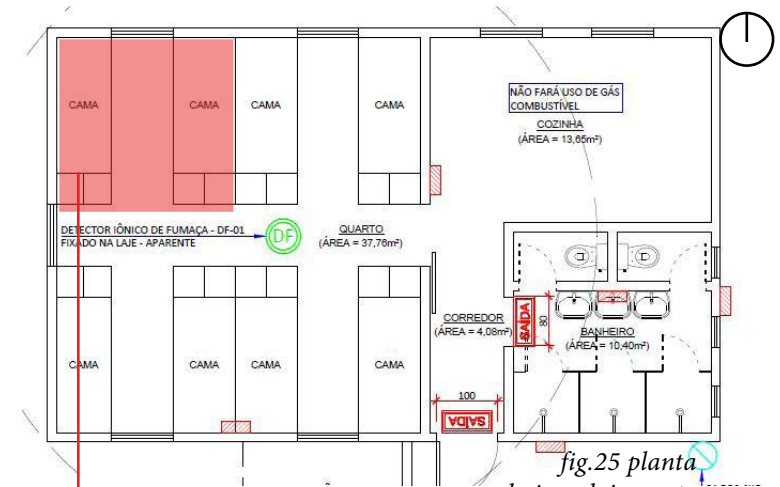
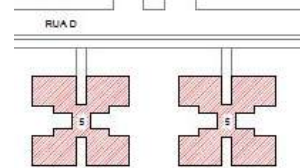
Não há área de transição entre externo X interno, assim como acessos por problemas de representação do projeto, nenhum layout foi disponibilizado.

Dois blocos únicos conformam a implantação (apenas a individual foi disponibilizada) com escada externa e na forma de duas águas.

As fachadas frontais não estavam nos arquivos.

fig.24 regularização do projeto arquitetônico
Eng. Reitoria

O alojamento é dividido em banheiros, com três chuveiros e dois sanitários; uma copa sem infraestrutura e os dormitórios, onde atualmente são quatro “cabine”, onde cada ficam alojados quatro alunos, somando 16 alojados por apartamento. Os apartamentos acabam se tornando superlotados e insalubres em alguns casos, pela falta de insolação no interior das habitações.



4 camas em 11m², uma janela, nem sempre com insolação. 16 alunos por alojamento.

fig.25 planta baixa alojamento masculino IFC - SRS



fig.26/27/28 interior alojamento masculino - autor

fig. 29 interior os blocos masculinos - autor





3

APRESENTAÇÃO
■ DO RECORTE



ESCALA REGIONAL

ESCALA RURAL

ESCALA DO RECORTE

SUB-RECORTES

3.1.1

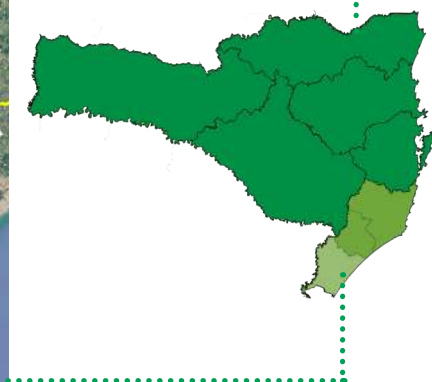
escala regional

O Brasil é um país sul americano dividido em 27 estados mais distrito federal que formam 5 regiões, sendo uma delas a Região Sul, formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Santa Catarina é um estado composto por 295 municípios que são divididos em seis mesorregiões, entre elas a Sul Catarinense que engloba as microrregiões da Associação de Municípios da Região de Laguna - AMUREL, Associação dos Municípios da Região Carbonífera - AMREC e Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC.

A AMESC por sua vez é composta por quatorze municípios, confrontante com o estado do Rio Grande do Sul, a AMREC e o Oceano atlântico. Com influência da BR 101 os municípios da AMESC tem sua economia baseada nas indústrias nas margens da rodovia federal, além de comércio e serviço que também estão presentes nas cidades margeadas pelo oceano e agricultura que é presente nas cidades com menor influência turística e da indústria.

As figuras ao lado representam o Brasil e a Região Sul; Santa Catarina e a Mesoregião Sul Catarinense, com as microrregiões; e por fim a microrregião da AMESC, com seus confrontantes e os quatorze municípios que a compõe, a mancha escura representa o município de Santa Rosa do Sul, localidade do recorte.



— limite municipal
— BR 101

fig. 30/31/32 imagens de localização
google imagens
adaptado autor

3.1.2

escala municipal

O município de Santa Rosa do Sul tem 151 km² de área sendo margeado pela lagoa do Sombrio à leste, e pelos municípios de São João do Sul (Sul), Jacinto Machado (Oeste) e Sombrio (Norte).

Segundo o IBGE a estimativa populacional em 2018 é de 8.338 habitantes sendo 54% pertencentes à área rural do município.

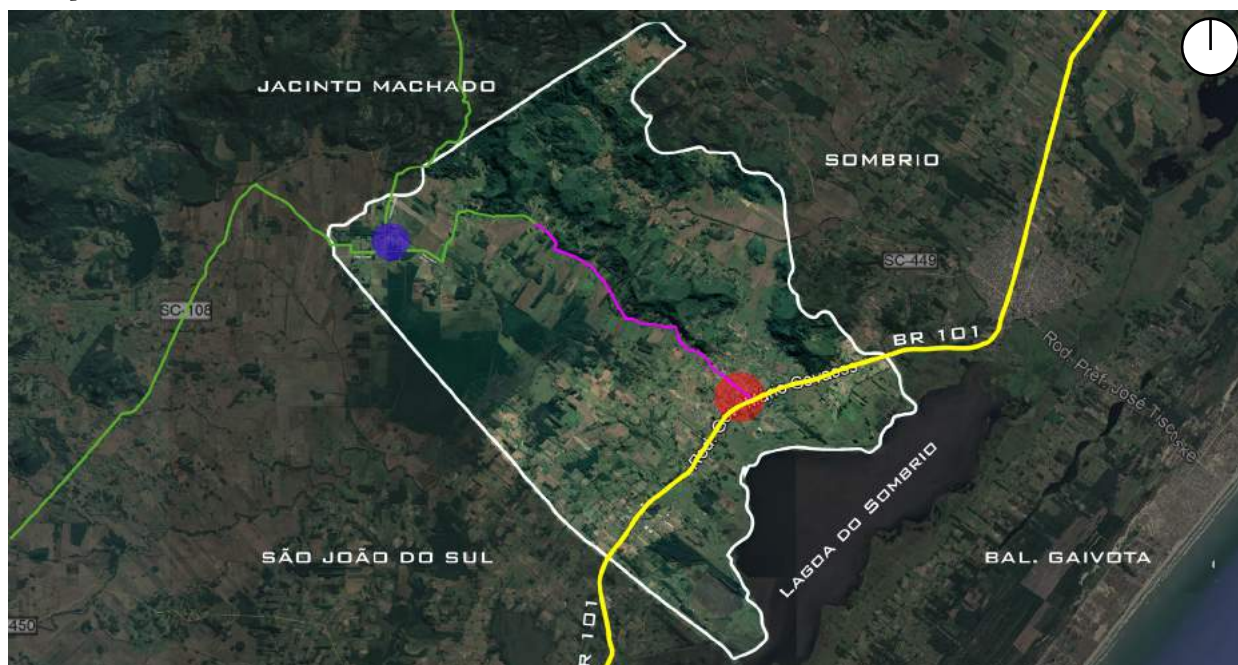
Os primeiros moradores da região foram indígenas, principalmente das tribos Umbus, Humaitá, Taquaras, Itararés, Sambaquis e Tupis-guaranis, que são conhecidos como Carijós.

A partir de 1860, surgem imigrantes tais como italianos, alemães, espanhóis, portugueses e outros.

A cidade se desenvolve com o fato do transporte de açúcar, farinha de mandioca e banana e outro entre portos e pelo comércio oriundo de carros de boi que passavam pelo município.

Chegando atualmente com parte da economia pela agropecuária e grande influência da BR 101 com a questão de comércio e serviço para a cidade e região, em alguns casos indústrias.

fig. 33 mapa municipal, google earth
adaptado autor



O mapa o lado mostra o município em questão, com sua delimitação (linha branca) e cidades confrontantes, em amarelo está a BR 101 - rodovia federal.

Também é apresentada a área urbana municipal pela mancha vermelha, junto à BR 101, em azul temos a Vila Nova, na área rural, onde está implantado o IFC.

As vias que chegam ao complexo estão, em verde as que permanecem em terra batida e a em rosa a asfaltada.

Não foi disponibilizado mapa com a área urbanizada, mas acredita-se que corresponde apenas à mancha vermelha e margens da rodovia federal.

- vila nova
- área urbana
- via terra
- via asfalto
- lim. mun.
- BR 101

3.1.3

escala rural

O IFC está localizado totalmente na área rural do município, mais especificamente na Vila Nova, onde a maioria dos moradores são estudantes, servidores da instituição e pequenos produtores rurais, onde os mesmos se concentram na via de conexão à área urbana, e nas margens do complexo.

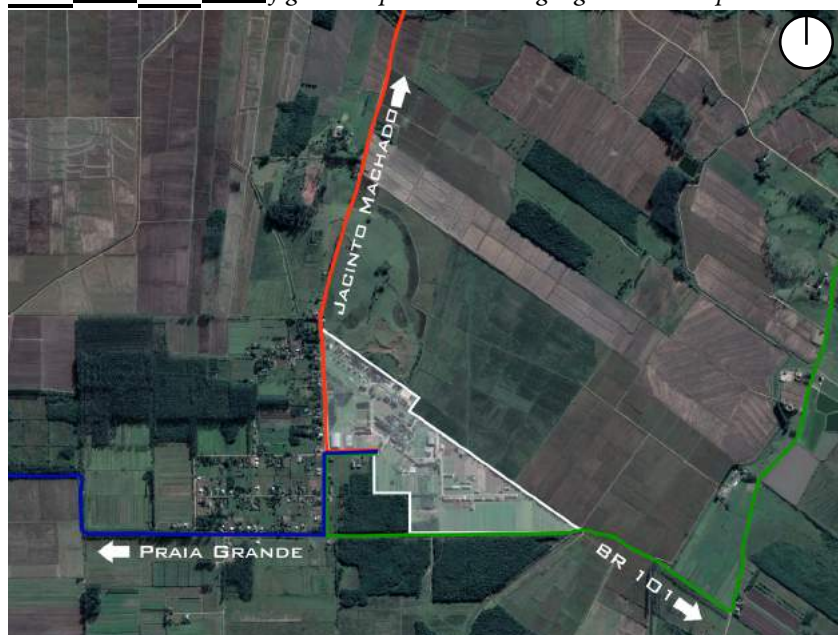
Existem alguns pequenos equipamentos também nas margens do instituto,

O mapa mostra a vila, as vias de conexão a mesma e a área do complexo federal.

Em branco temos o perímetro da instituição, em verde as vias de conexão principal, tais como coletoras, amarelo a local principal que leva à instituição e em laranja as locais secundárias, apenas de pequenas ligações, ao complexo e as residências.

Em vermelho estão pontuados os equipamentos religiosos, verde instituição primária, azul escuro um posto de saúde e azul claro repúblicas.

1000m fig. 34 mapa vila nova - google earth adaptado autor



○ área IFC
— via terra
= lim. IFC

○ repúblicas
● eq. saúde
● eq. educação
● eq. religioso

= lim. IFC
○ área IFC
— via local sec
— via local pri
— via coletora

500m fig. 35 mapa equipam. - google earth adaptado autor



IFC SANTA ROSA DO SUL

O IFC - Santa Rosa do Sul é um polo central de dois campus, o próprio e a Unidade Avançada Sombrio ou Unidade Urbana como também é conhecida, sendo esta uma ramificação do campus sede, existe uma direção no campus Sombrio mas que responde à direção geral no campus Santa Rosa do Sul.

Ambas as unidades oferecem cursos técnicos e superiores, porém diferentes entre si, a Sede oferece o Curso Técnicos em Agropecuária e a Faculdade de Agronomia, sendo contemplado com alojamentos discente e docente, enquanto a Unidade Avançada oferece os Cursos Técnicos em Informática e Hotelaria e Cursos Superiores de Licenciatura em Matemática, Tecnólogo em Turismo e Redes e Computadores, sem alojamento

A Unidade Avançada se localiza numa das centralidades em expansão do município de Sombrio, tentando se fortalecer e crescendo verticalmente e até mesmo de maneira desorganizada em meio a um espaço incomum, sem possibilidade direta de crescimento horizontal, o que prejudica a qualidade do campus, além da falta de análise de impacto e entorno por profissionais qualificados (em ambos os campus).

A unidade de Santa Rosa do Sul se

localiza em meio rural, 15 km da área urbana e da BR 101 que corta o município de norte à sul, sendo a principal via de acesso ao município.

Para chegar ao campus além da rodovia federal existem outras vias de pequeno porte que são utilizadas principalmente pelos municípios de Jacinto Machado e Praia Grande, que estão à oeste do município.

O complexo estudantil conta com uma área superior a 362.000 m² de extensão territorial, contendo nesta área para o ensino regular médio, ensino técnico e faculdade infraestrutura, tais como, ginásio, quadras específicas e poliesportivas, salas de aula do ensino regular e sala do ensino técnico, biblioteca, laboratórios, auditórios, refeitório e cozinha, anfiteatro, administração, diretoria, internatos e semi-internatos, ambulatório, bloco específico da faculdade de agronomia, sala de professores, lavanderia, áreas de manejo de plantas e animais, galpões de mecânica, abatedouro, agroindústria e outros.

A conexão de todo esse complexo acontece a partir de uma via de extensão de um quilômetro linear, que se conforma pelo desenho da instituição. Ligando desde as habitações de funcionários na extremidade superior, até as áreas de manejo fito-zootécnico.

3.1.4

escala do recorte



fig. 36 imagens IFC - SRS - google



fig. 37 imagens IFC - SRS - google

A conexão de todo esse complexo acontece a partir de uma via de extensão de 1 quilômetro destacada em verde na figura, que se conforma pelo desenho da instituição, ligando desde as habitações de servidores na extremidade superior esquerda do mapa até as áreas de manejo fito-zootécnico no canto inferior direito.

Nota-se uma tentativa de diferenciar o ensino técnico do regular, onde as matérias específicas da agropecuária se localizam em meio às áreas de manejo, com blocos de uma ou mais sala de aula, próximos a sua atuação, como plantações, rebanhos bovinos, granjas de suínos e aves, assim como outros.

A figura 39 está separada em recortes numerados, sendo os recortes um e dois, representando a área técnica, o recorte três representa o ensino médio e apoio institucional, recorte quatro a área desportiva e o cinco área habitacional.

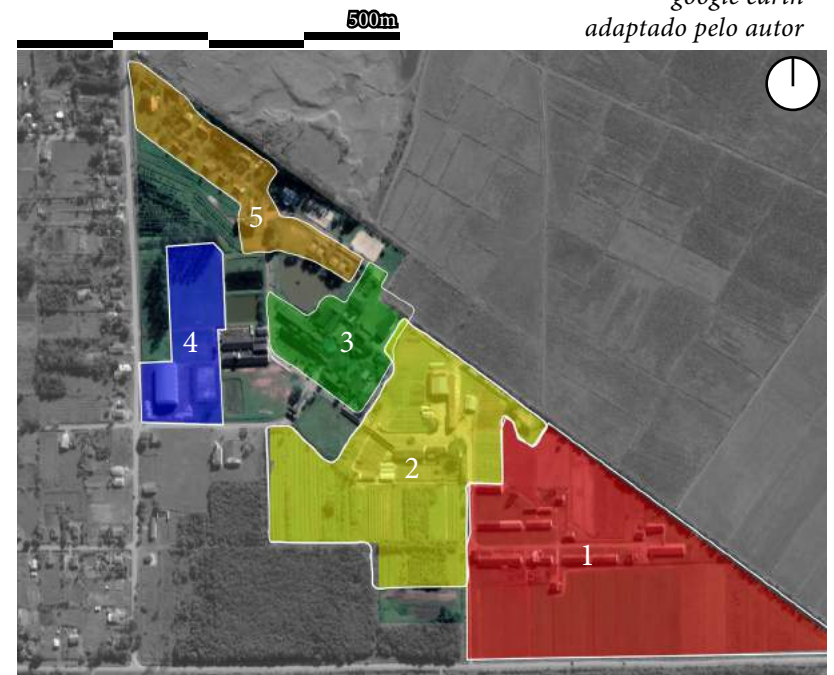


fig.40 localização - autor



Recorte 1 - área técnica 1

Atualmente, o ensino técnico está presente em toda a instituição, mas se concentra especificamente à leste, onde originalmente foi projetado, setorizando as áreas de ensino.

A área técnica um é em suma plantio e manejo vegetal, sendo observado como o número “1” no mapa, presente nas bordas do sub-recorte, e também manejo animal e salas de aula concentrados no centro do sub-recorte, densificando a via estrutural do complexo, tendo fácil acesso de servidores, professores e alunos, assim como manejo e transporte de animais (sendo habitual, diferente do vegetal que é perene).

fig. 41 - vista norte sala de aula técnico - autor

01 - Área de plantio;

02 - Sala de aula técnica;

03 - Área de manejo animal.

fig. 42 - vista oeste laboratório paisagismo (antiga pousada fazenda) - autor

fig. 43 - vista oeste da via estrutural na área técnica e sua densificação - autor

fig. 44 - vista nordeste da área técnica (suinocultura) - autor



02



04



04

04

03

03

03

03



03

02

03



250m

fig.45 sub-recorte 1 google earth; adaptado pelo autor



fig. 43 - mapa de apresentação área técnica um

Recorte 2 - área técnica 2

A área técnica dois ainda, tem sua característica bem conservada, assim como a anterior, porém com novas edificações, tais como laboratórios e novas obras no setor da fruticultura, todos para dar apoio aos servidores para o trabalho e para professores e alunos para as salas de aula ou ensino. Encontram-se setores de apoio à instituição, tais como a horta, fruticultura, mecânica e abatedouro, onde além de servirem para o ensino dos mesmos, são utilizados para o complexo, na forma de subsistência e manutenção. Existem também, áreas específicas, tais como de projeto de extensão tanto para o ensino técnico quanto faculdade.

fig.46 localização - autor



- | | | | |
|-----------------------|--------------------|--------------------------|----------------------------|
| 01 - Área de plantio; | 06 - Mecânica; | 09 - Museu e apicultura; | 12 - Plantio fruticultura; |
| 04 - Horta; | 07 - Silvicultura; | 10 - Laboratórios; | 13 - Abatedouro. |
| 05 - Agroindústria; | 08 - Fruticultura; | 11 - Plantio específico; | |

250m



fig. 47 - sub-recorte 2 google earth; adaptado pelo autor

fig. 48 - vista sul horta - autor

fig. 49 - vista oeste laboratórios técnicos - autor

fig. 50 - vista sul mecânica - autor

fig. 51 - vista nordeste abatedouro - autor



04



10



06



13

fig. 44 - mapa de apresentação área técnica dois

fig.52 localização - autor



Recorte 3 - ensino médio e apoio institucional

Setor principal da instituição e primeira fachada do complexo, de frente ao acesso principal ficam a área administrativa (18) da instituição com acesso direto e as salas de aula (14) num bloco linear horizontal (sem acesso direto pela frente). Após temos o anfiteatro (17) local de convívio dos alunos, áreas de apoio físico e pessoal aos estudantes (16), auditório (15), refeitório (19) e biblioteca (21), além de sala de professores (20) e outros. Área mais concentrada da instituição, com maior fluxo e trocas interpessoais, convívio, encontro e outros principalmente pelo número de equipamentos presentes no local.

fig. 53 - vista norte auditório e salas de aula - autor
fig. 54 - vista sul da administração - autor
fig. 55 - vista oeste do miolo e salas de aula - autor
fig. 56 - vista leste do apoio institucional - autor

05 - Agroindústria;
14 - Salas de aula;
15 - Auditório;

16 - Apoio educacional;
17 - Anfiteatro;
18 - Administração e

coordenação;
19 - Refeitório e cozinha;
20 - Sala dos professores;

21 - Biblioteca;
22 - Lavanderia.

250m

fig.57 - sub-recorte 3 - google earth; adaptado pelo autor



fig. 53 - mapa de apresentação área ensino médio e apoio institucional

Recorte 4 - área esportiva

Originalmente ligada exclusivamente ao ensino dos esportes e recreação, a área desportiva conta com um ginásio poliesportivo que ainda contém uma sala de aulas, uma quadra também poliesportiva aberta e dois campos abertos, um em dimensões oficiais.

Posteriormente, foi implantado o semi-interno masculino que já foi realocado e construído o semi-interno feminino (28), atualmente também existe o prédio da faculdade de agronomia (27) e açudes (29) que são da área técnica, mas acredita-se ser locado na área por fatores estéticos e de organograma funcional e setorial, já que não seria adequado (por necessidade de ampliação de ambos) junto ao manejo animal e vegetal diretamente.

- | | | |
|---------------------|------------------------------|-----------------------------|
| 23 - Ginásio; | 26 - Campo de futebol; | 28 - Semi-interno feminino; |
| 24 - Quadra aberta; | 27 - Faculdade de agronomia; | 29 - Açudes. |
| 25 - Campo aberto; | | |



fig. 54 - mapa de apresentação área desportiva

fig.58 localização - autor



fig. 60 - vista sul (externa) ginásio - autor

fig. 61 - vista leste faculdade de agronomia - autor

fig. 62 - vista leste do semi-interno feminino - autor

fig. 63 - vista interna faculdade de agronomia - autor



fig.64 localização - autor



Recorte 5 - área habitacional

Área importante da instituição, setorizada separada das demais e com características diferentes, quase que independentes, originalmente foram projetadas 13 casas funcionais (professores e servidores), com diferentes tipologias, segregada por cercas e portões do restante da instituição, quase como uma vila de residências, com projeto de praça para os usuários e filhos; além dos alojamentos (masculinos), quatro edificações com uma intenção de pátio interno que formam um bloco (existem dois blocos), com uma possível área de expansão que é utilizada para recreação. Posteriormente, foram implantadas as quadras de areia, alojamento feminino e centro cultural.

fig. 65 - vista sul alojamentos masculinos - autor
fig. 66 - vista sul centro cultural - autor
fig. 67 - vista leste alojamento feminino - autor
fig. 68 - vista sul casa funcional - autor

25 - Quadra aberta;
29 - Açude;
30 - Alojamento

Masculino;
31 - Alojamento
Feminino;

32 - Habitação unifamiliar
(casa funcional);
33 - Centro cultural;

34 - Pomar.

fig.69 - sub-recorte 5 - google earth;
adaptado pelo autor



A pastoral scene featuring several sheep in a lush green field. In the foreground, a large adult sheep and a small lamb are looking towards the camera. Other sheep are visible in the background. The field is dotted with large, dark rocks. A dense line of trees and bushes forms the background. A large, bold white number '4' is overlaid on the left side of the image.

4

■ LEVANTAMENTOS



ENTORNO

MANCHAS

MICRO-MANCHAS

4.1

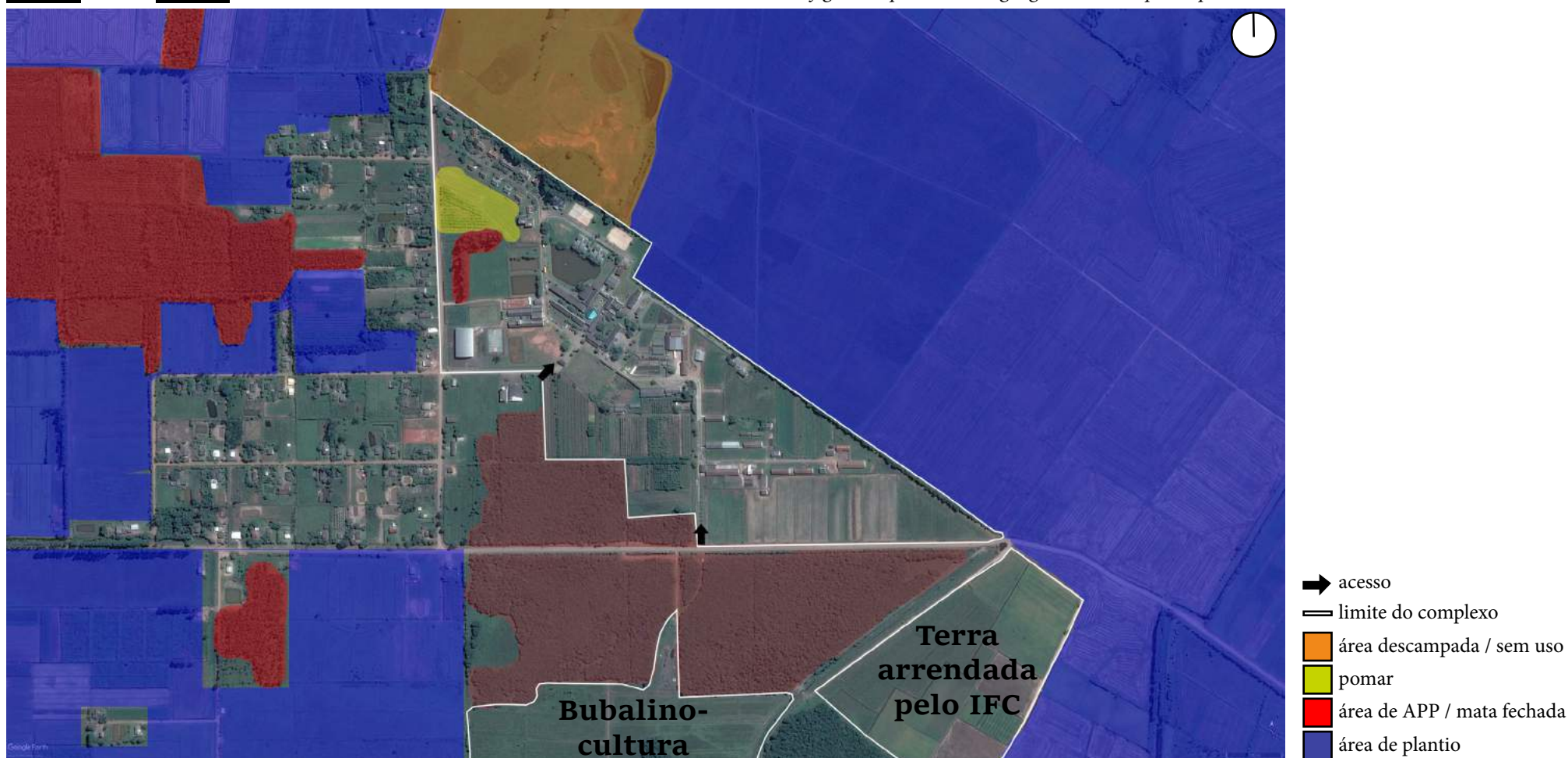
entorno

A escala do entorno corresponde às conexões e as possíveis influências entre a vila e o complexo atualmente, onde há grande parte do recorte destinada ao plantio (azul) e mata densa/APP (vermelho), estes correspondem a duas das três confrontantes do perímetro da instituição, acima pelo diagonal e abaixo, onde a instituição é cortada pela via coletora já descrita anteriormente (existem duas áreas de uso do complexo, mas que não foram informadas se são patrimônio oficial, são elas a área de criação de búfalos e uma terra arrendada para plantio) a esquerda temos a parte mais consolidada da vila, onde existem alguns poucos equipamentos.

Embora sejam dependentes um do outro, a vila e o complexo não tem nenhuma conexão, havendo uma necessidade de nós adequados para reforçar a conexão.

500m

fig.70 mapa entorno - google earth; adaptado pelo autor



4.2

manchas

A análise de manchas mostra que a instituição é setorizada de acordo com usos, sendo eles, MORAR, ESTUDAR e TRABALHAR, mas que também mostram uma desconexão e uma descaracterização de alguns usos.

Temos a mancha técnica a direita (laranja), a qual é parte significativa do complexo, principalmente por conta do plantio, no centro estão as áreas referentes ao apoio (azul) à direita e ao ensino médio (roxa) a esquerda, o que mostra uma ideia de setorização da arquitetura já no acesso à instituição, indicando primeiramente à administração, fácil acesso a um visitante e posteriormente o ensino médio, existem duas áreas separadas do ensino médio, que marcam a desconexão, que serão explicadas nas micro-manchas.

Acima está a área habitacional, que conta com as habitações estudantis, habitações de servidores e o centro de cultura, pertencente ao ensino médio. Ou seja, as áreas não estabelecem uma unidade por uso, posteriormente são desconectadas, criando longos percursos à serem realizados e a não apropriação dos espaços pelos múltiplos usos.

- ligações por uso
- faculdade de agronomia
- área técnica
- apoio institucional
- ensino médio
- área habitacional

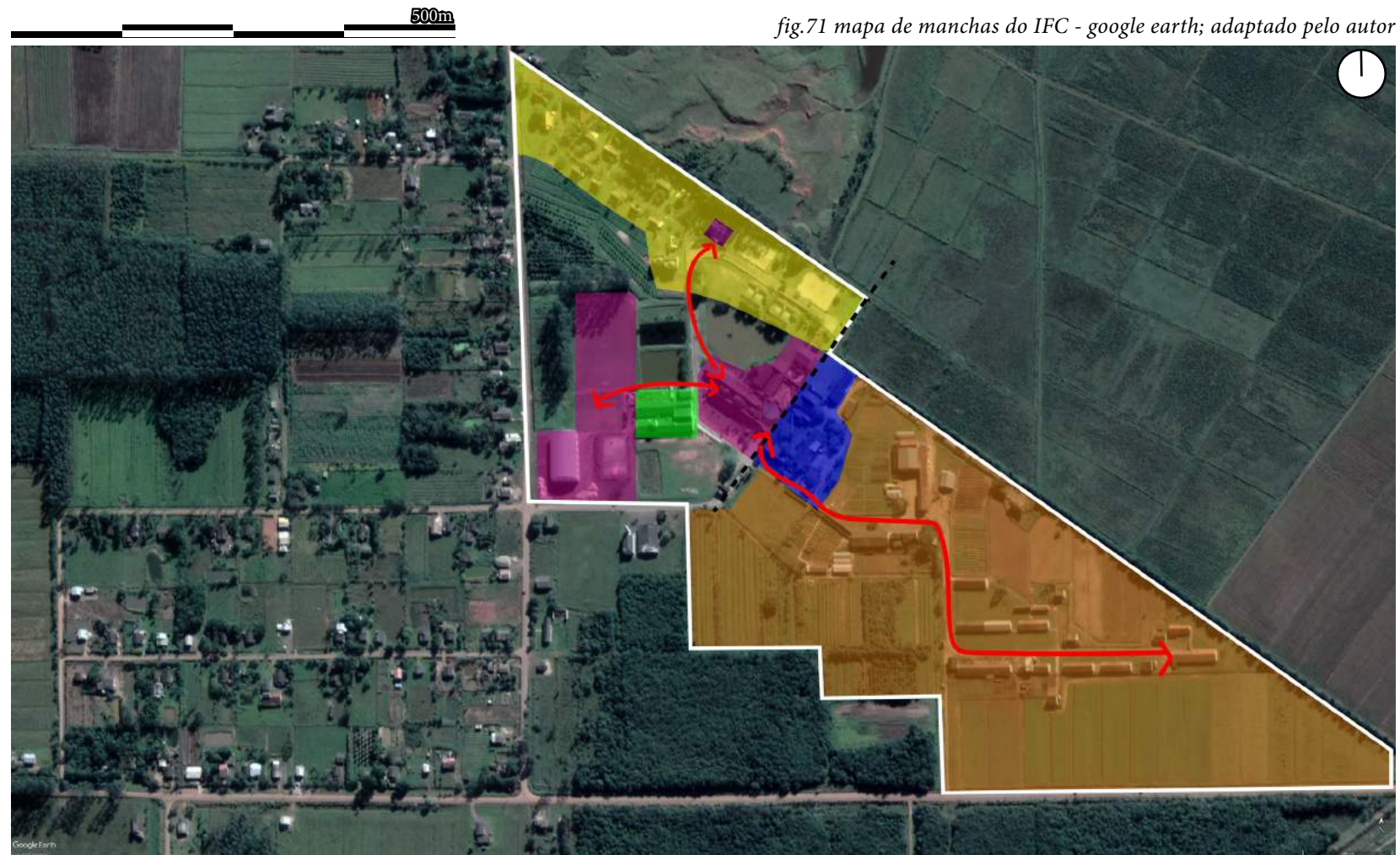


fig.71 mapa de manchas do IFC - google earth; adaptado pelo autor

Percebe-se a setorização comentada anteriormente a partir do acesso principal marcado no mapa pela linha tracejada preta, onde há a distinção entre o apoio/administração e o ensino médio, além de setorizar o ensino técnico à direita e os demais usos à esquerda. Isso fica claro na imagem abaixo da fachada principal da instituição, onde do lado direito o acesso à administração é fácil e marcado, como primeiro a ser utilizado e posteriormente às salas de aula, onde pela fachada são apenas janelas com acesso por um pátio interno.

A análise de manchas traz uma relação interessante ao trabalho, onde as setorizações Morar, Estudar e Trabalhar como já citadas, sofrem com o problema das descaracterização por influência do tempo e ampliação da instituição, onde, a partir de uma necessidade de expansão, surgem arquiteturas para sanar esta necessidade, porém de maneira paliativa, pois resolvem o problema diretamente, mas indiretamente geram a influência de usuários não pertencentes ao setor, fazendo com que os usuários reais não se apropriem do espaço por uma falta de “privacidade” ou por conta de uma invasão.

A falta de análise a longo prazo no projeto de novas arquiteturas gera então um efeito dominó em fatores negativos para a instituição e apropriação dos espaços da mesma. Percebe-se então a importância de reforçar e manter os setores quando distintos e com importância como a do IFC, onde os alojamentos deixam de ser dormitório e passam a ser residências de longo prazo.

Outra percepção importante é a união dos setores, onde, por mais que os setores devam ser individuais, a união entre eles também é importante, de maneira pontual e analisada, pois geram integração e transição entre os espaços, porém, a união mais importante no trabalho é a junção dos três setores, pois ele que gera então a característica da instituição, como no esquema abaixo.



fig. 72 imagens IFC - SRS - Willian Benedet

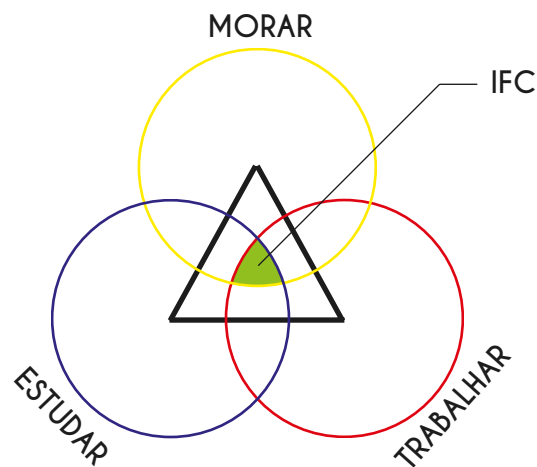


fig. 73 esquema de setores - autor

4.3

micro-manchas

As micro-manchas mostram as edificações separadamente, as áreas apenas com o perímetro marcados são referentes a espaços de uso, porém abertos. A análise mostra a densidade junto a via estrutura existente na área técnica, assim como na área habitacional, embora esta esteja mais afastada. O ensino médio fica concentrado na área central, porém percebe-se áreas separadas, sem conexão, tais como área esportiva e centro cultura, assim como a faculdade de agronomia que fica entre a área concentrada do ensino médio e a área esportiva. Estas áreas desconexas existem por uma falta de análise dos espaços para a ampliação da instituição ao longo dos anos, ou seja, a arquitetura posterior gerou o problema atual.

Onde também partir das micro-manchas percebe-se três categorias de edificação.

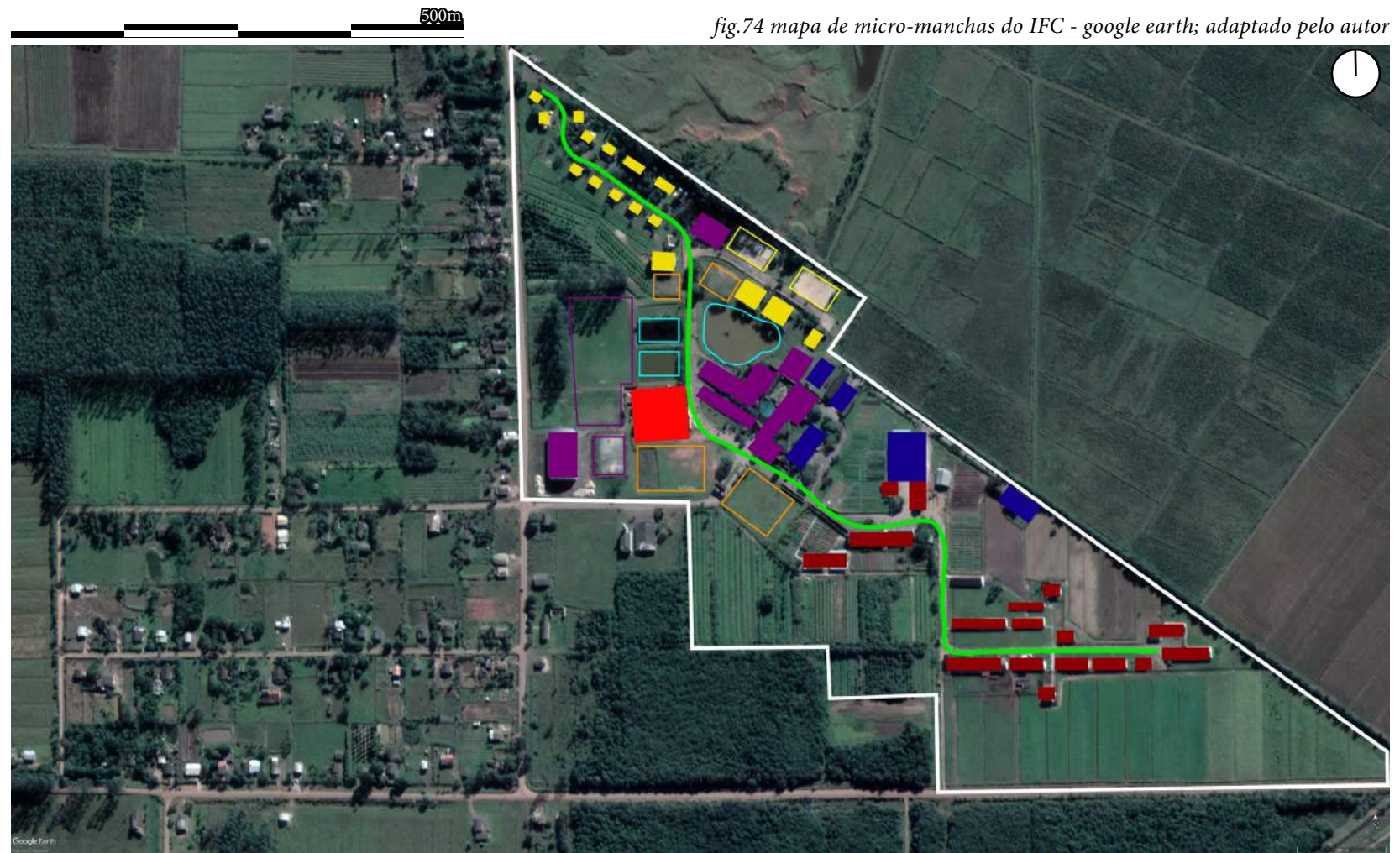


fig.74 mapa de micro-manchas do IFC - google earth; adaptado pelo autor

- açude
- vazio / espaço ocioso
- faculdade de agronomia
- edificação e área técnica
- edificação institucional
- edificação e área ensino médio
- edificação e área habitacional

1. Arq técnico original

Estas arquiteturas estão orientadas de leste - oeste, visando melhor conforto térmico para os alunos e para os animais. Com característica de arquiteturas independentes e telhados marcantes, com aberturas para ventilação e iluminação das salas de aula, escritórios e sanitários, além dos próprios setores técnicos.



fig.75 arquitetura técnico original - autor



fig.76 arquitetura técnico original - autor

2. Arq médio original

Segue a ideia de orientação, mas alinhada ao terreno do complexo, como no mapa anterior, não são independentes e forma blocos lineares, o telhado ainda é marcantes mas também está presente a materialidade de revestimento de tijolinhos.



fig.77 arquitetura médio original - autor



fig.78 arquitetura médio original - autor

3. Arquitetura posterior

São arquiteturas implantadas sem análise adequada, apenas alocadas em espaços vazios, sem grande valor arquitetônico e geralmente servem de solução temporária, pois geram novos problemas, tais como desconexão, falta de apropriação, dificuldade de uso e outros. Percebe-se que estas arquiteturas tentam remeter às anteriores, principalmente pelo revestimento de tijolinhos, mas sem valor estético como nas demais.



fig.79 arquitetura posterior - autor



fig.80 arquitetura posterior - autor

4.4

análise dos problemas

Algumas informações importantes sobre os alojamentos, masculinos e feminino, foram coletadas junto à instituição, onde:

Alojamento Masculino:

- Datado da inauguração do complexo;
- Contém 16 apartamentos, porém 4 deles estão parados por falta de manutenção;
- No total são 126 alojados.

Alojamento Feminino:

- Inaugurado em 2012;
- Total de 128 alojadas;
- 80 no alojamentos (limite);
- 48 divididas em três casas funcionais, sendo respectivamente 11, 19, 18 alojadas.

1. Na escala macro do recorte, o principal problema é a desconexão com a vila qual o complexo está implantado, onde alunos e funcionários que residem nas margens da instituição muitas vezes tem que contornar o complexo para chegar no único acesso do mesmo, o fator é agravado pelo tempo de existência da instituição no local sem uma devida conexão com o entorno;

2. Na escala intermediária, ou seja, do complexo, percebe-se principalmente a desconexão e falta de acessibilidade dos setores e espaços internos do complexo, a falta de unidade dos usos, onde existem longas distâncias para percorrer em curtos períodos de tempo, o que dificulta o uso e a qualidade do espaço, principalmente pelo fim do efeito dominó que isso causa, sendo a não apropriação dos espaços;

3. Enquanto arquiteturas, os problemas estão em dois tópicos, primeiro na qualificação das mesmas, principalmente das habitações estudantis, onde há uma superlotação e uma falta de salubridade, como já explicado, além da não oferta de alojamento para os alunos da graduação. E o segundo na falta de acessibilidade e espaços qualificados para os discente, principalmente os que residem por longos períodos no complexo.



fig.81 arquitetura técnico original - autor

fig.82 arquitetura técnico original - autor





5

INTENÇÕES



PROJETUAIS



INTERVENÇÕES

PROGRAMA DE NECESSIDADES

RECORTE DE INTERVENÇÃO UM - PRAÇA DE INTEGRAÇÃO (VILA X COMPLEXO)

RECORTE DE INTERVENÇÃO DOIS - PRAÇA DOS ESTUDANTES

RECORTE DE INTERVENÇÃO TRÊS - PRAÇA DE CONEXÃO (MORADIA X FACULDADE; ESTUDO X ESPORTE)



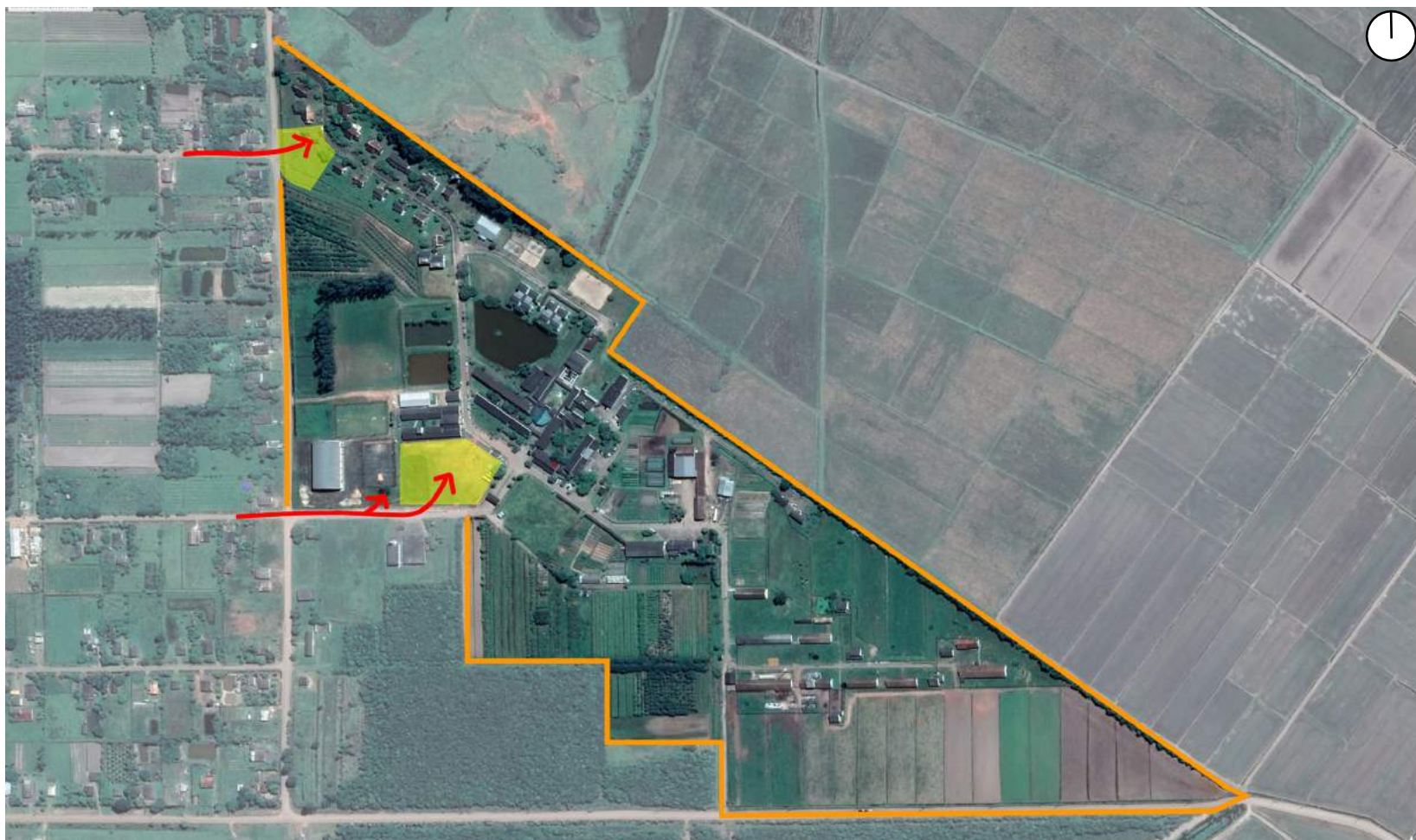
5.1.1

relação vila X complexo

Em relação ao entorno, as análises mostraram uma falta de conexão com a vila onde o complexo está inserido, sendo assim, alternativas de reconciliação entre ambas as existências foram buscadas, o resultado são duas áreas sem uso no momento, a primeira acima no mapa, era uma pequena praça do setor habitacional que hoje está degradada, porém com grande potencialidade de ligar a vila ao interior do complexo. O outro recorte são antigos açudes, hoje aterrados, onde seu perímetro poderia ser utilizado como potencialidade e acesso ou uso mais qualificado.

500m

fig.83 mapa intenções de projeto para a vila X complexo - google earth; adaptado pelo autor



- limite do complexo
- fluxo de conexão
- áreas de conexão

5.1.2

reconexão do complexo

Enquanto instituição, algumas diretrizes foram traçadas para a requalificação da mesma, tais como a criação de três novas centralidades, para a delimitação dos usos e reforço dos mesmos. Atualmente há apenas uma centralidade, marcada em azul no mapa abaixo, correspondente ao ensino médio.

As demais centralidades seriam da esquerda para a direita, habitacional, criando uma

praça entre os alojamentos e caracterizando o espaço pela apropriação, agronomia, também com uma praça ligando a faculdade com o centro cultural realocado e com a moradia do ensino superior. E por fim na área técnica, na antiga pousada rural, um espaço recreativo e de encontro, tal qual um grêmio estudantil, voltado aos alunos, assim os raios de abrangência e caminhabilidade seriam adequados.

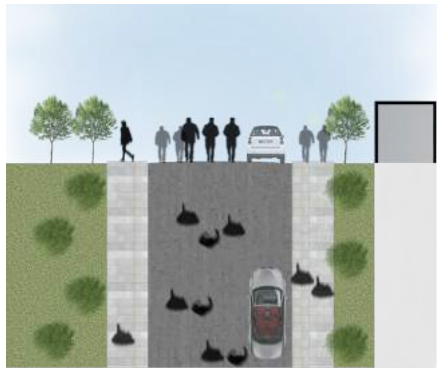
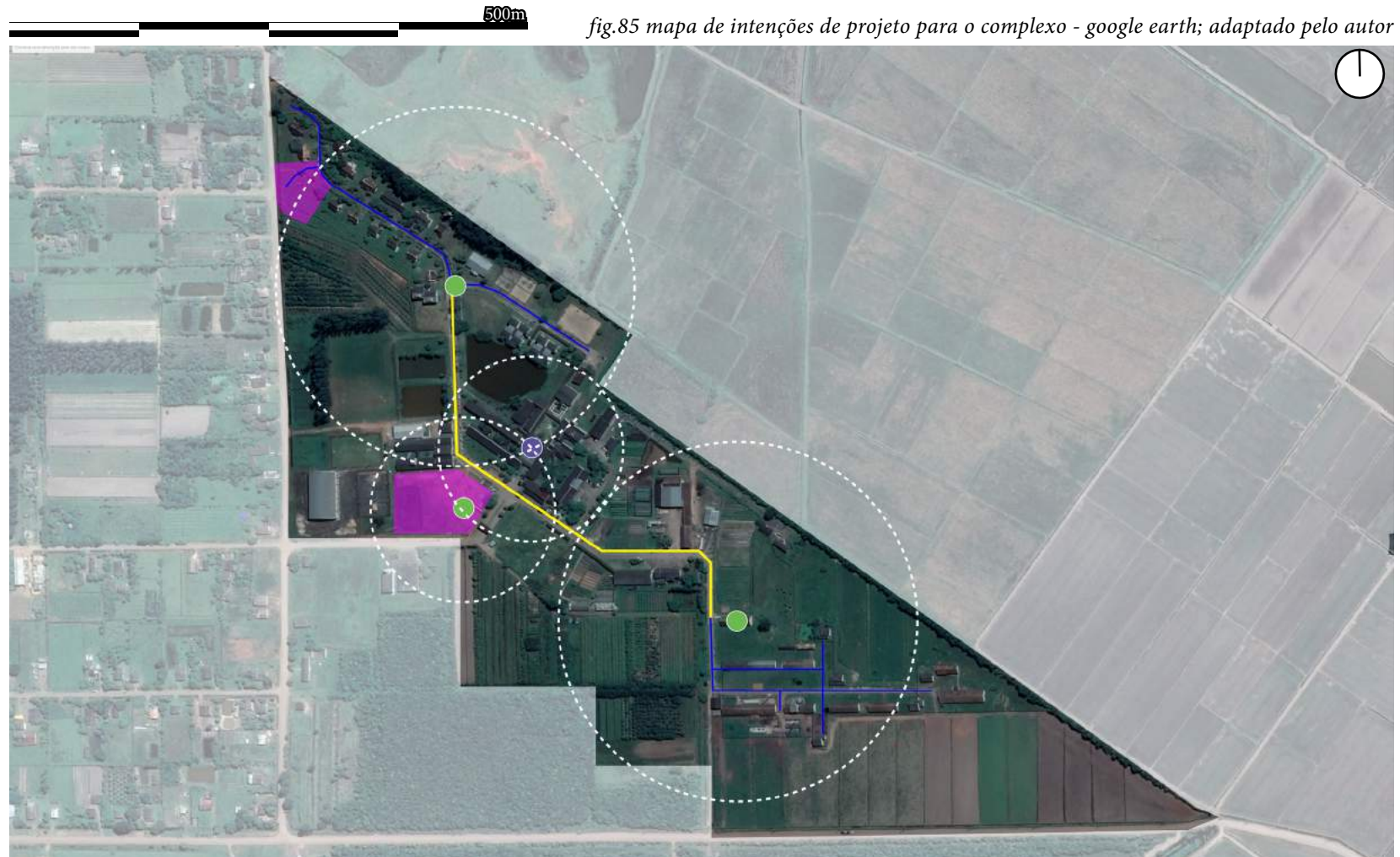


fig.84 - corte da via estruturadora - autor

Conectando as centralidades por uma via compartilhada, como já acontece atualmente, porém qualificada, onde passeios e calçamento adequados permitem um trajeto entre setores melhor para os usuários, como no corte acima.

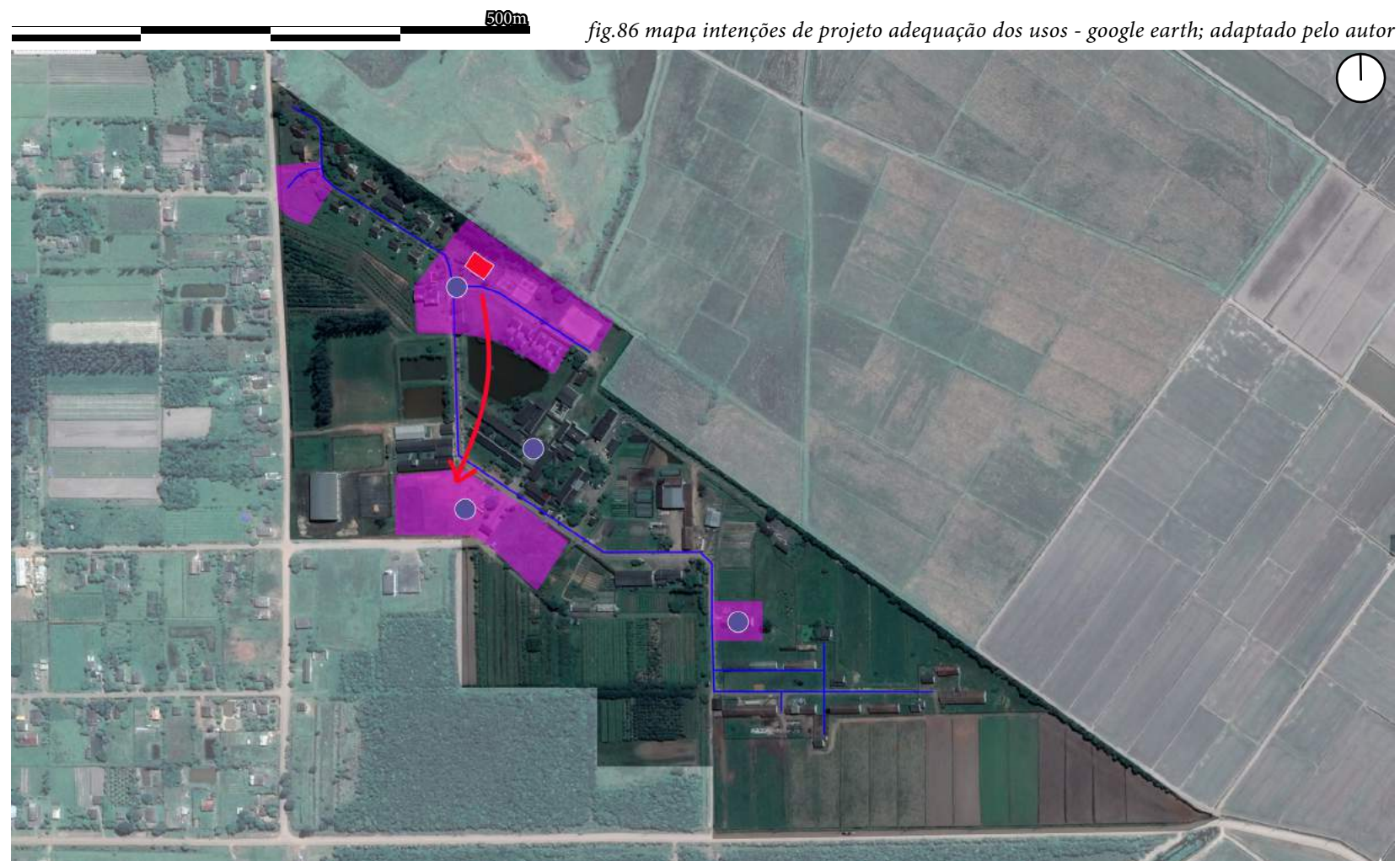


- áreas de intervenção
- via compartilhada principal
- vias compartilhada secundária
- centralidade existente
- centralidade nova

5.1.3

readequação de usos

Como já citado anteriormente, além dos espaços dos dois espaços de intervenção, há um terceiro na área habitacional, onde a primeira ação é a realocação do centro cultural que atualmente está desconexo e sem apropriação, então o mesmo seria implantado junto ao espaço ocioso próximo a entrada, gerando uma nova praça para a instituição, ligando a centralidade do ensino médio à área esportiva, trabalhando em conjunto com a faculdade de agronomia e a moradia do ensino superior que será comentada no partido.



5.2

programa de necessidades

Setor	Descrição	Quantidade	Área Total	Somatório
Aloj Fem.	Dormitório Druplo	24 ap.= 48 aloj.	12 m2 apart. 288 m2	288 m2 + áreas comuns
Aloj Masc.	Dormitório Coletivos	16 ap.= 32 aloj.	12 m2 apart 384 m2	384 m2 + área comuns
Aloj En. Sup.	Apartamento Duplos	24 ap.= 48 aloj.	25 m2 apart 600m2	600 m2 + áreas comuns
Saúde	Academia	40 alunos	200 m2	440m2
	Sala Dança	50 alunos	100 m2	
	Sala Luta	50 alunos	100 m2	
	Sala Jogos	20 alunos	40 m2	
Estudo	Salas Coletivas	20 alunos	30 m2	60 m2
	Computadores	5 alunos	10 m2	
	Mesas Individuais	15 alunos	20 m2	
				1772 m2

Estudo:

Para sanar a falta de salas de estudos da biblioteca e períodos a qual a mesma está fechada, por isso salas de estudo coletivo para 20 alunos foram projetadas. Para salas individuais foram dimensionadas apenas 15, considerando como apoio para as criadas nas modificações dos dormitórios e apenas 5 computadores, levando em consideração alunos alojados que ficam nas dependências nos fins de semana que não possuem computadores pessoais.

Para fins de cálculo do programa de necessidades foram utilizados os dados reais fornecidos pela instituição, sendo:

Alojamento Masculino - 126 alojados.;

Alojamento Feminino - 80 alojadas;

- 48 alojadas em casas funcionais
(servidores e professores);

Alojamento Ensino Superior - Inexistente

Somando 334 alojados, 254 existentes e 80 novos.

Academia:

Considerando que cada aluno utiliza o equipamento duas vezes por semana por uma hora cada.

- 5 ciclos por noite (17 - 22 horas) - **10 ciclos por semana.**

Finalizando **40 alunos** por ciclo.

Dança e Luta:

Considerando que cada aluno pratica um tipo de dança ou luta duas vezes à semana.

Sendo cinco modalidades de dança e luta por semana, somando quatro modalidades = 6 ciclos.

Aproximadamente 50 alunos por ciclo.

Jogos:

Área livre, sem ciclos, considerando alunos ociosos e rotação entre atividades, área com 20 alunos.



6

REFERENCIAIS

■ PROJETUAIS



ESCALA DO COMPLEXO

ESCALA DE RECONHECIMENTO

ESCALA DOS RECORTES

PROGRAMA DE NECESSIDADES

6.1

escala do complexo

Concurso italiano para uma instituição de ensino, gera uma quebra da ideologia de escola, abrindo a sua arquitetura para o urbano e se unindo a outros usos.

A conexão desse “mini-urbano” se dá a partir de passeio pedoanais qualificados, além de ciclovias e centralidade de apoio por entre o percurso.

- Arquitetos DLC Arquitectos
- Localização Avenida Coyoacán 1622, Del Valle Centro, 03100 México, D.F., México
- Ano do Projeto 2013

Projeto com espaços de encontro, estar e convívio por entre passeios, circulações e espaços há serem descobertos por entre o paisagismo.

Os espaços qualificados são marcados e tem sua importância, assim como seu cuidado de projetar e criar.

Importância para a troia para as relações inter-pessoais.

fig.87 concurso escola primária - archdaily

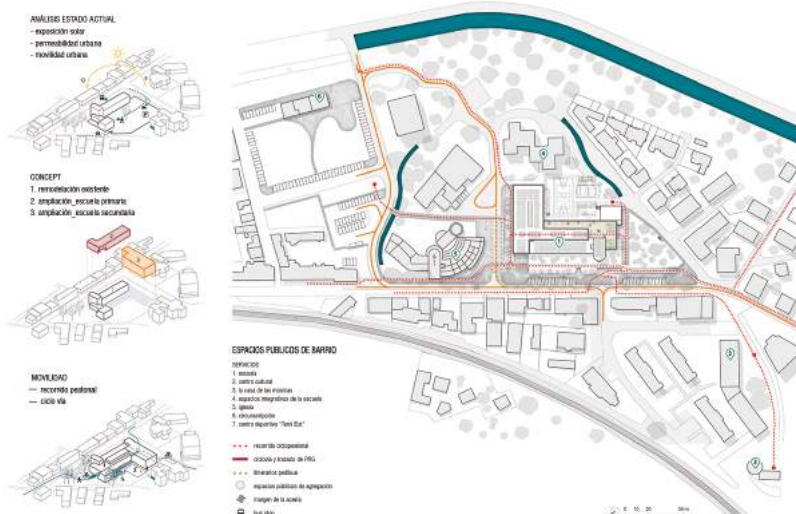


fig.88/89 campus corporativo coyocán - archdaily



6.2

escala da arquitetura

- Arquitetos Studio Bernardo Secchi & Paola Viganò
- Localização Bélgica
- Ano do projeto 2013

A arquitetura se conforma a ter um pátio interno, olhos para dentro e proteção.

Fatores importante foram cuidados tais como ligação com a natureza e ambiente implantado, visuais e intenções de projeto.



fig.90/91 habitação estudantil - archdaily



fig.92/93 hostel - archdaily

- Arquitetos C.F. Møller C.F. Møller C.F. Møller C.F. Møller
- Localização, Dinamarca
- Ano do projeto 2015

A edificação tem pontos visuais marcantes e importantes marcados, porém o mais interessante são os espaços internos criados entre os dormitórios, espaços de lazer, convívio e estar, interagindo entre si, onde as relações inter-pessoais sejam mais fortes e frequentes.

A vibrant photograph of a cornfield with tall, green stalks reaching towards a bright blue sky filled with fluffy white clouds. The perspective is from within the field, looking slightly upwards.

7

■ PARTIDO



PRAÇA DE INTEGRAÇÃO (VILA X COMPLEXO)

PRAÇA DOS ESTUDANTES

ALOJAMENTO FEMININO

**ALOJAMENTO MASCULINO
(CONEXÃO DO ALOJAMENTOS MASCULINOS)**

ESTUDO, SAÚDE E LAZER

PRAÇA DE CONEXÃO (MORADIA X FACULDADE; ESTUDO X ESPORTE)

ALOJAMENTO DO ENSINO SUPERIOR

7.1

recorte de intervenção um - praça de integração (vila X complexo)

A praça fica no setor das casas funcionais da instituição, atualmente um espaço sem uso, mas com um forte potencial, estando dentro da instituição, entre residência e com uma possível ligação com uma das vias que desemboca no perímetro da instituição. Como mostra no mapa, três fluxos podem ser recolhidos por essa praça, se tornando um acesso para o complexo, ou simplesmente um espaço de lazer qualificado para usuários do instituto ou moradores da vila.

fig.95 mapa área de intervenção um - google earth; adaptado pelo autor

- via estruturadora
- fluxo desejado
- alojamento feminino
- centro cultural
- área da praça
- área do pomar
- edificações de servidores



fig.94 mapa localização autor



fig.96 imagem do local - autor



7.1.1

relação vila X complexo

A praça tem grande potencial de acesso ao complexo, sendo qualificado e marcado por uma diferenciação de piso que liga a via existente à praça, como na imagem três, entretanto o fluxo de pessoas não deve ser em grande quantidade ou rápida, então a conexão é “quebrada” como na segunda imagem, locando usos entre a circulação de pedestres, tais como um playground na imagem três e a escolha de árvores para criar um espaço de lazer e contemplação.

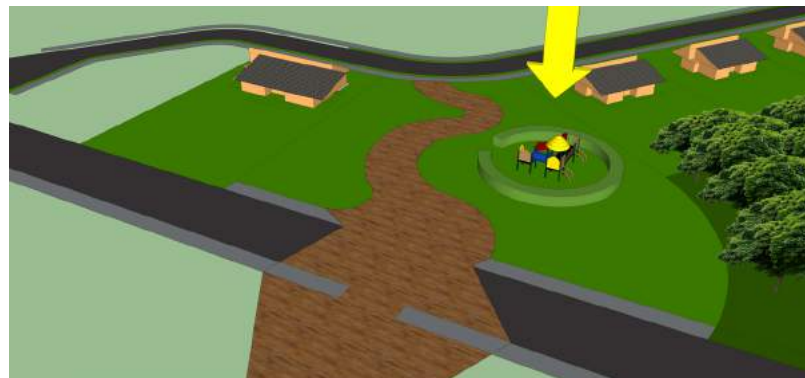
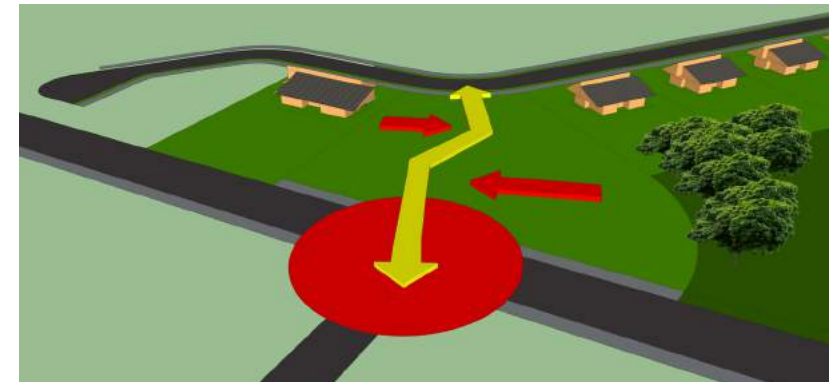
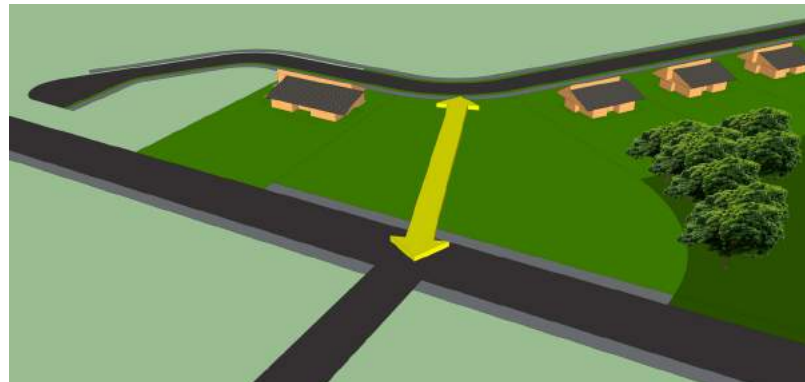
Protegendo as habitações existentes, cercas vivas são estrategicamente implantadas para proteger visualmente os moradores. Ainda há o fato do pomar da instituição estar atrás das habitações de servidores e de conexão direta com a praça, para controle de entrada uma barreira de vegetação é projetada, um aumento gradativo do porte cria uma massa verde de tons de verde e tamanhos diferentes, além de impedir entradas indesejadas.

fig.97 esquema intenção de projeto - autor

fig.98 esquema intenção de projeto - autor

fig.99 esquema intenção de projeto - autor

fig.100 esquema intenção de projeto - autor



7.2

recorte de intervenção dois - praça dos estudantes

Uma das áreas mais importantes da instituição e que poderia ser mais apropriada, o setor habitacional acolhe servidores e principalmente alunos, durante a semana e em alguns casos, durante os fins de semana, então acaba tendo um laço afetivo ao cotidiano do estudante. Além destes fatores, há a necessidade de expansão do alojamento feminino que é insuficiente e uma reforma de ampliação dos alojamentos masculinos que por conta da sua tipologia pode chegar à uma superlotação que atinge diretamente a qualidade de vida dos estudantes. Próximo aos alojamentos existem algumas quadras poliesportivas e um açude, que são potencialidades do recorte.

fig.102 mapa área de intervenção dois
- google earth; adaptado pelo autor

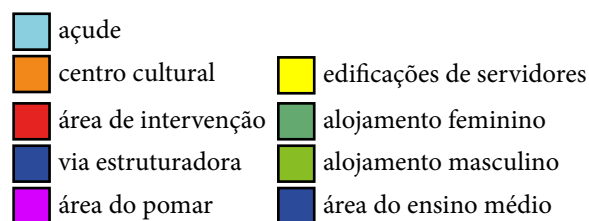


fig.101 mapa localização autor



fig.103 imagem do local - autor



fig.104 imagem do local - autor

7.2.1

praça dos estudantes - entorno

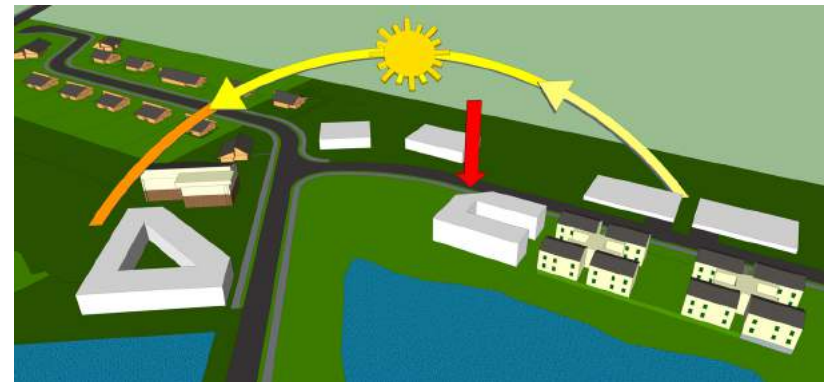
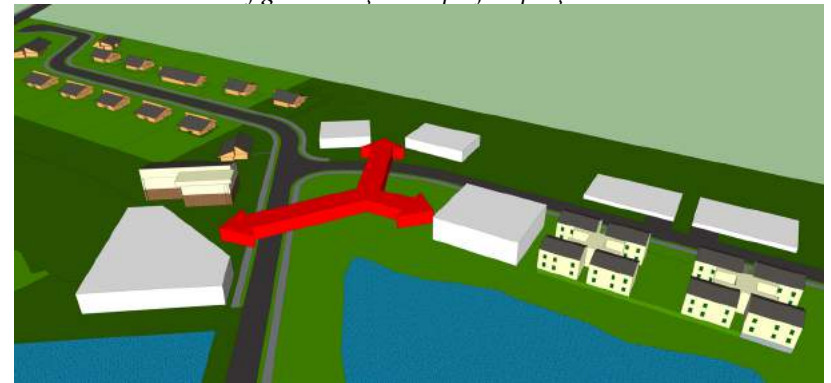
Com a necessidade de ampliação dos dois alojamentos, são idealizados dois volumes primários a partir dos existentes como na primeira imagem. Além dos alojamentos há o centro cultural no fundo da primeira imagem que será realocado dando lugar ao um espaço de estudo e saúde, o centro das três edificações cria uma centralidade para o setor habitacional, que deve servir de conexão para as novas arquiteturas, como na segunda imagem.

Idealizando uma arquitetura que conforma a “quadra” e cria pátio internos, são subtraídos volumes dos alojamentos, assim como a partir da insolação e ventilação os mesmos sofrem modificações nos volumes para melhor aproveitamento para os dormitórios.

fig.105 esquema intenção de projeto - autor
fig.106 esquema intenção de projeto - autor
fig.107 esquema intenção de projeto - autor
fig.108 esquema intenção de projeto - autor



fig.84 intenções de projeto praça dos estudantes - autor



7.2.2

praça dos estudantes - partido

fig.109 esquema intenção de projeto - autor

fig.110 esquema intenção de projeto - autor

fig.111 esquema intenção de projeto - autor



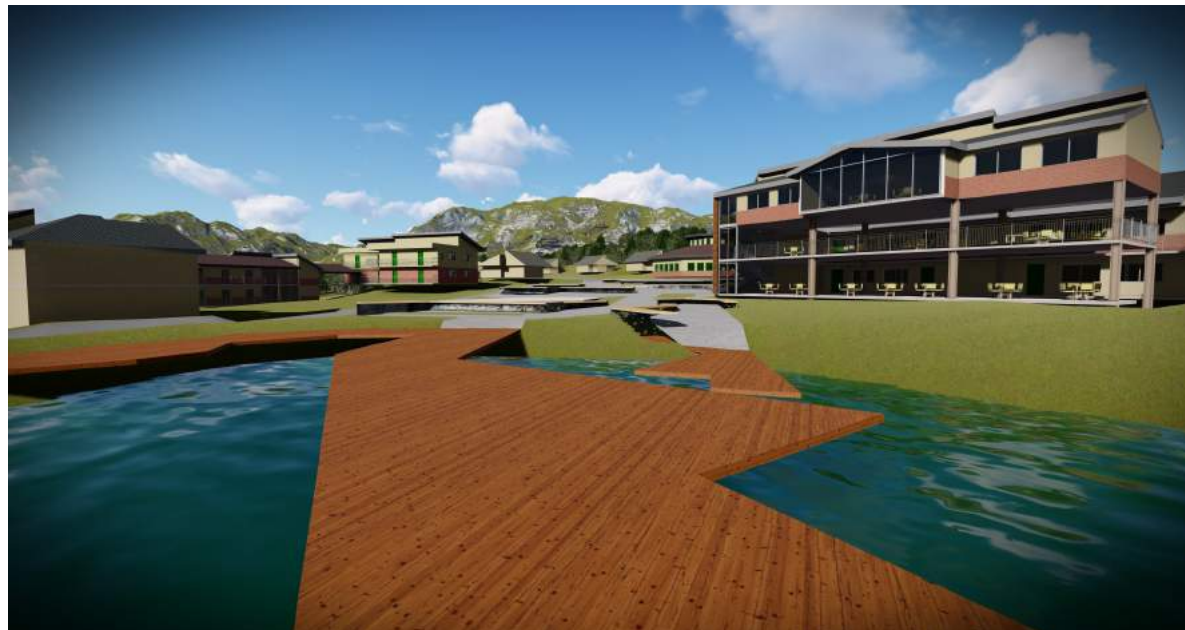
fig.112 render intenção de projeto - autor

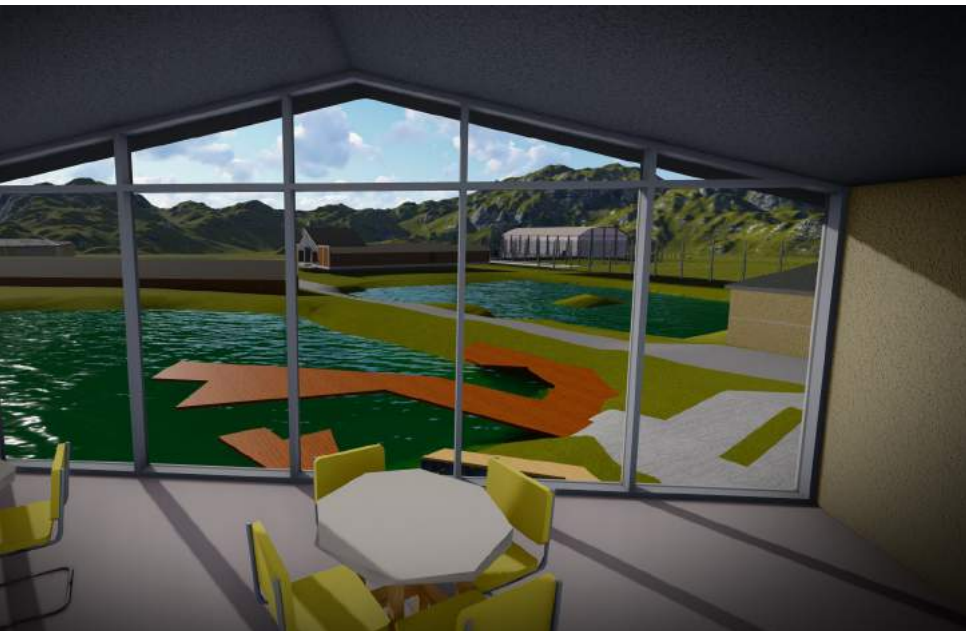
fig.113 render intenção de projeto - autor

fig.114 render intenção de projeto - autor

A praça dos estudantes deve gerar conexão entre as novas arquiteturas como já foi comentado, mas não deixando também de servir de local de convívio, interesse, lazer e encontro para os mesmos, a primeira imagem então idealiza três espaços com usos não definidos, apenas espaços presentes e que possam ser utilizados e apropriados das mais variadas formas.

O primeiro deles é uma elevação com alguns bancos ao seu redor, o segundo é uma laje que mantém o seu nível enquanto a topografia diminui, o que gera uma espécie de balanço e consequentemente visual para o açude. O terceiro espaço é a conexão com a água, um deck de madeira que avança sobre o açude gerando interesse ao mesmo.





7.2.3

alojamento feminino

fig.115 esquema intenção de projeto - autor

fig.116 esquema intenção de projeto - autor

fig.117 esquema intenção de projeto - autor

fig.118 esquema intenção de projeto - autor

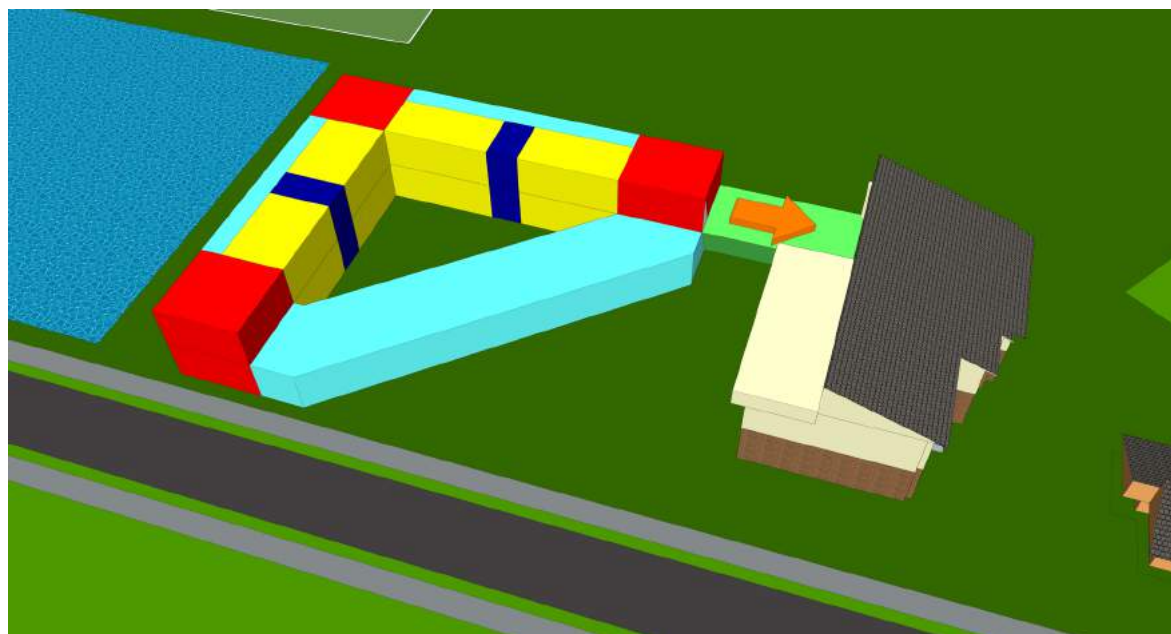
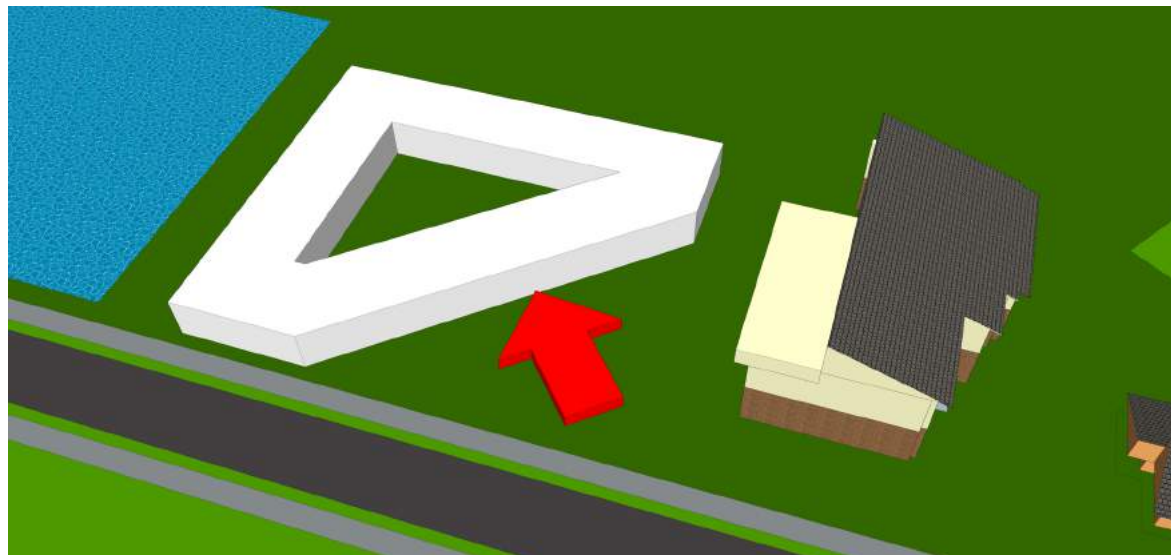
fig.119 render intenção de projeto - autor

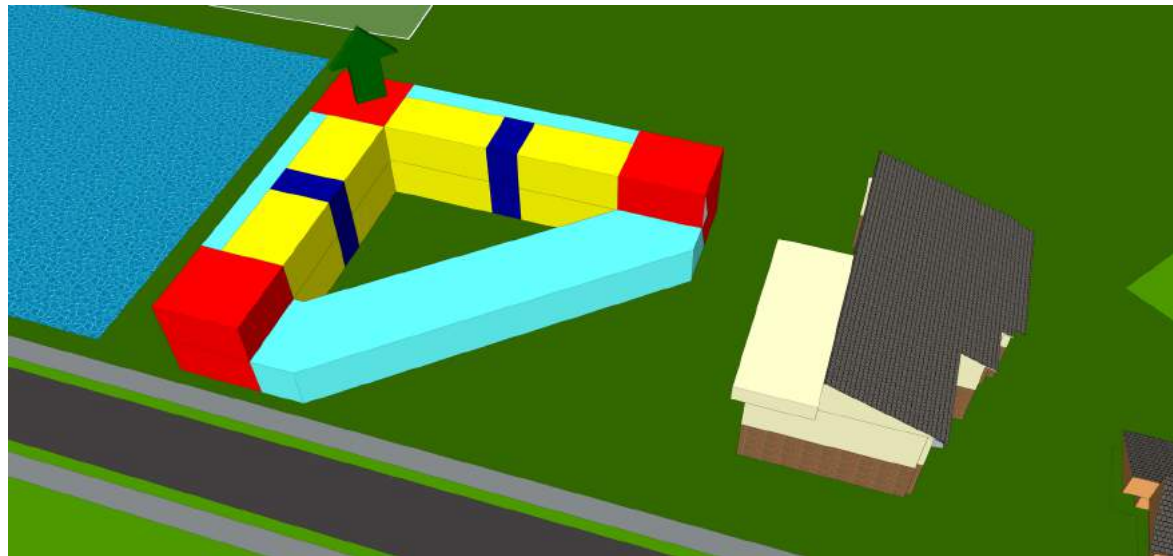
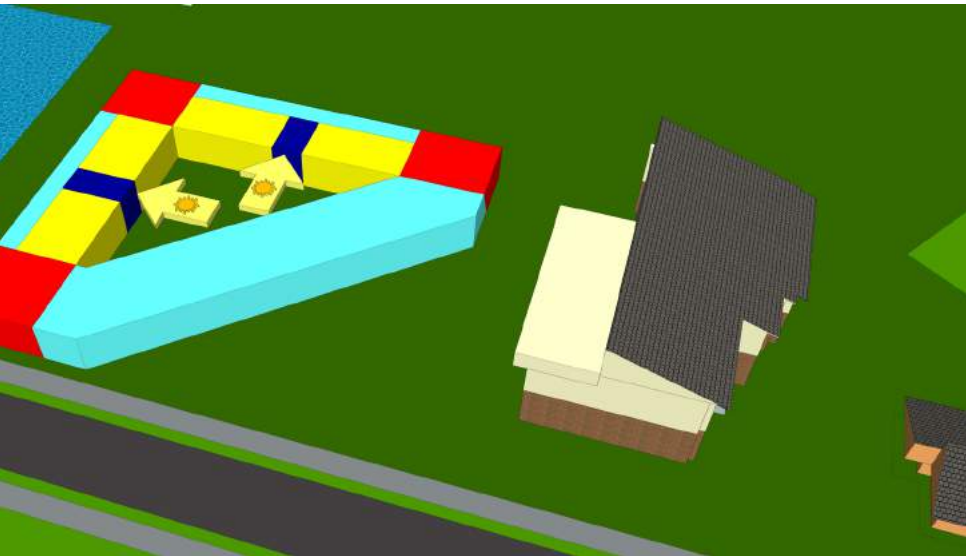
fig.120 render intenção de projeto - autor

- passarela de integração
- circulação horizontal e apoio
- sanitários/circulação vertical
- convívio/estar/encontro
- dormitórios

Como já definido no estudo da praça dos estudantes, há um recuo frontal da nova arquitetura, após os usos começam a ser definidos, onde os dormitórios (amarelo) são locados com as melhores insolações (leste e norte) em vermelho temos os espaços de encontro/convívio, azul circulações verticais e sanitários, azul ciano temos as circulações verticais e serviços, tais como bicicletários, armários de maior dimensão e apoio aos alojados.

A terceira imagem mostra a densificação em dois pavimentos, sem interferir na insolação e na quarta imagem é gerada uma conexão por uma passarela ao alojamento existente já que outra forma de integração se tornou inviável pelo espaço disponível e interferência na qualidade da edificação.





7.2.4

alojamento masculino

fig.121 esquema intenção de projeto - autor

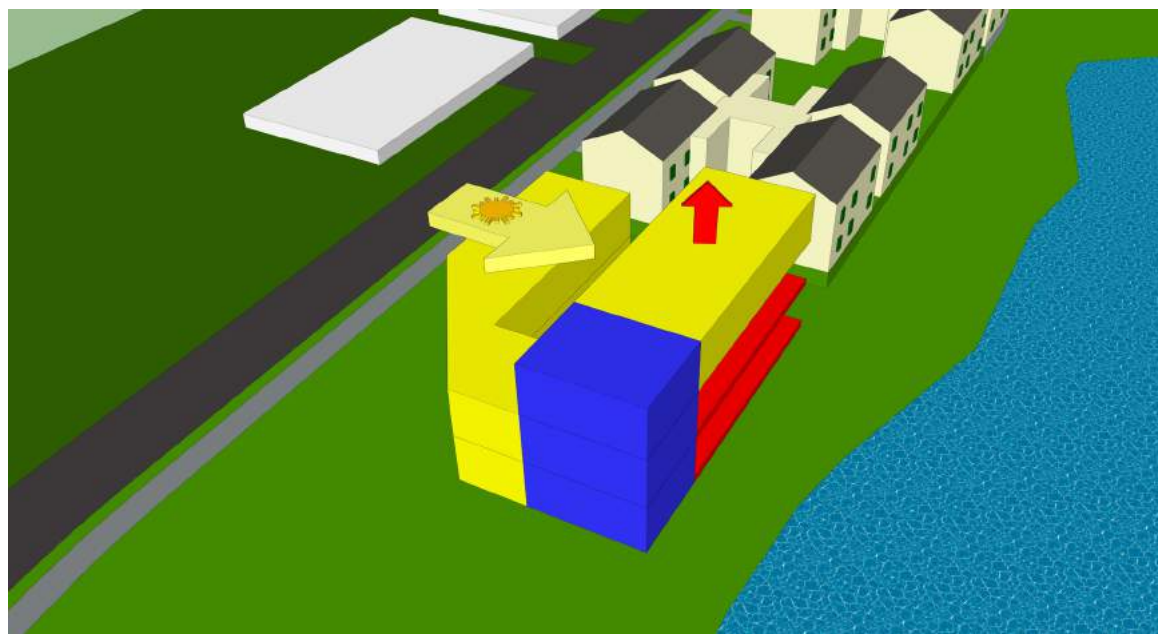
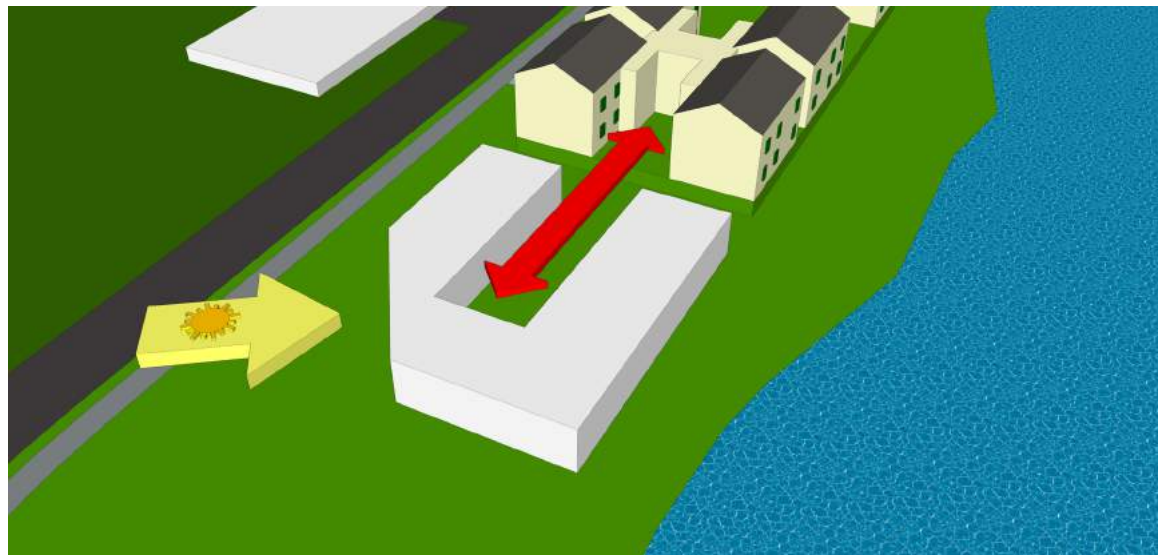
fig.122 esquema intenção de projeto - autor

fig.123 esquema intenção de projeto - autor

fig.124 esquema intenção de projeto - autor

fig.125 render intenção de projeto - autor

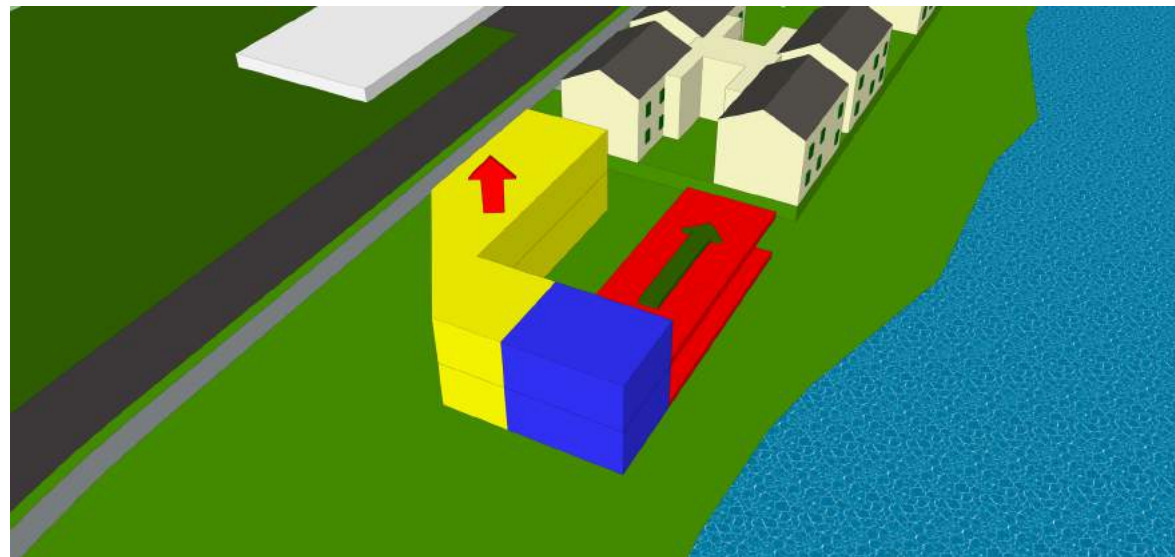
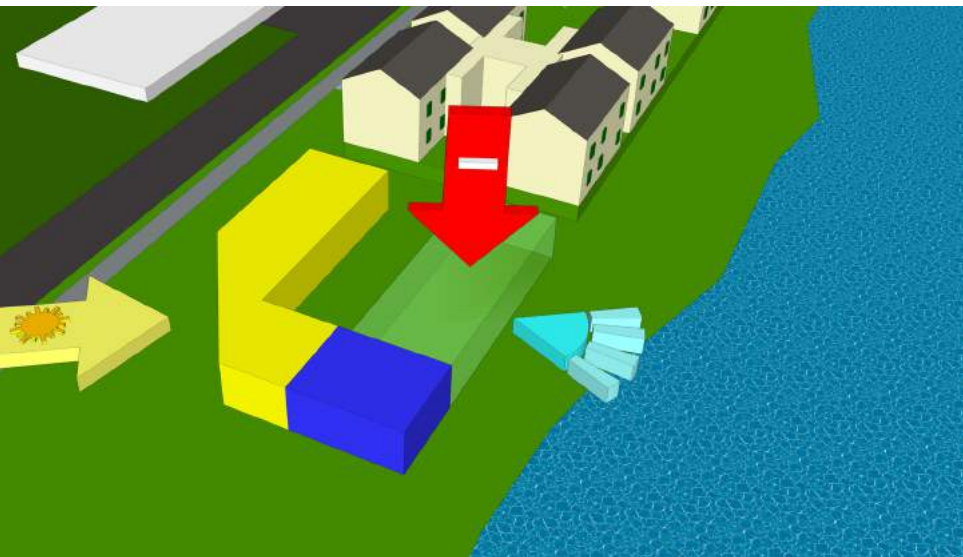
fig.126 render intenção de projeto - autor



- sanitários/circulação vertical
- convívio/estar/encontro
- dormitórios

Tirando partido dos limites da arquitetura existente, da insolação e do forte visual para o açude, a nova edificação é conformada para gerar uma forte ligação, com uma subtração frontal favorecendo os dormitórios (amarelo) na fachada sul, criando um espaço de estar e convívio entre alojados, para também apreciarem a vista e o espaço comum.

A circulação vertical é local estrategicamente no ponto mais desfavorecido e servindo de apoio para as passarelas, também gerando um valor estético e visual para a praça dos estudantes.



7.2.5

conexão dos alojamentos masculinos

fig.127 esquema intenção de projeto - autor

fig.128 esquema intenção de projeto - autor

fig.129 esquema intenção de projeto - autor

fig.130 esquema intenção de projeto - autor

fig.131 render intenção de projeto - autor

fig.132 render intenção de projeto - autor



Os alojamentos existente não possuem apelo arquitetônico importante, sendo edifícios quase que individuais, mas sim histórico e particular, a idealização de meios de conexão entre os mesmos permitindo maiores trocas e estares seria a mais qualificacional sem interferência ou descaracterização importante.

Estares entre os apartamentos são projetados como sacadas, (segunda imagem) para usos pessoais ou de apoio à morada. Entre os blocos foi projetada uma passarela de conexão em “X” (terceira imagem) partindo da ideia da estrutura e da conexão cruzada e direta entre diferentes edifícios, chegando até a nova arquitetura (quarta imagem). Passarelas mais largas e com diferentes tamanhos criam interações entre os diferentes pavimentos, em especial pela diferença de nível entre as arquiteturas anteriores e a atual.





7.2.6

estudo, saúde e lazer

fig.133 esquema intenção de projeto - autor

fig.134 esquema intenção de projeto - autor

fig.135 esquema intenção de projeto - autor

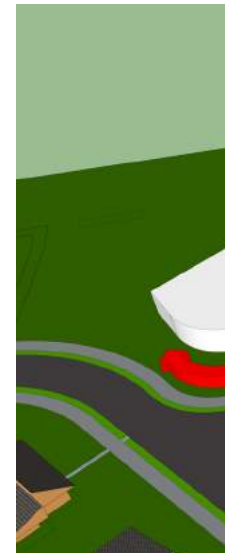
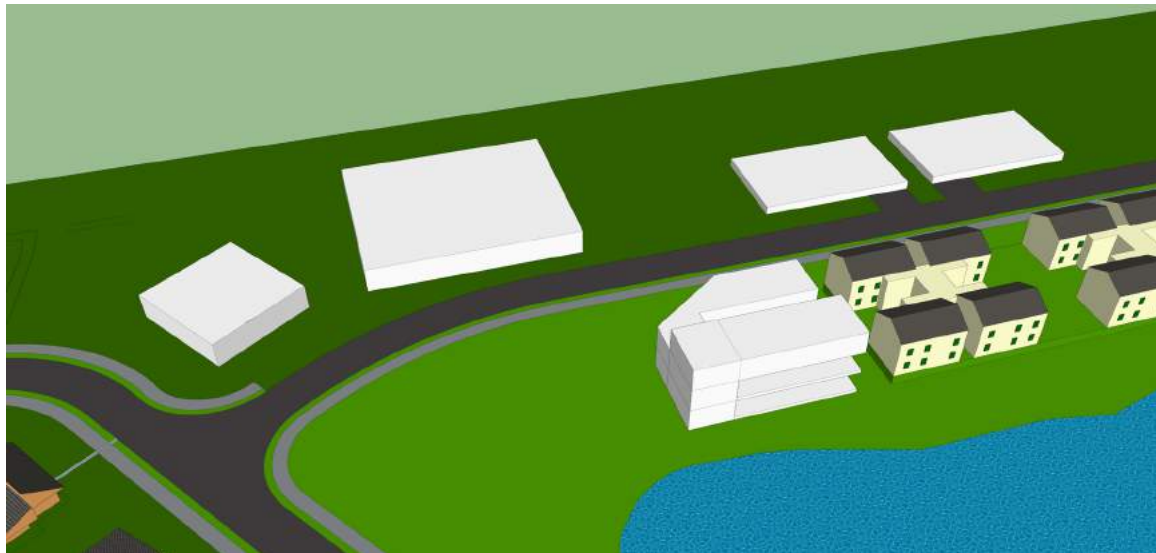
fig.136 esquema intenção de projeto - autor

fig.137 render intenção de projeto - autor

fig.138 render intenção de projeto - autor

Com o centro cultural realocado, restaura-se o uso destinado à habitação, permitindo o projeto de novas edificações, sendo elas destinadas ao estudos, primeira edificação que é conformada a partir da quadra existente (salas de estudo coletivo e computadores para uso nos fins de semana e sanando a demanda superior que a oferta atual da instituição durante a semana), edificação destinada à saúde, com academia, sala de dança, luta e para o lazer uma sala de estar/jogos.

Já existiam no local quadras de vôlei e futebol, as mesmas foram reorganizadas para melhor orientação e organização, gerando um espaço central coberto de usos diversos e principalmente apoio em dias de chuva/vento, além de áreas verdes à serem trabalhadas com paisagismo, continuando a conexão e permitindo a apropriação dos usuários.





7.3

recorte de intervenção três - praça de conexão (moradiaXfaculdade: estudoXesporte

Gerador de uma nova centralidade, o recorte atualmente ocioso é de grande potencial, podendo sanar necessidades de desconexão, entre o setor do ensino médio e a área de esportes, uma possível ampliação para a faculdade de agronomia, além de servir de apoio como praça para o centro cultural que será realocado para o local.

Ainda será mostrado no partido a intenção da criação de uma moradia para o ensino superior, que deve ser separa das atuais, mas ainda havendo um apelo qualitativo para a mesma.

fig.140 mapa área de intervenção dois -
google earth; adaptado pelo autor

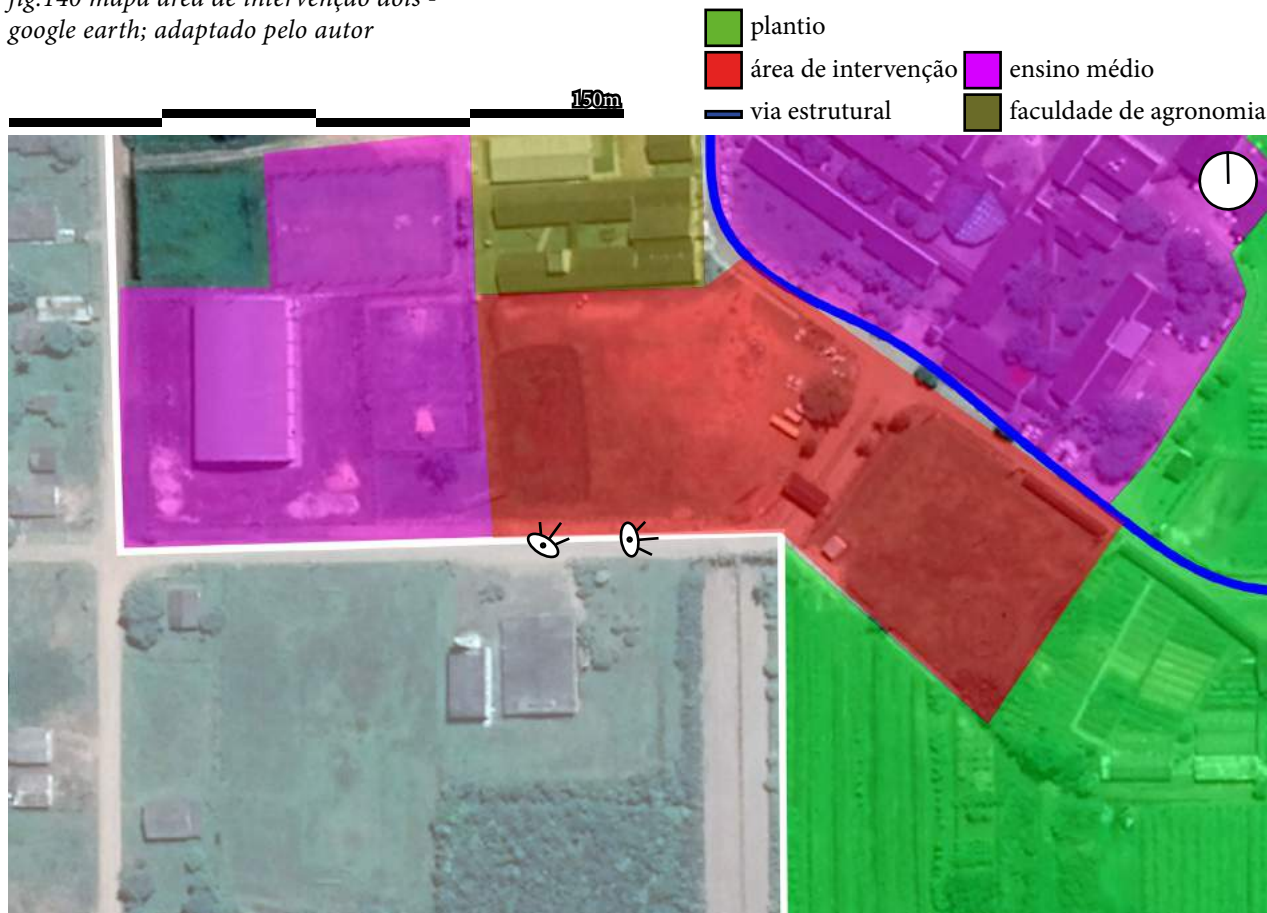


fig.141/142 imagens do local - autor



731

praça de conexão (moradiaXfaculdade) (estudoXesporte)

fig.143 esquema intenção de projeto - autor

fig.144 esquema intenção de projeto - autor

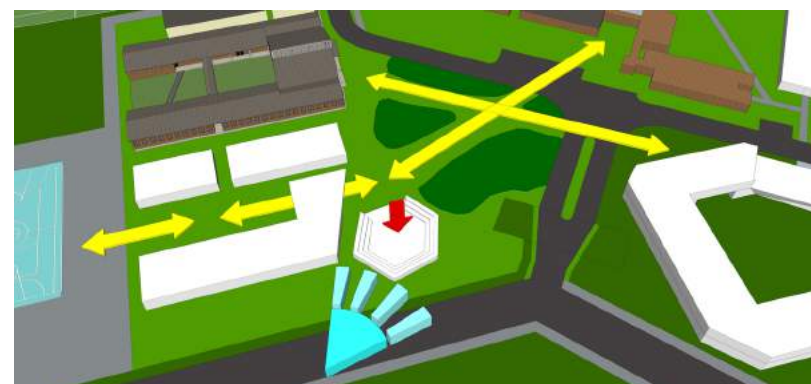
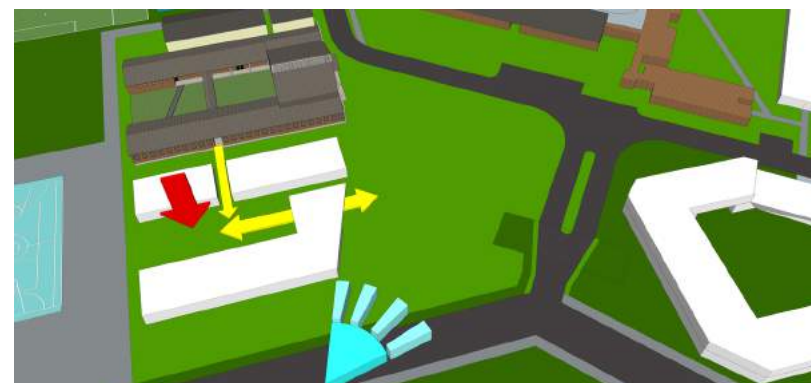
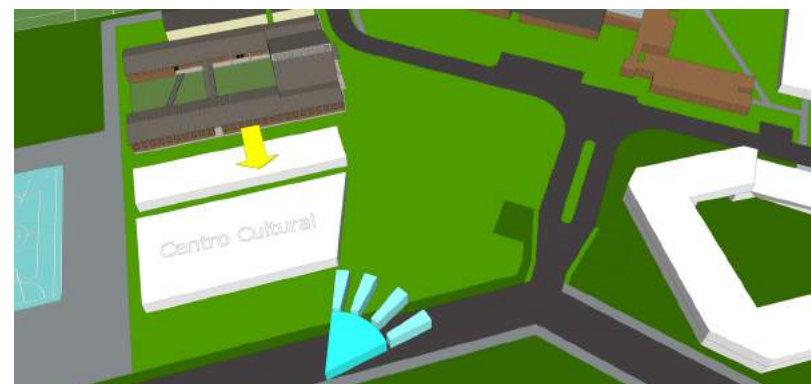
fig.145 esquema intenção de projeto - autor

No acesso principal da instituição há uma área ociosa, porém o uso da mesma é delicado pois a fachada principal da instituição é marcada por linhas horizontais que são avistadas de longe, onde qualquer edificação poderia impedir este acontecimento. Sendo assim o projeto respeitou o campo focal para a fachada da instituição, mantendo uma área aberta.

As edificações propostas são recuadas da esquina, sendo estas o centro cultural, ampliado e melhor organizado que vem servir de arquitetura de conexão entre a centralidade do ensino médio e a área esportiva.

A outra edificação é proposta mas não necessariamente construída, sendo esta uma ampliação da faculdade de agronomia, mantendo o uso junto ao “original” não fazendo com que seja disperso como perso como aconteceu com os usos da instituição.

Na esquina aberta são analisados alguns fluxos e espaços de uso para o paisagismo que será melhor desenvolvido na próxima etapa.



7.8

relação vila X complexo

fig.146 esquema intenção de projeto - autor

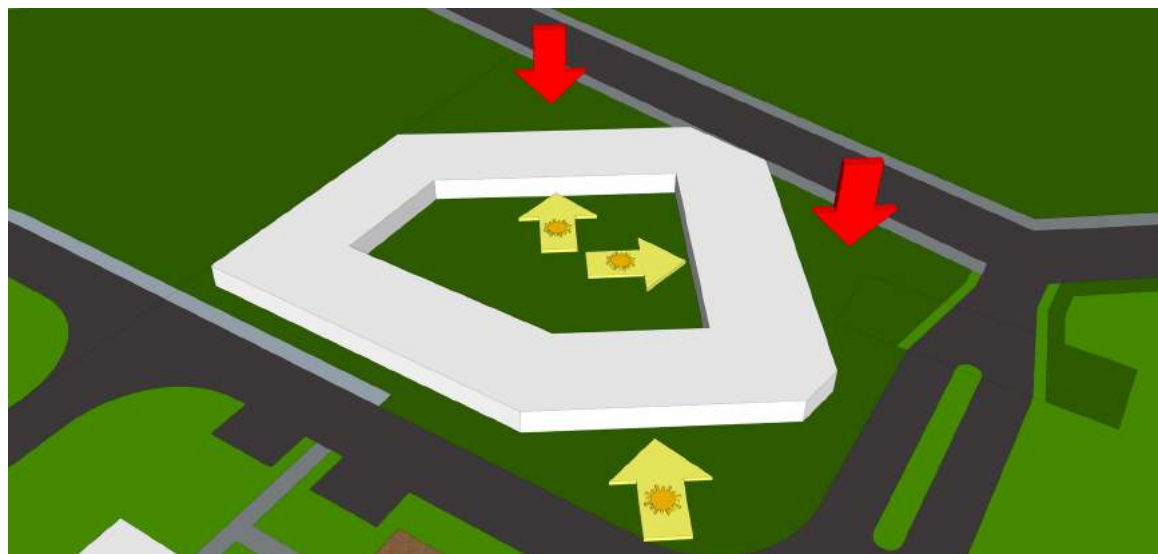
fig.147 esquema intenção de projeto - autor

fig.148 esquema intenção de projeto - autor

fig.149 render intenção de projeto - autor

fig.150 render intenção de projeto - autor

fig.151 render intenção de projeto - autor



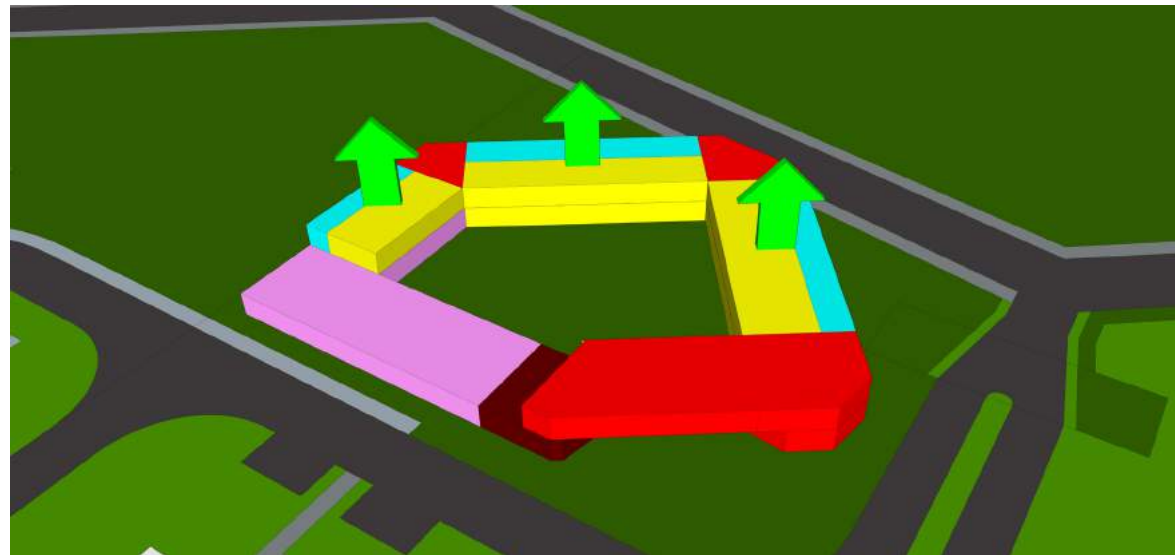
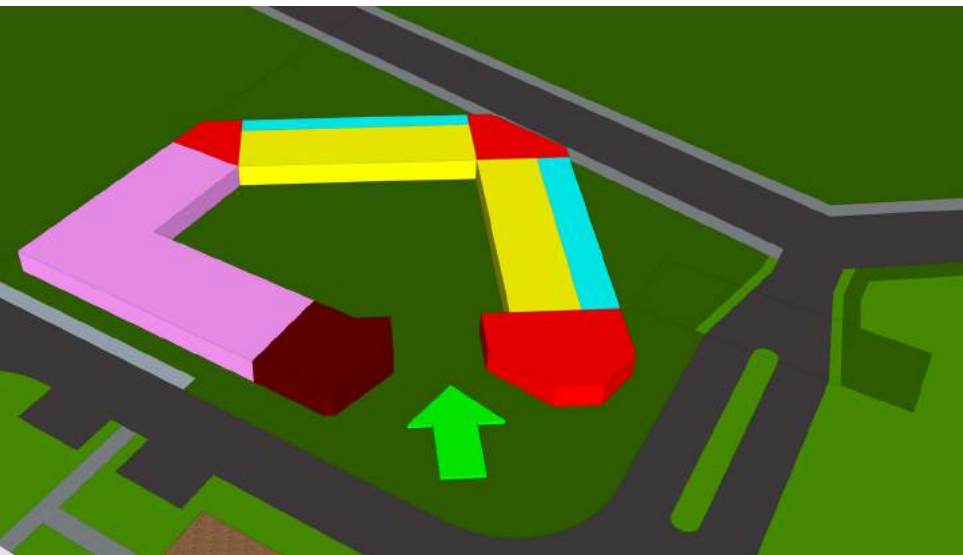
- lavanderia/bicicletário
- convívio/estar/encontro
- circulação horizontal e apoio
- estacionamento
- dormitórios

O IFC está localizado totalmente na área rural do município, mais especificamente na Vila Nova, onde a maioria dos moradores são estudantes, servidores da instituição e pequenos produtores rurais, onde os mesmos se concentram na via de conexão à área urbana, e nas margens do complexo.

Existem alguns pequenos equipamentos também nas margens do instituto,

O mapa mostra a vila, as vias de conexão a mesma e a área do complexo federal.





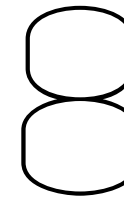
A close-up photograph of two sheep in a field. The sheep in the foreground is a light brown color with thick, curly wool. It is looking towards the right. Behind it, another sheep is partially visible. The background is a blurred field of green and yellow grass under bright, warm light.

8

REFERENCIAS

■ TEÓRICAS





referências teóricas

- ABEL, Jucélia da Silva. Moças ‘invadindo’ o espaço masculino: a escola técnica da sociedade de assistência aos trabalhadores do carvão nos anos de 1970. 2012. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-graduação em Educação, Criciúma, 2012.
- AZEVEDO, Joaquim. O ensino secundário na Europa. 2000. 621 p.
- COLOMBO, Natália. Habitação Estudantil em Criciúma - SC: integrando lazer, estudo e convívio. 2018. 93 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unesc, Criciúma, 2018.
- FIGUEIREDO, Ana Cláudia. Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC): a interseção entre a base legal e a oferta no município de Criciúma/SC. 2016. 116 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, 2016.
- IBGE. Estatísticas: Santa Rosa do Sul. 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html?t=destaques&c=4215653>>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- LIMA, Marcelo; ZANDONADE, Viviane. Expansão da Rede Federal da Educação Profissional no Brasil:: da homogeneidade para baixo à heterogeneidade para cima. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/PRODISCENTE/article/view/8967/6373>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- MACEDO, Angela Maria Kuasne da Silva. Avaliação de competência e indicadores qualitativos de aprendizagem no ensino superior: um estudo no curso técnico têxtil em malharia e confecção do IF-SC - campus Araranguá. 2012. 119 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-graduação em Educação, Criciúma, 2012.
- MEC. Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/30000-uncategorised/52031-catalogo-nacional-de-cursos-tecnicos>>. Acesso em: 24 ago. 2018.
- SEBRAE. Santa Rosa do Sul em Números. 2013. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Relat%C3%B3rio%20Municipal%20-%20Santa%20Rosa%20do%20Sul.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- SERRANO, Isadora Rodrigues. Moradia Universitária: Habitação em conexão ao campus. 2017. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unesc, Criciúma, 2017.
- SIEVERT, Genaldo Luis. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: LEGISLAÇÃO E HISTÓRIA. Curitiba: Puc-pr, 2015. 12 p.
- SOBRAL, Francisco. A formação do técnico em agropecuária no contexto da agricultura familiar do oeste catarinense / Francisco Sobral . – Campinas, SP: [s.n.], 2004.

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO - UNESC
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I
academico | Francis Junior Barbosa da Silva
orientadora | MSc. Rúbia Carminatti Peterson